



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA**  
**CURSO LICENCIATURA PLENA EM TEATRO**

**ÉRICA PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA**

**FEMININO E FEMINISMOS: UM ENCONTRO (IM)POSSÍVEL COM O  
TEATRO**

**BELÉM**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM TEATRO**

**ÉRICA PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA**

**FEMININO E FEMINISMOS: UM ENCONTRO (IM)POSSÍVEL COM O  
TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará,  
como requisito à obtenção do grau de Licenciada Plena em  
Teatro, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Karine Jansen de  
Amorim.

**BELÉM**

**2014**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Biblioteca Universitária da ETDUFPA/ICA/UFPA, Belém-PA**

Sousa, Érica Patrícia Ferreira de

Feminino e Feminismos: um encontro (im)possível com o teatro / Érica Patrícia Ferreira de Sousa; orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Karine Jansen de Amorim. 2014.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, 2014.

1. Teatro – aspectos políticos. 2. Teatro – formação de professores. 3. Feminismos. 4. Mulheres – atividades políticas - Portugal. I. Universidade Federal do Pará. II. Instituto de Ciências da Arte. III. Escola de Teatro e Dança. IV. Título.

CDD - 22. ed. 792.03



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezenove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às dezesete horas, no Auditório da ETDUFPA, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos professores: Profa. Dra Ana Karine Jansen de Amorim (orientador e presidente), Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida examinador(a), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do (a) aluno (a) ÉRICA PATRÍCIA FERREIRA DE SOUSA, intitulado: FEMININO E FEMINISMOS: UM ENCONTRO (IM) POSSÍVEL COM O TEATRO. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente  
com as seguintes observações:

---

---

---

---

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 19 de dezembro de 2014

Ana Karine Jansen de Amorim  
Orientador (a)

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida  
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Erica Patrícia Ferreira de Aze

Local e Data Belém 27 de Março de 2015

Para a minha mãe e para as mulheres.

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento tem de ir às instituições Universidade Federal do Pará e Universidade de Coimbra e aos professores que apoiaram o estudo, com um destaque especial para as professoras: a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Ana Karine Jansen de Amorim que me aceitou como orientanda e pela colaboração na construção desse estudo; a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida porque não me lembro de nenhum momento que não estivesse disponível para falar comigo, a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Luzia Miranda Álvares pelo apoio de que necessitava; a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Adriana Bebiano da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pelas condições favoráveis à implicação feminista, pelo constante desafio que me colocou; por me fazer sentir que podia cumprir os mínimos exigidos pela Capes e por enviar o sumário dos temas da disciplina; a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Flávia Mendes da Universidade Federal do Pará que esteve mais próxima nessa trajetória acadêmica intensa e a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Wladilene Lima pelo incentivo que tornou possível esta formação.

O meu agradecimento ao governo brasileiro que financiou esta formação em Coimbra por intermédio do Programa de Licenciaturas Internacionais da CAPES e do MEC.

O meu reconhecimento a Prof<sup>ª</sup>. Terezinha Pacheco da Universidade Federal do Oeste do Pará e aos amigos da Cia. de Artes Onphalos Programa de Extensão da Universidade Federal do Pará antigo campus de Santarém porque me ensinaram muito.

O meu agradecimento a servidora administrativa da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará Ana Gama pelo abraço no aeroporto Val de Cans de que nunca me esqueci.

O meu agradecimento a Agnes Aguiar estudante brasileira do curso de Letras da Universidade de Coimbra, por falar sobre o que ia acontecer em Vieira do Minho e por facilitar o meu encontro com a Marcha Mundial das Mulheres de Portugal, particularmente, com o núcleo da marcha da cidade de Coimbra.

Às amigas Nilma Oliveria, Iêda Risuenho, Fernanda Andrade, Marisa Sales pelas palavras de apoio quando precisei em Coimbra.

Ao amigo Felipe do Carmo pelas conversas nos cafés de Coimbra.

Aos meus subrinhos Estephane Lorrane e João Victor pela compreensão nos momentos que não podia está com eles porque estava estudando.

À Alexandra Correia, Jessica Araldi, Igor Constantino, Rebeca Moore da Plataforma Coimbra Contra Opressão, por me convidarem a olhar para a opressão na cidade e na Universidade de Coimbra, por me revelarem uma convicção: lutamos por uma universidade sem opressão.

À Clara Carbumar da Marcha Mundial das Mulheres da França por me fazer pensar se jamais teremos um encontro de improviso, só penso nessa questão porque num próximo encontro nos cumprimentaremos na mesma língua.

À Magda Alves da Marcha Mundial das Mulheres de Portugal por me levar a farmácia durante o Camp, por me fazer pensar que não ficamos em dívida para com a outra, mas tornamo-nos solidárias, companheiras.

À Jackeline Ferreira da República das Marias do Loureiro. Um dia desses falo o porquê.

À Ana María Castro Sánchez porque foi a primeira pessoa que me falou sobre um grupo de teatro feminista, porque, de bom grado, me deixou ler a sua pesquisa *La relación del arte y la política en el teatro feminista: Un estudio del quehacer teatral del Colectivo Huitaca*.

À Lorena Abrahão, Liliani Nascimento da Marcha Mundial das Mulheres do Pará pela boa vontade com que me ajudaram na entrevista sobre a experiência na marcha.

À Tatiana Oliveira, Laura Pingarilho, Evelyn Andrade, Nicilene Borges, Vanessa Alves, Romana Melo, Evy Loiola, Raíza Rocha, claro que há mais nomes, pela boa vontade com que participaram no estágio do I Ciclo de Oficina de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará, na apresentação de um teatro manifesto.

À professora, supervisora do estágio Andrea Flores por ter assistido o teatro manifesto e pelos muitos e proveitosos comentários que fez.

À Natália Carvalho pela paciência na formatação deste estudo e pelas conversas que tivemos.

O agradecimento final, mas não o último vai para a Marcha Mundial das Mulheres.

*A minha vida seria uma história bonita que se tornaria verdadeira à medida em que eu fosse contando a mim própria.*

*Simone de Beauvoir*

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa propõe através de uma abordagem narrativa um olhar sobre uma formação feminista, de um pouco mais de um ano, realizada na cidade de Coimbra, que se constitui em dois encontros. Pretende-se, neste, documentar o primeiro no contexto da Universidade de Coimbra, o segundo no contexto da cidade de Coimbra, considerando um diálogo em âmbito internacional, um debate feito na comparação da Teoria da Performatividade de Judith Butler com a Teoria de Simone de Beauvoir e a Política Feminista Contemporânea. Também pretende-se, neste registro, documentar a formação por uma docente no contexto da Universidade Federal do Pará e por militantes feministas no contexto da cidade de Belém. É através destes que serei capazes de dizer que um encontro com o feminino e os feminismos justifica as propostas deste estudo, uma vez que ajuda a um exercício de implicação e a abrir novas possibilidades.

**Palavras-Chave:** Feminino. Feminismos. Política Feminista. Performance. Teatro.

## **ABSTRACT**

This research proposes through a narrative approach a look at a feminist training, a little over a year, held in the city of Coimbra, which is in two meetings. It is intended, in this , the first document in the context of the University of Coimbra , the second in the context of the city of Coimbra , considering an internationally dialogue, a debate made the comparison of the theory of Judith Butler Performativity with Simone Theory Beauvoir and Feminist Politics Contemporary. It is also intended, in this record, document the training by a teacher in the context of the Federal University of Pará and feminist activists in the context of the city of Bethlehem. It is through these that we will be able to say that a meeting with the women and feminisms justifies proposals of this study, as it helps to a implication of exercise and to open new possibilities.

**Keywords:** Female. Feminisms. Feminist. Performance. Theatre.

## LISTAS DE FOTOS

p.

FOTO 1 - Percurso feito até a Universidade de Coimbra.....	32
FOTO 2 - Ritual da Latada.....	33
FOTO 3 - Ação contra Deputado Marco Feliciano.....	36
FOTO 4 - Resultado da última formação Performance.....	37
FOTO 5 - Concentração no Jardim no Mosteiro de Santa Clara.....	38
FOTO 6 - Cartaz para denunciar a Xenofobia na universidade.....	39
FOTO 7 - Cartaz para denunciar o Racismo na universidade.....	40
FOTO 8 - Cartaz para denunciar a Homofobia na cidade.....	40
FOTO 9 - Conferência de imprensa na Universidade.....	41
FOTO 10 - Protesto contra o aumento das Propinas.....	42
FOTO 11 - Natália Guala doutoranda em Sociologia do Direito à esquerda falando sobre o trabalho de extensão dentro das prisões femininas na Argentina, sobre a prisão como espaço de opressão, privação, degradação.....	42
FOTO 12 - Performance Graal realizada na frente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.....	54
FOTO 13 - Manifesto Que se Lixe a Troika.....	61
FOTO 14 - Manifesto 1% para a Cultura.....	63
FOTO 15 - Workshop Franzine Feminista - Auto-organização.....	67
FOTO 16 - Louça do almoço - Auto-gestão do espaço.....	68
FOTO 17 - Símbolo Feminino - Identificação.....	68
FOTO 18 - Feministas de vários países – Irmandade.....	69

FOTO 19 - Manifesto na cidade de Braga - Auto-determinação.....	69
FOTO 20 - O exato momento do encontro.....	75
FOTO 21 - Manifesto em Braga, Portugal.....	77
FOTO 22 - Manifesto Feminista Anti-Austeridade, em Coimbra, Portugal.....	78
FOTO 23 - Performance Feminista.....	78
FOTO 24 - Teatro do Oprimido no Manifesto Anti-Austeridade.....	80
FOTO 25 - Faixa.....	81
FOTO 26 – Cartazes.....	82
FOTO 27 - Caminhada de Campinas à São Paulo.....	89
FOTO 28 - Primeiras conversas no Camp.....	96
FOTO 29 - Primeiras conversas I Ciclo de Oficina de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará.....	97
FOTO 30 - Teatro do oprimido do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres.....	97
FOTO 31 - I Ciclo de Oficina de Teatro da Marcha Mundial das Mulheres do Pará....	98
FOTO 32 - Batucada do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres.....	98
FOTO 33 - Batucada no I Ciclo de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará.....	99

## LISTA DE QUADROS

p.

QUADRO 1 - Informação geral da disciplina.....	26
QUADRO 2 - Análise das correntes feministas.....	33
QUADRO 3 - Entrevista com a docente Maria Luzia Miranda.....	85
QUADRO 4 - Entrevista com a militante feminista Lorena Abrahão.....	89
QUADRO 5 - Entrevista com a militante feminista Liliani Nascimento.....	93

## LISTA DE ANEXOS

p.

ANEXO 1 - Trabalho escrito O Feminino e o Masculino no contexto acadêmico.....	105
ANEXO 2 - Cartilha Plataforma Anti-Praxe Acadêmica.....	113
ANEXO 3 - Carta Aberta.....	114
ANEXO 4 - Paula Rego, S/, Título, Nº5, 1998, Pastel sobre papel montado em alumínio, 160 x120 cm.....	116
ANEXO 5 - A pintura de Paula Rego como voz de outras mulheres.....	117
ANEXO 6 - Nota do Encenador Rircardo Correia.....	118
ANEXO 7 - Informações do European Camp Of Young Feminists.....	119
ANEXO 8 - A dívida dos governos é com as mulheres, não com os bancos.....	120
ANEXO 9 - Temas do I Ciclo de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará.....	121

## LISTA DE APÊNDICES

p.

APÊNDICE 1 - Formulário de Entrevista para a docente Maria Luzia Miranda.....	125
APÊNDICE 2 - Formulário de Entrevista para as militantes feminista Lorena Abrahão, Liliani Nascimento.....	126

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I – OS FEMINISMOS DENTRO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA .....	23
1.1. Sobre os Temas dos Feminismos Contemporâneos .....	24
1.2. Expansão dos temas para outras disciplinas.....	43
1.3. Feminismos e Artes.....	54
CAPITULO II - OS FEMINISMOS ALÉM DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: MOVIMENTO FEMINISTA NÚCLEO DE COIMBRA DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES.....	60
2.1. Princípios e Valores da Marcha Mundial das Mulheres.....	67
2.2. Diálogos e Práticas.....	72
2.3. Os recursos da Performance Feminista .....	81
CAPÍTULO III – OS FEMINISMOS DENTRO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.....	84
3.1. Onde estão o feminino e os feminismos na formação acadêmica na UFPA? .....	84
3.2. A Marcha Mundial das Mulheres e a experiência das militantes .....	88
3.3. Algumas contribuições: os primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará.....	96
CONCLUSÃO.....	100
ANEXOS.....	105

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe através de uma pesquisa qualitativa uma abordagem da formação feminista, de um pouco mais de um ano, realizada na cidade de Coimbra<sup>1</sup>, proporcionada pelo Programa de Licenciaturas Internacionais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES<sup>2</sup>, que se constitui em dois encontros. O primeiro encontro com a universidade, os feminismos, as plataformas. O segundo com a cidade, os movimentos não feministas, os movimentos feministas, neste termo, a Marcha Mundial das Mulheres de Portugal – MMM, particularmente, o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres, o mais relevante na formação<sup>3</sup>.

O trabalho tem por objeto esta formação, tentará oferecer o exemplo de um percurso feminista, de um debate feito na comparação da Teoria da Performatividade de Judith Butler com a Teoria de Simone de Beauvoir e a Política Feminista Contemporânea.

O tema *Feminino e Feminismos: um encontro (im) possível com o teatro* não faz, explicitamente um reporte ao percurso feminista, a não ser na expressão *encontro*, isto também refere a uma via para a compreensão de como o feminino e os feminismos foram se tornando uma reflexão na formação em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra - UC e na formação em Teatro na Universidade Federal do Pará - UFPA. Este surgiu em uma orientação em termos do uso da palavra impossível quando foi pedido falar dos feminismos no Curso de Teatro<sup>4</sup>, tinha já falado com uma turma e dado por muitos conceitos de feminismos que incorrem em preconceitos. Sublinhamos, neste ponto, que podiam ajudar a pensar, assim o chamado encontro impossível adquiriu um ar favorável posta a oportunidade para falar da formação feminista que evidenciou um problema que também conduziu-me ao tema: *Será que não surgem propostas no encontro com os feminismos?* A hipótese aqui, que aparece ao mesmo tempo como contribuição ou proposta, é de um encontro possível com o teatro.

Quando considero esta hipótese não estou desconsiderando a Teoria de Butler, as performances do movimento feminista<sup>5</sup>, tal evidência, claro está, na utilização de parêntese no

---

<sup>1</sup> Referiro-me a formação feminista, ao período de 2012 a 2014.

<sup>2</sup> Não tem aqui o reconhecimento da Capes.

<sup>3</sup> Tem, assim, todo o sentido começar o título com o feminino.

<sup>4</sup> Curso 405 – Teatro (Lic) Noturno

<sup>5</sup> Preferencialmente sobre temas ligados a mulher.

encontro com o teatro, nem estou considerando essa teoria, mas a Teoria de Simone de Beauvoir<sup>6</sup>, em primeiro, estou considerando a política feminista, especialmente da Marcha Mundial das Mulheres, os seus contextos metodológicos.<sup>7</sup>

Nesta linha, este trabalho pretende mostrar os princípios de organização da marcha, as estratégias de diálogos<sup>8</sup>, as práticas, a principio, algumas para realização de manifesto, performance. Para mim, a capacidade de entender as práticas aqui não depende apenas da vontade, mas também das possibilidades, o que se verificou em Coimbra e este trabalho tentará demonstrar utilizando uma abordagem narrativa através do método indutivo, focalizando dois caminhos evidentes na formação feminista. Um que nos entusiasmou com todos os níveis de discursos: teórico. Outro que nos entusiasmou com as lutas e nos sintonizou com os discursos: prático.

Tocando a introdução, o trabalho de pesquisa está dividido em três capítulos. Primeiro capítulo *Os Feminismos dentro da formação acadêmica na Universidade de Coimbra*. Segundo capítulo *Os Feminismos além da Universidade de Coimbra*. Terceiro capítulo *Os Feminismos dentro da formação acadêmica na Universidade Federal do Pará*.

No primeiro capítulo *Os Feminismos dentro da formação acadêmica na Universidade de Coimbra* procuro abordar os feminismos na UC a partir de publicações e da Disciplina Transversal da Faculdade de Letras *Temas dos Feminismos Contemporâneos* da prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Bebiano; demonstrar no subcapítulo *Sobre os Temas dos Feminismos Contemporâneos* uma visão geral da disciplina, dos temas utilizados, também a seleção dos temas que compreendi, procuro mostrar ainda aqui ações em que meti-me, outros temas que tornaram frutuosa a compreensão do contexto acadêmico.

Neste primeiro capítulo, para além de incluir no subcapítulo *Sobre a expansão dos temas para outras disciplinas* a seleção de três temas dos feminismos inseridos em três trabalhos de outras disciplinas<sup>9</sup>, busco incluir os referenciais teóricos numa nota explicativa, de modo, a viabilizar as ideias norteadoras dos rumos pelas quais a formação foi se direcionando. Também busco incluir no sub-capítulo *Feminismos e Artes* pesquisas externas feitas para

---

<sup>6</sup> Atenção à parte.

<sup>7</sup> Nestes residem mais ou menos explicito exercícios práticos e jogos de Augusto Boal.

<sup>8</sup> As estratégias fundamentais de que parti é a do European Camp Of Young Feminists, do Encontro Anti- Austeridade.

<sup>9</sup> Arte da Performance, Métodos de Investigação em História da Arte.

aprofundar o tema Feminismos e Artes, assumir algum feminismo, alguma arte, algumas respostas para a questão que me confrontei na pesquisa.

No segundo capítulo *Os Feminismos além da Universidade de Coimbra*, busco ilustrar o panorama político, social, artístico da cidade de Coimbra, dar conta dos movimentos sociais, culturais e políticos que existem na cidade; no âmbito dos movimentos políticos destaco o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres, nitidamente feminista.

No subcapítulo *Princípios e Valores da Marcha Mundial das Mulheres* evidencio a natureza, os princípios, os valores deste movimento relacionando com o que notei no European Camp Of Young Feminists, nos referenciais teóricos.

No sub-capítulo *Diálogos e práticas*, indico o momento do encontro com o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres; para esclarecer os diálogos, indico os temas, os objetivos, os desafios do encontro; no caso das práticas, indico dois manifestos, uma curta performance, apresentada na cidade de Braga, frutos do encontro, o teatro do oprimido apresentado na cidade de Coimbra, fruto do último manifesto<sup>10</sup>.

Aqui busco intercalar com as práticas o debate feito na comparação da Teoria da Performatividade de Judith Butler com a Teoria Feminista de Simone de Beauvoir e a Política Feminista Contemporânea.

Considero do ponto de vista da Teoria da performatividade os textos *O gênero atuante: a performance de gênero em The Passion of New Eve e Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)* de Carlos Henrique Bento; *Desafios do(s) feminismo(s) na perspectiva da transformação social* de Guacira Cesar de Oliveira; *Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma* de Marta Lamas; *La Donna È Mobile ou da mobilidade como esteriótipo do feminino* de Isabel Capelo Gil; do ponto de vista da Teoria de Simone de Beauvoir, os livros *O Segundo Sexo 2* de Simone de Beauvoir; *20 Mulheres para o século XX* de Inês Pedrosa; o texto *Simone de Beauvoir, Uma filósofa para o século XX?* de Maria Luísa Ribeiro Ferreira; do ponto de vista da Política Feminista Contemporânea os textos *A Revolução das Feministas Portuguesas 1972-1974: “Do Processo das Três Marias” À Formação do MLM Movimento de Libertação das Mulheres* de Cristina Pena; *A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista* de Adriana Vidal de Oliveira.

---

<sup>10</sup> Definido no European Camp Of Young Feminists em Vieira do Minho para 2014.

No subcapítulo *Os recursos da Performance Feminista* demoro um pouco na primeira performance da marcha, no tema que se inscreveu também sob a forma de faixas, cartazes, frases de ordem e música; aqui penso que esta performance constitui um bom exemplo do encontro com o teatro, porque esta, no contexto de workshop, teve na sua base uma série de jogos metodológicos do teatro do oprimido de Augusto Boal, no contexto do manifesto, algumas tendências da performance que sublinhei bem depois no texto *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea* de Eleonora Fabião, incluí estas tendências porque entendo que são inconscientes no movimento feminista, porque enquanto para Butler o ato performativo quer dizer a mesma coisa que gênero, para esta autora o ato performativo quer dizer programa.

Para passar deste ponto para o terceiro capítulo *Os Feminismos dentro da formação acadêmica na Universidade Federal do Pará*, encerro esta abordagem mostrando a necessidade de considerar o ato performativo um programa, um manifesto feminino; o segundo momento da formação feminista, um encontro com o feminino e com o teatro, pois vi que o encontro com o teatro do oprimido, se desenvolveu, praticamente, além da Universidade de Coimbra, no encontro com a Marcha Mundial das Mulheres de Portugal, em todo caso não estou com isso, negando a inestimável contribuição da Universidade de Coimbra; esta foi marcante no fim da formação na Universidade Federal do Pará.

No terceiro capítulo evidencio isso procurando falar dos feminismos na formação acadêmica na Universidade Federal do Pará. Para tanto, em primeiro momento, procuro evidenciar no subcapítulo *Onde estão o feminino e os feminismos na formação acadêmica na UFPA?* as possibilidades dos estudos feministas e dos estudos de gênero que a mulher tem nos institutos, nas faculdades, nos projetos de pesquisa no âmbito do tema em estudo<sup>11</sup>, no subcapítulo *A Marcha Mundial das Mulheres do Pará e a experiência das militantes*, as formações, os projetos que as diferencia das formações, dos projetos de pesquisa da Universidade<sup>12</sup>, em seguida, procuro retomar a hipótese deste trabalho; no subcapítulo *Algumas contribuições: os primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará* procuro evidenciar uma proposta surgida conscientemente dentro da marcha, na região metropolitana de

---

<sup>11</sup> Ressalto as possibilidades segundo a Prof<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup> Maria Luzia Miranda Álvares coordenadora do *Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero*, segundo a pesquisa bibliográfica.

<sup>12</sup> Ressalto as formações, os projetos segundo as militantes feministas da Marcha Mundial das Mulheres do Pará Lorena Abrahão e Liliani Nascimento.

Belém<sup>13</sup>, os temas da disciplina *Temas dos Feminismos Contemporâneos*, do European Camp Of Young Feminists, revisitados, apresentados; afirmar as bases em que o trabalho se fundamenta.

Nas considerações finais procuro simplesmente ratificar que uma série de temas, encontros, ações, recursos metodológicos<sup>14</sup> nos leva a crer num encontro possível com o teatro, antes de mais procuro dizer que não há estudos e debates feministas na Universidade Federal do Pará, mas aquilo que quero deixar na memória são os estudos e os debates feministas realizados na Universidade de Coimbra e os manifestos realizados além da universidade<sup>15</sup>; na continuação deste estudo, quero deixar outro modo de se pensar e se fazer teatro, fruto dos primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará.

Finalmente procuro dizer que é fundamental tal continuação, pois contribuiria para reconhecer alguns pontos que merecem investigação, um teatro marcado da identidade política.

---

<sup>13</sup> Formalizadas através de um estágio supervisionado em Novembro de 2014, I ciclo de Oficina de Teatro Manifesto voltado para as mulheres.

<sup>14</sup> Aplicadas em reuniões para realização de manifestos.

<sup>15</sup> Anne Carr diz no livro *La Femme Dans L'Eglise*, traduzido para *A mulher na igreja* por Antônio J. Pinto Ribeiro, que são mais conviviais e coletivos que na universidade; aqui não resistimos em mostrar um material para banca de qualificação.

## CAPÍTULO I – OS FEMINISMOS DENTRO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resultado da formação de um pouco mais de um ano que se desenvolveu em Coimbra, este trabalho de pesquisa tem a presunção de mostrar, por meio de uma abordagem narrativa, a minha formação feminista e, no centro deste capítulo, uma reflexão sobre o meu percurso acadêmico, sobre os feminismos e os temas dos feminismos tratados na disciplina *Temas dos Feminismos Contemporâneos* e na Universidade de Coimbra<sup>16</sup>, uma reflexão sobre o alcance e o efeito que tiveram, conferindo ao curso de teatro da Universidade Federal do Pará uma perspectiva distinta, tomando uma posição de que um teatro que detém características de um manifesto surge do encontro polêmico com o movimento feminista e com os feminismos.

O título deste decorre de um problema: Será que não surgem propostas no encontro com os feminismos?

No que respeita este capítulo, foi inspirado por uma apreensão da formação acadêmica que juntou-se a apreensão dos feminismos e dos temas principais da disciplina, sendo necessário dizer que esta constituiu o início da minha formação, confrontou-me com um conjunto de práticas institucionais aplicadas aos calouros da UC, a praxe acadêmica<sup>17</sup>, com uma questão fundamental na formação: os feminismos não possuem uma posição contra a academia, existem enquanto movimento intelectual e acadêmico.<sup>18</sup>

Para a docente Adriana Bebiano (2009, p. 8) encontramos os feminismos em muitas universidades portuguesas, embora subsumidos em áreas de investigação reconhecidas formalmente pelas instituições universitárias e governamentais; a razão pela qual achei importante este capítulo; conectada com esta, outra, segundo a qual, precisamos dos feminismos.

---

<sup>16</sup> Entrei para a Universidade Federal do Pará em 2011, para a Universidade de Coimbra em Setembro de 2012 por um edital 008/2012 do Programa de Licenciaturas Internacionais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Eu sou pesquisadora, atriz, performer, militante feminista, proletária, precária, traficada, marginal, transexual, lesbiana, cigana, sudaca, violada, índia, dona de casa, desviada.

<sup>17</sup> Se está interessad@ em ler mais sobre a praxe acadêmica, este é um bom texto por onde começar: *Em busca da “praxe”* de Teresa Tavares.

<sup>18</sup> Segundo Margareth Rago desde meados do século XX, até ele foi colocado como um tema: origens, movimentos, líderes e mentoras, produções, conquistas. (Rago, p.7)

Percebi aqui:<sup>19</sup>

“Por que a história e a memória do feminismo? Certamente, o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado.” (Rago, p. 5)

Na linha de Margareth Rago penso que vale a pena dedicar-me aos feminismos na Universidade de Coimbra. A introdução do livro *Estudos Feministas: ensaios de uma interdisciplina* tem confirmado que ele tem por base as investigações dos docentes das áreas de Estudos Culturais, Estudos Literários, Sociologia, Filosofia, Teologia, Estudos de Migração, Direito, tem ainda destacado o apoio dos Programas de Mestrado, de Doutoramento em Estudos Feministas que incluem seminários e dos grupos de discussões que sinto que produziram um efeito que me acompanha.

### 1.1. Sobre os Temas dos Feminismos Contemporâneos

Este subcapítulo procura falar sobre a disciplina *Temas dos Feminismos Contemporâneos*<sup>20</sup> sobre como começou e como a formação dentro da universidade foi acontecendo; com o objetivo de tornar a formação acessível, não vou tomar conta do sumário da disciplina na sua totalidade, vou seguir um método seletivo, esboçar alguns temas que são úteis para avaliarmos o percurso até esta investigação.

Sobre os *Temas dos Feminismos Contemporâneos*<sup>21</sup> posso dizer que foi assim uma “caixa de pandora”<sup>22</sup> donde saiu os temas: A transversalidade disciplinar das abordagens

---

<sup>19</sup> Citação sobre a bibliografia encontrada que sucedeu a inscrição na disciplina.

<sup>20</sup> De fevereiro de 2013 até Maio de 2013.

<sup>21</sup> Disciplina Transversal da Faculdade de Letras, oferecida no 2º semestre do ano letivo 2012/2013.

feministas; O essencialismo e determinismo biológico versus a construção cultural da identidade sexual; Estereótipos: imagens fixas, falsas, pré-concebidas que condicionam a percepção de grupos sociais e criam marginalidades e hierarquia de poderes; Linguagem inclusiva para combater o sexismo, racismo e homofobia na linguagem, ainda os discursos e o seu poder para criar e naturalizar práticas sociais opressoras; Processos e possibilidades da ressignificação. O exemplo das Marchas das Vadias; Os limites do “politicamente correto”: uma forma de censura que cria novas opressões?; “Herstory” (Maggie Humm): a necessidade de uma historiografia feminista que opere o resgate das mulheres para a História; Feminismo português de 1ª vaga, articulação com o Movimento Republicano; Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, ligações internacionais, cisões internas; O fator classe; Formas informais de intervenção na política; Hierarquia de opressões (e de combates); Texto de Ana Vicente, “Antifeminismo”; Processos de feminização de algumas profissões; “Herstory”: o Dia Internacional da Mulher. História, narrativas de origem, significado. Entre a festa e a luta. Processo de mercantilização e trivialização; A violência doméstica e de gênero; Violência simbólica e violência física; A heterossexualidade normativa e os “desvios; Mutilação Genital Feminina; Conceito de honra e “crimes de honra”; Violação: sexo sem consentimento mútuo; Redefinições conforme os contextos. “Rape culture”: o discurso da responsabilização /culpabilização das vítimas e desresponsabilização do agressor; O estigma associado à vítima. (Ensinar as meninas a não ser violadas em vez de ensinar os meninos a não violarem.); Aborto e IVG: as questões éticas e as questões jurídicas; Contextualização nos direitos à saúde reprodutiva; Articulação com a maternidade por escolha ou do direito à maternidade e direito ao corpo; O impacto estético da música produzindo a invisibilidade das letras e, logo, da questionação da sua política; A literatura: para além da sua dimensão lúdica e estética, a dimensão política; A questão do “acesso ao cânone” na literatura (como nas outras artes); Os textos têm sexo? Ginocrítica e “écriture féminine” o essencialismo destas linhas teóricas; Mariana Alcoforado e as Lettres Portugaises (1669): que tipo de feminino? Que voz? A questão do/a autor/a; Novas Cartas Portuguesas (1972): uma revolução estética e política; O “caso das Três Marias”: impacto nacional e internacional de um fenómeno dito (apenas) literário.

Todos estes temas foram discutidos ao longo da disciplina.<sup>23</sup> Dos demais temas levantados com ajuda externa<sup>24</sup> no trabalho oral *O Patriarcado nas Letras de Forro*, no

---

<sup>22</sup> Princípio do mal. É indispensável falar que desde o primeiro semestre manifestei tendências para pesquisar pintores que se dedicavam ao tema feminino.

<sup>23</sup> Fonte: Sumário da professora.

<sup>24</sup> Internet, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

trabalho final *O Feminino e o Masculino no contexto acadêmico*, posso dizer que a disciplina foi a primeira a conhecê-los e acolhê-los.

Sobre esta posso dizer ainda que teve uma preocupação, desde o início, com a apresentação de algumas informações gerais e de algumas regras de funcionamento da aula como a presença contínua e a importância de nos expressarmos sem medo.<sup>25</sup> A esta última a professora teve também a preocupação de acrescentar mais uma regra que pôs por terra as fartas apresentações das disciplinas: não eliminarmos os palavrões porque precisamos da articulação destes com os temas. A disciplina também teve uma preocupação com a participação da turma que vai à frente das outras, à frente pelo encorajamento dos estudantes à descoberta e apresentação dos temas dos feminismos contemporâneos.

Seguindo o programa criado (Ver Quadro 1) apresentarei um quadro geral da disciplina.

**Quadro 1 - Informação Geral da Disciplina**

<b>OBJETIVOS</b>	<b>PROGRAMA</b>
Refletir sobre a alteridade do feminino.	Feminino
	Masculino
	Alteridade
	Cidadania
Refletir sobre a sua secundarização nas sociedades contemporâneas.	Diferença sexual
	Esteriótipo
	História/herstory
	Olhar
Criar uma consciência da artificialidade das práticas sociais e culturais	Reescrita
	Patriarcado
	Voz

**Fonte: Dados do InforeEstudante da Universidade de Coimbra**

E avançarei para o método de ensino e de avaliação.

<sup>25</sup> A construção desta regra revelou-se necessária pela possibilidade de apreender estabelecendo ligações entre um tema e um exemplo e pela tradição e o conservadorismo da universidade.

O método de ensino teve duas abordagens, comparativa com referência a diversos pensamentos feministas; transdisciplinar com referência a textos, excertos, citações, poemas e etc.<sup>26</sup>

O método de avaliação, dado o elevado número de alun@as inscritos na disciplina, não ofereceu avaliação contínua, mas mista e final<sup>27</sup>, sendo dito que alun@s em avaliação mista, deveriam apresentar assiduidade às aulas<sup>28</sup> e um tema dos temas dos feminismos e um trabalho escrito, deveriam responder a uma pergunta na avaliação final<sup>29</sup>.

Se até agora me preocupei com a disciplina, passarei aos temas, seguramente aqueles que compreendi de imediato, situando nas referências<sup>30</sup>: Feminismo<sup>31</sup>, Sexismo<sup>32</sup>, Essencialismo e determinismo biológico Versus Construção cultural da identidade sexual<sup>33</sup>; Esteriótipos<sup>34</sup>; O Politicamente Correto<sup>35</sup>, A necessidade de uma linguagem conceitual para refletir sobre as práticas sociais e os discursos<sup>36</sup>; Processos e possibilidades da ressignificação<sup>37</sup>; Herstory: a necessidade de uma historiografia feminista<sup>38</sup>; Biografia feminina<sup>39</sup>. Violência<sup>40</sup>; Empoderamento<sup>41</sup>; Aborto<sup>42</sup>, Mulheres e Religiões<sup>43</sup>; Novas Cartas

<sup>26</sup> É por isso que os métodos de estudos foram variados.

<sup>27</sup> Métodos de avaliação da Universidade de Coimbra.

<sup>28</sup> Indicado que seriam duas aulas na semana.

<sup>29</sup> Optei pela avaliação mista. Para esta o exame valia 50% da avaliação global.

<sup>30</sup> Partimos de duas: Amaral, Ana Luísa. Macedo, Ana Gabriela. *Dicionário da Crítica Feminista* Afrontamento, 2005; Vicente, Ana. *Dança dos demónios. A intolerância em Portugal*. In Marujo, Antônio e José Eduardo Franco (org.). Lisboa: Círculo de Leitores, 2009; de materiais diversos indicados ao longo do semestre.

<sup>31</sup> Ver origem, conceito de Feminismo em Irene Vaquinhas. *As Mulheres no mundo Contemporâneo: história comparada*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Novembro de 2005, p. 42-44

<sup>32</sup> Amaral e Macedo, 2005, p. 176

<sup>33</sup> Ver o livro de Simone de Beauvoir *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet, 2008.

<sup>34</sup> Por exemplo, os disponíveis em filmes Boneca de Luxo 1961, O pecado mora ao lado 1955, Os homens preferem as louras 1953, O anjo azul 1930, O exterminador 1984, Indiana Jones e a Última cruzada 1989.

<sup>35</sup> Segundo a professora conceito da cultura americana que se refere a política de inclusão na consciência e na linguagem.

<sup>36</sup> Referimo-nos ao gênero.

<sup>37</sup> O exemplo em Marcha das Vadias.

<sup>38</sup> Em contraponto a historiografia.

<sup>39</sup> As biografias analisadas foram: Joana D'arque, Catarina da Rússia, Rainha Isabel I, Ana Castro Ósorio, Anita Garibaldi. Daqui pode-se retirar várias: PEDROSA, Inês (2001). *Vinte Mulheres para o século XX*. Dom Quixote, 2º ed. Lisboa.

<sup>40</sup> Encontra-se no Dicionário da Crítica Feminista, p. 193

<sup>41</sup> Este termo não significa o mesmo que o uso de poder, usado pelo homem sobre a natureza e a mulher ou da mulher sobre o homem, qualquer tipo de poder pela força, imposto, mas um poder interior... Leonor, Rosa. *Mulheres & Deusas*. Ariana, 2008, p. 125

<sup>42</sup> Paula Rego, S/, Título, Nº5, 1998, Pastel sobre papel montado em alumínio, 160 x120 cm.

<sup>43</sup> Para uma excelente síntese reflexiva: KELEN, Jacqueline. *As Mulheres da Bíblia: as virgens, as esposas, as rebeldes, as sedutoras, as profetisas, as prostitutas...* Ancora, Lisboa; Evangelho de São João Capítulo 20, neste encontramos trecho extenso sobre Maria Madalena.

Portuguesas<sup>44</sup>, O “caso das Três Marias”<sup>45</sup> impacto nacional e internacional de um fenómeno dito (apenas) literário, Antifeminismo<sup>46</sup>, Travestismos<sup>47</sup>, Teoria Querr<sup>48</sup>, Feminismo e Arte: Guerrillas Girls<sup>49</sup>.

Passarei as abordagens desenvolvidas ou as questões temáticas<sup>50</sup>, nestas o que interessa realçar são citações, conclusões.

Tivemos a primeira conclusão a partir daqui: “O feminismo é uma “curiosidade histórica” ou é ainda pertinente na contemporaneidade?”

Concluimos que é pertinente para compreendermos que a mulher foi subalternizada; fizemos lembrar que para a subalterna falar é preciso educação.

Assim, tivemos que ver a questão do feminismo, obviamente, com a problemática da educação no século XV<sup>51</sup>, XVIII e XIX; pudemos observar na segunda metade do século XVIII o fecho da família sobre si próprio, a divisão vida privada e vida pública, na primeira metade do século XIX o nascimento do feminismo<sup>52</sup>, na segunda metade do século dos estudos feministas.<sup>53</sup>

Na perspectiva de mostrar como cheguei aos estudos feministas e também aqui as correntes marxista, radical, trago uma citação em forma também de explicação da palavra feminismo e feminista:

Remontam ao vocabulário do discurso político francófono do século XIX, sendo por conseguinte, posteriores aos primeiros movimentos de mulheres nascidos no contexto da Revolução Francesa. Os Estudos de Karen Offen são, nesta matéria, de leitura

<sup>44</sup> Segundo Ana Luíza Amaral consiste em 120 textos que entrecruzam cartas, poemas, relatórios, textos narrativos, ensaios e citações, escritos coletivamente por três autoras, que contudo, não os assinam individualmente. (Amaral, 2010:XIX)

<sup>45</sup> Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa

<sup>46</sup> Reflexões sobre o texto Antifeminismo de Ana Vicente.

<sup>47</sup> Termo criado no começo do século XX para designar expressão social. Este conceito é apresentado na minha aceção para evitar referência só ao comportamento homossexual.

<sup>48</sup> Amaral e Macedo, p. 188 e 184

<sup>49</sup> <http://www.guerrillasgirls.com>

<sup>50</sup> Uma vez mais se fez útil o sumário.

<sup>51</sup> Victória Park diz que no século XV era apenas acessível às freiras; as mulheres eram quase isentas de direitos políticos, eram educadas para o casamento, maternidade, domesticidade.

<sup>52</sup> Segundo Irene Vaquinhas o feminismo não surgiu como movimento organizado ou de massas, ou apoiado num texto fundador ou num corpo doutrinário... Este expressou-se mais sob a forma de atos breves (a brochura, o artigo, a conferência, o relatório apresentado num congresso), 2006, p.43.

<sup>53</sup> Pelo fato de o feminismo ser pluralizado, complexificado.

obrigatória, demonstrando que se o termo “feminismo” se deve atribuir a Charles Fourier (1772-1837), autor fértil na criação de neologismos, embora em data ainda indeterminada, já a palavra “feminista” foi utilizada pela primeira vez por Alexandre Dumas Filho, na sua obra *L’Homme-femme*, fazendo uso de uma terminologia clínica que designava “o aspecto de um individuo que apresenta alguns caracteres secundários do sexo feminino”. Da feminização do século masculino, passava-se por extensão, à virilização do sexo feminino. Este sentido original da palavra nunca se perdeu totalmente, constituindo um dos argumentos recorrentes do antifeminismo e o objeto privilegiado de uma sátira misógina, desde o século XIX à atualidade, associando-se o feminismo a uma vontade de indiferenciação sexual, contrária às leis da natureza e ao interesse da sociedade. No final do século XIX, a palavra ressurgiu, já depurada daquele sentido pejorativo, reivindicada por Hubertine Auclert (1848-1914), “campeã francesa do sufrágio feminino”, no dizer de Karen Offen, coincidindo com a formação dos primeiros movimentos em favor dos direitos das mulheres. A diversidade dos caminhos tomados pelo feminismo no espaço europeu é um dos pontos a desenvolver (especificidades nacionais, divergências doutrinárias, correntes, reivindicações prioritárias, estratégias adotadas, o “maternalismo” como tática reivindicativa...), possibilitando que se fale com inteira propriedade de feminismos no plural (feminismo burguês, feminismo socialista, feminismo da igualdade, feminismo da diferença (Vaquinhas, p. 43-44)

Havemos de ver mais adiante um quadro em que mostro as grandes correntes; demonstro a partir do conhecimento que tenho as convergências, as divergências entre elas. (Ver Quadro 2)

Um tema ligado de maneira evidente aqui, foi posto pelas questões *Por quê Estudos Feministas*<sup>54</sup>, *Para quê Estudos Feministas?*<sup>55</sup>: Essencialismo e determinismo biológico Versus Construção cultural da identidade sexual.

Neste quisemos expor o livro *O segundo sexo* de Simon de Beauvoir<sup>56</sup> porque no livro a citação “todo ser humano fêmea não é necessariamente uma mulher” está explicada direitinho.

Desejo mostrar outros temas que alimentaram os questionamento sobre a linguagem: sexismo, o politicamente correto, o processo e as possibilidades de ressignificação da palavra.

---

<sup>54</sup> Porque os estudos são transdisciplinares. Apesar de se definir no seio dos Estudos Literários.

<sup>55</sup> Segundo Bebianno para criar consciência da importância da institucionalização, da visibilidade de uma área de investigação, ensino e ativismo, que está muito viva, mas permanece oculta. (2009, p. 8)

<sup>56</sup> Data de 1949, constitui uma crítica ao sujeito.

Este último permitiu-nos, por conseguinte, falar da Marcha das Vadias, de uma questão: vadias?

Também apontou-nos uma ressignificação da palavra que atribui a vadia um valor, um respeito.<sup>57</sup>

Os outros temas foram mais fáceis de compreendermos porque vimos estes assim:<sup>58</sup> Os Homens são de Marte e as Mulheres são de Vênus; Os estereótipos servem para classificar as mulheres como Mulher-fatal, Mulher-anjo, Mulher-demônio, Mulher-objeto; Mulher forte é elogio. Homem frágil não; Há dentro da categoria mulher generalizações, mulheres; As mulheres não são todas maravilhosas<sup>59</sup>; É preciso situar sempre<sup>60</sup>; Quando começa a vida?; A legalização do aborto acaba com a culpa, com a vergonha de assumir a interrupção; A bíblia passa por cima da produção histórica; Mãe roga. O pai bate o martelo; A principal qualidade da virgem Maria é a obediência; Mulher sem laço é má. Mulher casada é boa<sup>61</sup>; Existem teólogas feministas como Teresa Toldy, Mary Daly; A violência está por trás da simpatia; Somos criados para sermos heterossexuais<sup>62</sup>; Corretive Rape quer dizer corretivo da sexualidade<sup>63</sup>; Violação não é resultado de uma patologia. O agressor não é um desconhecido da vítima, uma pessoa doente, uma pessoa sem instrução; Os textos tem sexo; Novas Cartas Portuguesas é um livro escrito coletivamente no tempo da ditadura fascista em Portugal<sup>64</sup>; Julgamento das três Marias: Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa; A noção de gênero hoje não é a mesma antes da Teoria Queer<sup>65</sup>.

Também:

Minhas senhoras, em bom rigor, digamos que

<sup>57</sup> Assim concluiu a marcha *Somos todas vadias*.

<sup>58</sup> Citações feitas pela professora no decorrer das discussões.

<sup>59</sup> Sublinha ainda que as mulheres foram donas de escravas, que um escravo valia mais que uma escrava.

<sup>60</sup> Numa altura em que se faz uso do ponto de vista comum “antigamente não era assim.”

<sup>61</sup> Há que fazer lembrar que a mulher casada é boa se se esforçar para a durabilidade do casamento.

<sup>62</sup> Esta citação modifica inevitavelmente a percepção sobre a homossexualidade, ninguém vira homossexual, heterossexual, a sexualidade é construída, por isso leva tempo para reconhecê-la.

<sup>63</sup> A noção que vem das feministas é estupro corretivo.

<sup>64</sup> Para um estudo da história de Portugal vimos o documentário *A fulga de Peniche, Capitães de Abril*; o filme *Quem vai à guerra*; 48 horas.

<sup>65</sup> Acrescentei à Teoria Quer de Foucault e Derrida a Teoria da Performatividade Judith Butler. A refutação desta última exigiu, por um lado, que conhecesse o texto *Teoria Queer - Um Política Pós-Identitária Para a Educação. Estudos Feminista* de Guacira Lopes Louro, por outro que se avaliasse a visão feminista radical de que não podemos produzir ou questionar o sistema de gênero através do discurso ou da performance. (Cameron, Scanlon, p. 13)

já tive a minha dose de mastro, membro e marsapo,  
 de ponteiro e pirilau e pica e pau, de bordalo  
 e badalo, de pirola e bitola; de facto,  
 podeis dizer, que estou tão au fait com o tringolho  
 como a Senhora Dona M. Lewinski – cheia até aqui  
 com a banana, o besugo, a salsicha,  
 malho, bregalho, flauta, gaita, pincel,  
 basalto e martelo, pistão, lampreão, pantaleão,  
 penduricalho. Não me interpretem mal, não sou pelo enxovalho  
 do sardão, do sabordalhão,  
 da tromba e do trombone – se assim falo  
 minhas senhoras, minhas caras senhoras, é que o pénis comum – bonito não é ...  
 aquele olho pisco, invejoso e só ... o nosso  
 dó ...<sup>66</sup>

Vejam, para deixarmos este poema, os temas escolhidos dos temas dos feminismos contemporâneos para o trabalho oral e para o trabalho escrito: Patriarcado; Feminino; Masculino.

No caso do trabalho oral *O patriarcado nas letras de forró eletrônico*<sup>67</sup>, fui capaz de introduzir discussões sobre o poder do homem sobrevalorizado nas letras abaixo, do poder da mulher desvalorizado em outras letras, de concluir apontando inconscientemente para a questão *Por que internalizamos estas músicas?*<sup>68</sup> com uma rara apresentação das letras e dos passos de forró.

Eu sou pegador, eu sou namorador. Eu chego no forró, eu nunca ando só, to sempre acompanhado, tem mulher pra todo lado. Eu não sou de ninguém, me chamam de tarado... Mas quando eu começo a dançar. Elas ficam loucas. Elas ficam loucas. Elas ficam loucas. Elas ficam tudo doidas. (Aviões do Forró)

Quem é o gostosão daqui? Sou eu. Vou te levar pra cama. Vou te deixar toda nua. Vou te morder. Vou te comer, você vai ficar tesuda. Vou te abraçar. Vou te beijar. Vou te

<sup>66</sup> Texto Frau Freud traduzido do francês pela turma do 12º C na Disciplina de Inglês da professora Maria Helena Loureira da Escola Brotero.

<sup>67</sup> Os referenciais são: FEITOSA, Sônia de Melo, LIMA, Marwyla Gomes de, MEDEIROS, Milena Gomes de. *Patriarcado e Forró: uma análise de gênero*; CASCUDO, L. C. Dicionário do folclore brasileiro, 3º ed, Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1972; José Teles escritor e crítico musical.

<sup>68</sup> Esta é uma resposta um tanto óbvia que a professora pediu que dançasse.

levar nas nuvens. É loucura de amor. Eu sou total. No sexo sou campeão. Vamo fazer amor...(Forro do Sítio)

Que falta eu sinto de um bem. Que falta me faz um xodó. Mas como eu não tenho ninguém. Eu levo a vida assim tão só. Eu só quero um amor que acabe o meu sofrer, xodó pra mim, do meu jeito assim que alegre o meu viver. (Dominguinhos)

No caso do trabalho escrito *O Feminino e o Masculino no Contexto Acadêmico*, fui capaz de introduzir discussões sobre travestismo com uma rara apresentação do travestismo feminino, masculino que teve o seu lugar na aula (Ver Foto 1) no trabalho escrito.<sup>69</sup> (Ver Anexo 1)

**Foto 1: Percurso feito até a Universidade de Coimbra. Fotografo: Bruno Alves, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

Assim como o tema Praxe Acadêmica que deixei entrar na formação.<sup>70</sup> (Ver Foto 2)<sup>71</sup>

<sup>69</sup> Para o trabalho foram fundamentais os textos: MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica de normalização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004; LAMAS, Marta. *Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma*. Proposta No 84/85 Março/Agosto de 2000. Consultada a 20/05/2013; MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. *Dicionário da Crítica Feminista*. Edição Afrontamento, N°957, Coleção Dicionários/1; FILHO, Almícar Torrão. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005; LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer - Um Política Pós-Identitária Para a Educação*. *Estudos Feministas*, Ano 9, 2º semestre de 2001; BUTLER, Judith. *Gender as Performance*. Na interview with Judith Butler. *Radical*, N° 67, 1994, p. 32-39.

<sup>70</sup> Uma das razões pelas quais a praxe é estudada é que ela é opressora.

<sup>71</sup> Consulte o texto *Memória e atualidade dos movimentos estudantis* de Elísio Estanque e Rui Bebiano para o trabalho escrito.

**Foto 2. Ritual da Latada. Fotografa: Erica Sousa, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

Devemos atentar para este porque a disciplina foi até o limite do semestre, porque neste me aproximei dos grupos de discussões dentro da universidade<sup>72</sup> (Ver Anexo 2), de outros temas.

No limite do que a disciplina pode oferecer indaguei sobre que feminista queria ser; parti a procura de respostas muito influenciadas pelo marxismo de Bertold Brecht à que dei importância na Universidade Federal do Pará.

**Quadro 2 - Análise das correntes feministas<sup>73</sup>**

<b>CORRENTE</b>	<b>FEMINISMO</b>	<b>DENÚNCIA</b>	<b>DEFESA</b>	<b>DISCURSO</b>
Liberal	Igualitário, mas dá uma relevância a diferença, as qualidades e aptidões de cada sexo. Sexo x Gênero	Patriarcado Opressão masculina	Valores universais, quer por homens quer por mulheres. Direitos jurídicos iguais para homens e mulheres.	Há uma única forma estável e homogênea de ser mulher ou de ser homem. Essencialista
Socialista	Igualitário Marxista	Exploração Opressão capitalista	Democracia participada.	A universalidade esconde a especificidade. Distinção de classe é importante.

<sup>72</sup> Plataforma Universidade contra Austeridade e Plataforma Coimbra Contra Opressão, Plataforma Anti Transfobia e Homofobia.

<sup>73</sup> Embora este quadro se situe no século XIX, fiz recuos até o período imperial.

Radical	Igualitário com tônica na liderança feminina. Libertário Sexo – Gênero	Gênero Patriarcado Capitalismo Heteronormativida de Instituições sociais	Democracia participada. Autoconhecimento	Gênero é opressivo.
Radical	Diferença Culturalista Sexo = Gênero	Patriarcado Opressão capitalista	Especificidade e Universalidade da experiência feminina. Instituições sociais	Exploração da mulher é anterior ao capitalismo. Distinção do sexo desimportante. Integrar as diferentes correntes

**Fonte: Dados da Pesquisa**

Ficou evidente a partir daqui os contextos<sup>74</sup>, as três vagas dos feminismos<sup>75</sup>, as correntes da segunda vaga<sup>76</sup>, acerca desta última Cristiana Pena (2008, p.2) esclareceu-me que embora se posicionem diferentes, são esquerda.

Teoria Feminista e História das Mulheres, Feminismos, Segunda Vaga, feminismo radical, movimento de mulheres são as designações fundamentais para a compreensão de um fenómeno social que teve o seu início em Inglaterra, Estados Unidos e França tendo-se expandido, quase simultaneamente, um pouco por todo o mundo nas décadas de 1960 e 1970. A Teoria Feminista e a História das Mulheres identificaram cronologicamente três vagas de feminismos primeira, segunda e terceira vagas e caracterizou-as temporal e ideologicamente para tentar compreender o desenvolvimento histórico de um movimento social e de uma corrente de pensamento que adquiriu diferentes configurações, ao longo do tempo. Esta categorização tem servido de base a inúmeras análises e estudos feitos até hoje... (Pena, 2008, p.11)

Em outra citação:

<sup>74</sup> A periodicidade da correntes: feminismo pós-colonial, feminismo pós-estruturalista, feminismo moderno, feminismo pós-moderno.

<sup>75</sup> Segundo Cristina Pena a primeira vem na tradição do antigo movimento sufragista da luta pelos direitos das mulheres, a segunda situa-se na tradição da luta do operariado e é influenciada pelo marxismo, a terceira está associada ao aparecimento dos movimentos sociais que transformam as democracias dos EUA, da Grã-Bretânia, da França. Para Bebião as vagas coexistem, por isso não podemos ver sob uma perspectiva linear.

<sup>76</sup> Para situá-la temporariamente a crítica feminista designa de Movimento de Libertação das Mulheres. (Pena, p. 11)

Linda Nicholson na introdução do livro “The Second Wave” (1997), reflecte sobre se a utilização do termo Segunda Vaga é útil para situar este movimento de mulheres e em que termos tem sido definido, ou seja, quais os critérios temporais que estabelecem a fronteira entre primeira e Segunda Vaga, a que países essa denominação se pode aplicar e a que grupos sociais se refere esta baliza histórica. Apesar de todas as dúvidas, a autora acaba por concordar que a década de 1960 marcou um período decisivo para o questionamento das relações de género e que, nesse caso, a utilização do termo lhe parece consensual. Afirma: “*Os movimentos políticos que se formaram durante os anos 1960 significaram que as questões radicais, colocadas sobre os papéis de género, estavam a ser levadas a cabo, não só por académicos isolados ou por grupos marginais, mas também estava na frente das preocupações de muitos públicos nacionais. A consequência foi a enorme reestruturação global das instituições...* (2008, p. 12-13)

A propósito das diferenças de posições, refiro-me ao pensamento, a classe, ao sujeito.

Silvana Aparecida Mariano (2005, p. 1) faz a observação importante<sup>77</sup> de que na corrente liberal o pensamento é centrado no universal, a classe social é a burguesia, o sujeito é burguês, masculino, proprietário; é preciso acrescentar, feminino homogêneo, branco, burguês; na corrente socialista o pensamento é marxista centrado na especificidade, a classe social são a burguesia e o operariado, o sujeito é o operário. Segundo Ane Carr<sup>78</sup> (1997, p. 122) na corrente radical libertária o pensamento é centrado na mulher, no homem, não há classe social, o sujeito é feminino, homogêneo<sup>79</sup>; na corrente culturalista o pensamento é centrado na mulher, há classes sociais, o sujeito é feminino, heterogêneo.

Quer dizer tudo isso, que o feminismo é um movimento teórico.<sup>80</sup> Aqui neste me aproximei do marxismo, da visão feminista da teoria de Bertold Brecht<sup>81</sup>, da relação entre

<sup>77</sup> Ver O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo.

<sup>78</sup> Usa feminismo francês orientado para a diferença, feminismo das americanas orientado para a igualdade.

<sup>79</sup> Uma aceção pessoal, senão comum.

<sup>80</sup> Merece atenção a explicação de Joan Scanlon para o uso do termo feminismo “não pode ter um plural sem um singular”.

<sup>81</sup> Objetivo de Elin Diamond em Brechtian Theory/Feminist Theory: Toward a Gestic Feminist Criticism.

feminismo e marxismo<sup>82</sup>, do feminismo materialista<sup>83</sup>, da relação entre gênero e classe<sup>84</sup>. Também aqui me tornei justificadamente feminista marxista.

A constatação de que era feminista radical libertária, só seria feita em Agosto, com o EUROPEEN CAMP OF YOUNG FEMINISTS 2013 - Vieira do Minho, Portugal<sup>85</sup>.

Finalmente, caracterizo este subcapítulo em larga medida pelo interesse por todos os temas dos feminismos contemporâneos, pelo feminismo marxista, pelos primeiros momentos na universidade.

Aqui lembro alguns em que ainda não fazíamos acontecer discussões, mas muitas ações; penso que foram nestas<sup>86</sup> que esquentei o motor para dar a partida. Vejamos como: (Ver Foto 3)

**Foto 3: Ação contra o deputado Marco Feliciano. À primeira nos altos. Fotógrafo: Desconhecido, Abril de 2013**



**Fonte: Rede Social, 2013.**

Acrescento para esclarecer:<sup>87</sup>

<sup>82</sup>MARTINS, Ludson Rocha. *Marxismo e Feminismo: A análise de uma relação tensionada*. CRESS, Belo Horizonte.

<sup>83</sup>DELPHY, Christine. *A materialist feminism is possible*. In: *Close to Home: A Materialist Analysis of Women's Oppression*. Great Britain: The University of Massachusetts Press, 1984. p. 154-161

<sup>84</sup>HARAWAY, Donna. *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*. Cadernos pagu (22) 2004, p.201-246.

<sup>85</sup>Em português quer dizer Acampamento de Jovens Feministas.

<sup>86</sup>Com um grupo pequeno de brasileiros.

“Projeto de Decreto Legislativo Nº 2011 (Do Senhor João Campos): Susta a aplicação do parágrafo único do Art. 3º e o Art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual.”

É preciso explicitar que a disciplina não deu estes temas: Homossexualidade, Lesbianismo, Prostituição, Mulher e Participação Política; que de fevereiro de 2013 até maio de 2013, o percurso acadêmico é assinalado por um olhar que sonda a disciplina, a universidade, produzindo um esforço por procurar significados para estes e outros temas.

Em fevereiro iniciou as campanhas para as eleições para Associação Acadêmica de Coimbra - ACC, mas dei conta destas em setembro quando voltei do acampamento de jovens feministas, fica este registrado para um outro momento. Devo continuar falando das ações, por exemplo, das campanhas para as eleições.

Antes gostaria de ressaltar aqui a experiência da formação à distância *Reflexões Feministas sobre o Sistema Político: Participação política das mulheres e agenda feminista antirracista e Crítica feminista ao sistema brasileiro*, realizado de abril a junho de 2013 pela Universidade Livre Feminista - ULF, a experiência das formações *Preparação do Ator I e II; Movimento para Teatro; Performance* no Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra - CITAC, realizado de maio de 2012 a março de 2013. (Ver Foto 4)

**Foto 4: Resultado da última formação Performance. O segundo à direita é o Formador Wojtek Ziemilski. Fotógrafo: Desconhecido, 2013**



**Fonte: CITAC, 2013.**

---

<sup>87</sup> Projeto “Cura Gay” disponível na íntegra no site do Congresso Nacional.

Também gostaria de ressaltar aqui a participação na IV Marcha contra a Homofobia e a Transfobia da cidade de Coimbra.<sup>88</sup> (Ver Foto 5)

**Foto 5: Concentração no Jardim do Mosteiro de Santa Clara. Fotógrafo: Iêda Risuenho, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

Inegavelmente *Temas dos Feminismos Contemporâneos* deixou vontade de discutir estes temas, combater estas opressões.

Com a Lista Vota R: Reset à AAC<sup>89</sup> comecei a verificar que existiam opressões na Universidade de Coimbra - UC.

Por isso irei deter-me um pouco sobre esta, para conhecermos as discussões que aconteciam, o contexto acadêmico que tornou-se evidente no manifesto programático, na campanha da lista:

“Vou fazer parte dos 10.000 que emigram todos os meses? Vou trabalhar na área em que me formei? Com tantos desempregados, vou aceitar um trabalho de 200 euros?”

<sup>88</sup> A importante luta contra a homofobia e a transfobia na cidade de Coimbra juntou-se a luta contra a homofobia na universidade de Coimbra.

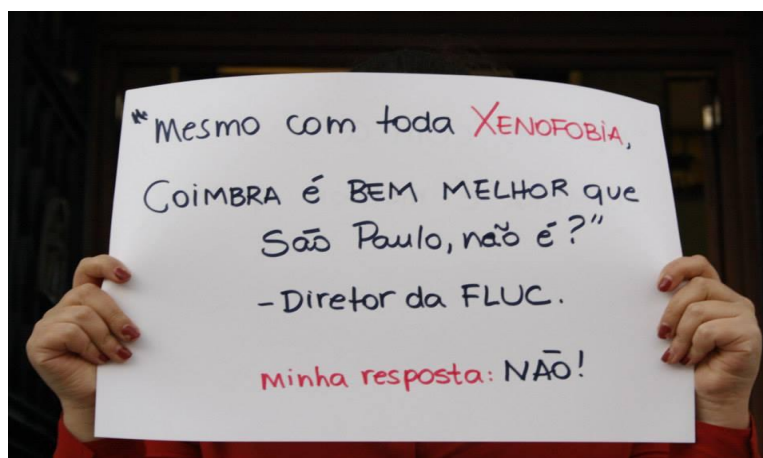
<sup>89</sup> Formada por **Direção Geral: Presidente DG/ACC** Alexandra Correia do curso de Sociologia; **Vice-presidente DG/ACC** Igor Constantino do curso de Filosofia; **Conselho Fiscal** Ana Rui Fonseca do curso de Antropologia; **Presidente da Mesa da Assembleia Magna** Jessica Araldi estudante brasileira de Letras, do Programa de Licenciaturas Internacionais; **Intervenção Política** Maria Dias do curso de Biologia, Diego Silva do curso de Arqueologia; **Pedagogia** Cláudia Teles do curso de Psicologia. Há aqui que dizer que há mais nomes.

Se há uns anos o Ensino Superior (ES) era uma garante de futuro, hoje não nos dá mais do que perguntas sem resposta. As mesmas pessoas que nos dão como solução emigrar, são aquelas que optam por financiar o Ensino Privado e que tornam os prejuízos de bancos privados fraudulentos numa despesa de todas e de todos nós. Revolta-te pelo teu futuro... Já que o deles está assegurado.

Nos últimos 11 anos todos os presidentes da Associação Acadêmica de Coimbra estavam ligados aos partidos do governo. Vista como rampa de lançamento para carreiras e obtenção de cargos, a AAC é gerida por uma verdadeira casta política sem independência para fazer frente aos aumentos de propina, ao fecho de cantinas e aos milhões de euros que todos os anos são retirados às universidades. Os futuros boys de Portugal gerem a AAC como se de uma empresa se tratasse, com contratos pouco transparentes dos quais beneficiam não os estudantes, mas os próprios dirigentes. Todos prometem não dar tréguas ao governo, mas na prática fazem protestos sem estudantes, opõem as manifestações nacionais do ES e aos protestos da restante da população contra a austeridade e o governo. Se eles não te representam, faz-te representar. Uma AAC para todas e todos. Apesar da ideia generalizada de que na universidade estes problemas estão ultrapassados, os casos correntes de machismo, homofobia, racismo e xenofobia dentro da UC mostram que ainda temos um longo caminho a percorrer. A Lista R defende que a AAC deve está na ,linha de frente contra todo tipo de discriminação.

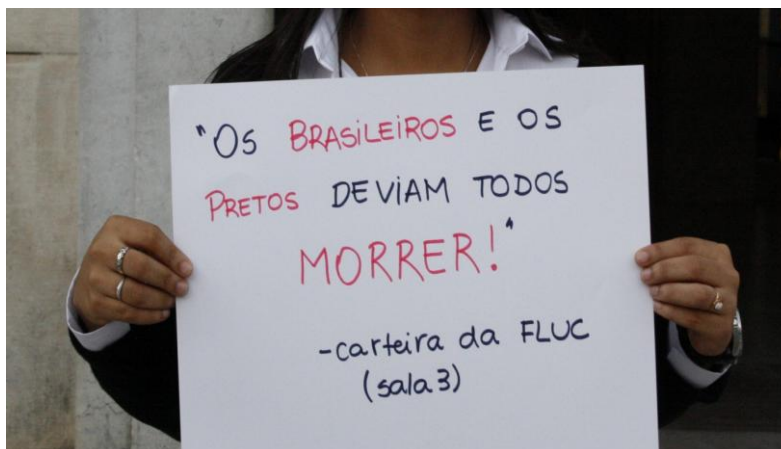
Tive consciência aqui que foi necessário esperar a campanha da lista para que alguns temas se tornassem conhecidos. (Ver Fotos 6, 7, 8)

**Foto 6: Cartaz para denunciar a Xenofobia na universidade. Fotografo: Desconhecido, 2013**



**Fonte: Lista R, 2013.**

**Foto 7: Cartaz para denunciar o Racismo na universidade. Fotografo: Desconhecido, 2013**



**Fonte: Lista R, 2013.**

**Foto 8: Cartaz para denunciar a Homofobia na cidade**



**Fonte: Lista R, 2013.**

Estive envolvida nesta campanha, no episódio Violência no namoro<sup>90</sup>, na experiência dedicada à homofobia e aos direitos LGBT:<sup>91</sup>

“Não. Não mais me calarei. Não mais me privarei. Não serei mais um ser que a sociedade teima em pontapear. Não. Não ficarei no passeio vendo os outros curtir. Não continuarei escondendo as nossas mãos dadas. Quando vossos socos me deitarem no chão, ainda me ouvirão dizendo: continuarei amando quem amo.” (Lista R, 2013)

<sup>90</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ausGooy3z78#t=24>

<sup>91</sup> Experiência do beijaço realizada no dia 19 de Novembro nas Cantinas Azuis na hora do almoço.

Alguns jornais trouxeram estas denúncias em grandes manchetes (Ver Foto 9): Denúncias de xenofobia geram polêmica que já atravessa atlântico<sup>92</sup>; 'Fingir que discriminação não existe não resolve', diz grupo de alunos da universidade de Coimbra<sup>93</sup>; Alunos denunciam preconceito na universidade de Coimbra<sup>94</sup>; Brasileiros dizem-se vítimas de agressões e xenofobia<sup>95</sup>.

**Foto 9: Conferência de imprensa na universidade. Print do jornal A Cabra.**

**Fotografo: Desconhecido, 2014**



**Fonte: Rede Social, 2014.**

Como era esperado a lista R Reset perdeu as eleições, mas mudou a forma como a universidade olhava para os temas<sup>96</sup>, revestiu-se de outras formas: Plataforma Contra a Austeridade, Plataforma Coimbra Contra Opressão.

No que diz respeito a primeira plataforma lançamos um protesto contra o aumento das propinas para @estudantes estrangei@s<sup>97</sup> (Ver Foto 10).

<sup>92</sup> JESUES, Maria. **Denúncias de Xenofobia geram polêmica que já atravessa Atlântico.** <http://www.pressdisplay.com/pressdisplay/pt/services/PrintArticle.ashx>. Acesso em Jan. de 2014.

<sup>93</sup> FILHO, William Helal. **Fingir que discriminação não existe não resolve', diz grupo de alunos da Universidade de Coimbra.** <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/fingir-que-discriminacao-nao-existe-nao-resolve-diz-grupo-de-alunos-da-universidade-coimbra-11436797>. Acesso em jan. 2014.

<sup>94</sup> Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-denunciam-preconceito-na-universidade-de-coimbra-11263679>

<sup>95</sup> Disponível em <http://diariocoimbra.pt/noticias/brasileiros-dizem-se-vitimas-de-agressoes-e-xenofobia>

<sup>96</sup> Remeti-me para a Conferência sobre Identidade, Multiculturalismo e Interculturalismo realizada na Faculdade de Letras; professores convidados: Pires Laranjeira, Maria Machado.

<sup>97</sup> Taxa estudantil.

**Foto 10: Protesto contra o aumento das propinas. Fotógrafa: Érica Sousa, 2014**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

No que diz respeito a Plataforma Coimbra Contra Opressão - CCO<sup>98</sup> sistematizamos encontros quando começamos a utilizar Atas, desenvolver discussões, ações como a entrega de uma Carta Aberta ao Reitor da Universidade de Coimbra (Ver Anexo 3), os debates inseridos nas Jornadas do dia 8 de Março, (Ver Foto 11)

**Foto 11: Natália Guala doutoranda em Sociologia do Direito à esquerda falando sobre o trabalho de extensão dentro das prisões femininas na Argentina, sobre a prisão como espaço de opressão, privação, degradação. Fotógrafa: Érica Sousa, 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

<sup>98</sup> Participavam homens e mulheres, feministas e não feministas.

Isto tudo conduziu-me a um aspecto final a ter em consideração. Este subcapítulo é resultado disso tudo: estudos, citações, frases previamente preparadas para a aula pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Bebiano, algumas ações, discussões, testemunhos pessoais na universidade.

## 1.2. Expansão dos temas para outras disciplinas

Este subcapítulo, sem pretensões de ser exaustivo, reúne uma seleção de temas que transcenderam a disciplina *Temas dos Feminismos Contemporâneos*. Ou, dito de outro modo, reúne três trabalhos em que podemos ver os temas e um percurso feminista nitidamente traçado.

Deixarei nestes, dois trabalhos escritos. O primeiro escrito no âmbito da disciplina *Arte da performance*, o segundo no âmbito da disciplina *Metódos de Investigação em História da Arte*, e, um trabalho prático realizado no âmbito da primeira disciplina.

Não tenho aqui que aprofundar estes assuntos, até porque quero mostrar algumas visões aqui enumeradas.

Em primeiro lugar, a visão sobre *O telemóvel como dimensão performativa*<sup>99</sup>:

É no artigo de Carla Ganito *Mulheres Móveis: O telemóvel como tecnologia de Gênero* que podemos encontrar uma reflexão. O celular e seus utilizadores tem uma dimensão performativa?

Se para a autora Judith Butler o gênero é performativo, não é menos certo que o telemóvel tem uma dimensão performativa. Certo? Veremos, pois isto sucede porque Ganito fala na feminização do telemóvel e em dois conceitos de performance: *performances exteriores e performance encenada*.

Antes de entrar nesses conceitos convém olhar para um determinado contexto e os sujeitos inseridos neste; para isso cruzarei o texto de Ganito com as ideia de Judith

---

<sup>99</sup> Bibliografia consultada: FILHO, Amílcar Torrão. *Uma questão de Gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Caderno Pagu (24), Janeiro-junho de 2005, pp. 127-152; LEMOS, André. JOSGILBERG, Fábio. *Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. EDUFBA, Salvador. 2009.; GIL, Isabel Capelo. PIMENTEL, Manuel Cândido. *Simone de Beauvoir: olhares sobre a mulher e o feminino*. GANITO, Carla. *Mulheres Móveis: O telemóvel como tecnologia de gênero*. p. 249-258. Vega, 1º edição, 2010; BUTLER, J. *Performative acts and gender constitution: na essay in phenomenology and feminist theory*. Londres e Nova Iorque, 2004.

Butler e com o texto de Amílcar Torrão Filho; André Lemos e Fabio Josgilberg; Eduardo Campos Pellanda; Gilson Schwartz.

Privilegiei o contexto brasileiro para referir o impacto do celular na vida das pessoas, não pela popularização deste, mas como Pellanda fala no texto *Comunicação móvel no Brasil*, o impacto pelo aumento das conexões; neste ponto posso referir o acesso *always-on*, o qual tornou os telemóveis mais parecidos com os computadores, o acesso *wireles*; em relação a expansão das redes móveis há a seguinte citação:

“No momento em que celulares começam a conectar com a internet e oferecem algumas de suas funções – livros, jornais, revistas, conversas por texto ao vivo ou não, telefonia, videoconferências, rádios, gravação de músicas, fotografia, televisão – o celular se torna uma casa remota para comunicações, uma casa móvel, um *pocket hearth*, um meio de viagem da mídia.” (LEVINSON, 2004, p. 53)

Além da expansão das redes, pode-se referir no que diz respeito ao celular, a incorporação de mais funcionalidades. Segundo Pandella, atrás da voz, estava o SMS, seguido dos serviços de compartilhamento de áudio, vídeo e fotos.

A distinção entre o celular e o computador talvez esteja na afirmação do autor “os celulares são hiper-pessoais, usados apenas por uma pessoa”, subtende que o computador, pelo menos, no início das tecnologias digitais não era utilizado por uma única pessoa.

O autor Gilson Schwartz diz que o acesso aos computadores, cresceu com as *lan houses*, ver esse acesso numa perspectiva da inclusão sob uma hipótese ou outra: emancipação ou escravidão?

Podemos falar também de uma escravidão dos utilizadores de celulares? Claro e mais ainda, retomando Ganito, de uma personalização do celular, a autora usa telemóvel, mas por uma questão de coerência com o contexto, usarei celular.

Retomando o propósito hiper-pessoal dos celulares, vale ainda trazer a esta reflexão duas citações uma de Gilson Schwartz e uma de Pandella.

“O homem nasce livre e em toda parte ele é acorrentado. Muitas vezes um homem acredita ser o mestre de outros, o que o torna nada mais que um escravo. Como esta mudança ocorreu? Eu não sei. Como posso legitimá-la? Para esta questão eu espero conseguir dar uma resposta.” Rousseau. O Contrato Social. (Gilson, p. 1)

“Esta ligação entre o jovem e seu aparelho celular é tão profunda que o telejornal da TV Portuguesa SIC destacou<sup>2</sup> uma briga entre um professor que pretendia retirar o

dispositivo de uma aluna. A jovem relatou e o episódio acabou em violência física.” (Pandella, p. 14)

Em conformidade com estas citações está Ganito que fala tanto de uma ligação pessoal com o celular, salienta que essa ligação é física, pois apesar das pessoas estarem ligadas a um lugar por redes, não ligam para o lugar, mas para alguém, como de uma expressão pessoal.

No que diz respeito a ligação pessoal, Ganito fala que o celular é uma parte de nós, um reflexo de nós e é ainda mais radical ao dizer que ele é a nossa miniatura.

No que diz respeito a expressão pessoal, além da personalização da rede, fala da personalização da imagem, dos toques e de outros serviços.

Estes dois pontos merecem que nos detenhamos neles porque através deles, Ganito chegou a hipótese de que os toque são manifestações performativas, isto é, ao conceito de performances exteriores, chegou também as performances para aqueles que nos rodeiam, ao conceito de chamada ou performance encenada, conversas móveis.

Estes pontos são verdadeiros, concordando novamente com Ganito, há uma exibição corporal do celular, uma identidade visual.

Discordo de dois comentários do Ganito no que diz respeito a identidade pessoal e pública.

“ O telemóvel parece ser uma extensão do espaço público quando é usado por homens e, uma extensão do espaço privado quando é usado por mulheres. Ou seja, os homens usam-no para trazer o mundo público para as suas vidas. As mulheres tendem a usá-lo para trazer as suas famílias consigo para onde quer que possam ir. O embrulho cor-de-rosa persiste porque as mulheres continuam a comprar produtos com essas características, nomeadamente para se representarem como mulheres num mundo cinzento e masculino.” (Ganito, p. 255-256)

Esta autora explica a performance, assim como Butler, como sendo dicotômica, a cor rosa é a expressão da identidade feminina, a cor preta, cinzenta e prateada a expressão da identidade masculina.

Com a complexidade do telemóvel e a multiplicação das identidades, a dicotomia parece-me um ponto de vista equivocado, repisado.

Amílcar Torrão no seu texto *Uma questão de Gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*, fala através de uma citação de Joan Scott, que o conceito de gênero é normativo e só ópera na oposição entre o feminino e o masculino.

Cruzando o texto de Amílcar com o texto de Ganito, a mim, ela não admitiria que o celular, remontando essa dicotomia, possui uma dimensão performativa.

O gênero, agora é a minha concepção, não é performativo, por isso não se pode falar de um processo de feminização no uso do telemóvel, ainda mais performativo, pois a

performance está focada no indivíduo, o qual, não possui uma identidade fixa, não numa dicotomia.

Falar que o telemóvel possui uma dimensão performativa, usando ou partindo do conceito de gênero é arriscado, pois a performance contraria padrões de gênero. Aliás, na história da performance não é difícil ver várias tentativas de libertação das convenções.

Se a performance libertou o verso, a música, a dança das convenções por que não fazer isto com o corpo, estou indo mais além.

Ao estudar urbanização, política, arte e etc., ainda encontramos a identidade feminina e masculina. Amílcar diz que tudo (cultura material, objetos, moradias, organização espacial das cidades) reflete a diferença entre essas identidades.

“Os arranjos de mobiliário, o modo como são mobilizadas as qualidades ergométricas de determinados objetos da casa, a ornamentação dos objetos pessoais e domésticos, as regras de decoração, as especializações dos cômodos, a rotina doméstica e os trabalhos que ela envolve, todos eles são capazes de produzir e reproduzir diferenças de natureza sexuada.” (Amílcar, p. 9)

Para superarmos isso, propõe a ampliação do conceito de gênero para heterogênero e nos dar a conhecer as ideias de Scott sobre a libertação da identidade feminina e masculina dos discursos.

Segundo Scott, devemos lutar contra padrões consolidados por comparações, contra esta forma de pensar.

Por isso, em conclusão, o celular não possui uma dimensão performativa, pode possuir dentro da performance no teatro, dentro de um conceito mais radical de performance não.

Dentro de uma concepção ampla da performance posso sugerir um exemplo em que o celular tem um propósito tanto performativo como um propósito documental, o projeto de arte pública criado por um artista espanhol Antoni Abad, intitulado *Motoboy*; para a realização deste projeto Abad persuadiu inicialmente 12 *motoboys* para gravar sua vida diária usando as câmeras dos seus celulares.

Deste projeto, surgiram outras ideias, como a do motoboy graduado em Filosofia na Universidade de São Paulo, Eliezer Muniz, o qual, pensou em “10 mil *motoboys*” relatando através de SMS, fotos e vídeos a vida urbana, este era um sonho de Muniz, não posso confirmar que este a executou.

Na minha opinião, um texto sobre estes projetos renderiam um texto melhor do que de Ganito, pois Gilson Schwartz, faz uma analogia do estado de fluxo de motofretes com

a corrente sanguínea, uma imagem do motoboys. Isto possui uma dimensão performativa? Pode possuir.<sup>100</sup>

Em segundo lugar, a visão da *Pintura de Paula Rego como Voz de Outras Mulheres*.<sup>101</sup> (Ver Anexos 4, 5)

Por essa frase *Portugal não é país para uma mulher*, dita pelo pai de Paula Rego, José Fernandes Figueiroa Rego, é aberto o caminho pra falar sobre o contexto português no final do século XIX, início do século XX.

Portugal, no final do século XIX, estava todo por fazer, passava por um período de crise política, social; a implantação da República era uma exigência e condição da libertação do povo.

No século XX, pouco foi feito para libertar a mulher, vista como uma natureza passiva, que profissionalmente não podia desenvolver o mesmo trabalho que o homem.

Se é gravíssima a tese “ Portugal não é país para uma mulher”, pior eram os pensamentos que serviam para inferiorizar as mulheres, prosseguiram travando a luta pelo direito a educação. Atente-se na sabedoria desses pensamentos:

“As mulheres em geral não amam nenhuma arte, não entendem de nenhuma e não tem nenhum gênio.”, “Para amas e educadoras na nossa primeira infância, as mulheres mostram-se particularmente adequadas, já que são infantis, tolas e tem visão curta. Em poucas palavras são crianças grandes: uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que, este sim, é uma pessoa de verdade.” (Schoupenhauer, 2009, p. 12).

<sup>100</sup> De acordo com o português de Portugal.

<sup>101</sup> Bibliografia consultada: LIVINGSTONE, Marco. “Uma Filosofia de Vida: Temas da Obra de Paula Rego”. SILVA, Raquel Henriques da. LEANDRO, Sandra. *Mulheres Pintoras em Portugal: De Josefa d’Óbidos a Paula Rego*. 1º Edição. Esfera do Caos. Fevereiro, 2013, p. 232-251; RODRIGUES, Dalila. “Paula Rego e os Mestres Antigos da Pintura.” SILVA, Raquel Henriques da. LEANDRO, Sandra. *Mulheres Pintoras em Portugal: De Josefa d’Óbidos a Paula Rego*. 1º Edição, Esfera do Caos. Fevereiro, 2013, p. 270-290; PEDROSA, Inês. *Vinte Mulheres para o século XX*. 2º Edição. Fevereiro de 2001. VAQUINHAS, Irene. *As Mulheres no mundo contemporâneo: História Comparada*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Novembro de 2005; TAVARES, Manuela. “Julgamentos por aborto: uma violência sobre as mulheres.” CUNHA, Teresa. SANTOS, Celina M. dos. 1º Edição. *Nós de Outras Teias: Solidariedade Feminista*. Mar da palavra. Outubro de 2005, p. 113-117; PARKER, Victoria. Os Direitos das Mulheres. Trad. Maria Inês Barroso. 1º Edição. Gradiva Público. Fevereiro de 2000; SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de Lidar com as Mulheres. 1º Edição, n. 3. Padrões Culturais. Lisboa. Agosto de 2009; HIGONNET, Anne. “Mulheres e Imagens: aparências, lazer e subsistência.” Genevieve Fraisse, Michelle Perrot. *História das mulheres Vol. 4: O século XIX*, Afrontamento, p. 297-324; PEDRO, Rosa Leonor. *Mulheres & Deusas*. Ariana. 1ª edição, 2008.

Nesta linha, a educação feminina, no domínio específico das artes, semelhante em vários países, estava longe de ser um fato generalizado, até porque o conceito de gênio era masculino, poucas mulheres haviam despertado para essa exigência. Paula Rego despertou para a pintura na infância, para essa exigência na adolescência: “Paula despertou para o entendimento do mundo em pleno salazarismo, acamponhou o processo de mitificação do ditador e de embrutecimento do povo.” (Pedrosa, p. 259).

As mulheres portuguesas que não haviam despertado para a educação feminina, despertaram depois do 25 de abril de 1974, período favorável para o grito de libertação. Para Paula Rego a saída para o ar livre foi a Slade School of Art, em Londres...

A educação só por si não foi suficiente para promover a verdadeira libertação das mulheres em Portugal. À mulher foi concedido direitos que não possuía, paternalisticamente, em função da família, “desta sorte”, pôde servir melhor os interesses e conveniências da sociedade portuguesa.

Em torno deste assunto diz com acerto um autor: “a mulher foi educada, mas infelizmente mal e antes de mais nada pelos padres.”

A religião de Portugal era o catolicismo, por isso mesmo se reservava à mulher portuguesa *dois destinos*, o casamento, a maternidade; à mulher casada, *duas profissões*, dar à luz, educar os filhos.

Presta atenção ao itálico. Às solteiras, depois do 25 de abril, reservava-se o lugar na função pública sob uma condição, possuir *três diplomas*. Impossível? Não, possível, se todos quisessem.

Todo o caminho das mulheres é precário, faz valer a verdade, nem todos querem a sua libertação, por vezes, o grito de libertação, embora desejado por elas, não é aceito; custa a algumas a demonstração histórica que 25 de abril deixou, a revolução não veio pelas mulheres; causa espanto a outras o conhecimento da existência de um feminismo antes da revolução do 25 de abril.

Rumo a laicização, a educação feminina e infantil, ao livre acesso ao mercado de trabalho, a despenalização do aborto, estes são os dados iniciais nos alicerces do movimento feminista português de que há de ter em conta.

No final do século XVIII, segundo Nicole Arnaud-Duc, nenhuma mulher gozava de igualdade política.

No século XIX a Europa assiste uma série de mudanças políticas, sociais, como o nascimento do feminismo.

Feminismo trata-se de uma expressão, posterior ao movimento das mulheres pelo sufrágio universal, marcada de esteriótipos orquestrados principalmente pelos homens: feminização do sexo masculino, virilização do sexo feminino.

O movimento feminista português surgiu ligado ao republicanismo, procede duma contestação a sociedade portuguesa, da mesma forma que o movimento das sufragistas

na França, inverte o sentido da expressão orquestrado pelos homens; feminismo é o despertar da consciência feminina, representa para os que o seguem, um caminho de aperfeiçoamento. No número de movimentos feministas portugueses, encontram-se: Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909), Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914), Associação Feminina para a Paz (1935), Movimento Democrático de Mulheres (1968), Movimento de Libertação das Mulheres, União de Mulheres Alternativa e Resposta (1976), Centro de Informação de Mulheres, Grupo Autónomo de Mulheres do Porto, Grupo de Mulheres da Associação Académica de Coimbra. Todos esses movimentos têm consequências importantes sobre as mulheres em todos os campos; a mulher que será estudada é a artista portuguesa, naturalizada inglesa Paula Rego.

Ouvimos, Paula Rego dizer frequentemente nas suas entrevistas “Pinto porque não posso deixar de pintar.” Em face dessa declaração, tem Paula Rego, o mais decisivo papel, pintar a verdade, diremos que não pode deixar de dizer a verdade. Por que motivo, a verdade na pintura de Paula Rego? O medo de dizer a verdade marcou a educação da artista: “O grande medo da minha vida foi, sempre, o não conseguir dizer o que pensava, dizer a verdade. Os adultos tinham sempre razão, nunca se retorquia. Responder parecia a morte, era como está num imenso e repentino vazio.”

Paula Rego filha única de uma família republicana, democrata de classe média, assistiu a sociedade dos adultos, que mais exatamente era sociedade dos pseudo-adultos, porque todos viviam com medo, não tinham outra conduta, senão a da prudência.

Admitimos que toda a sua pintura acaba por dizer verdades desagradáveis; não é empreendimento fácil dizer verdades desagradáveis reiventando a tradição figurativa da pintura.

Certos autores, como Marco Livingstone, continuam a adotar o comportamento de Rousseau, a dizer que mulheres como Paula Rego, pintam à maneira dos grandes mestres; não aceitam que possam subverter o padrão exercido pelo mestre, pela Escola, possam ser inovadoras.

Um outro ponto de vista sobre a pintura de Paula Rego é que ela salva a vida da técnica, da pintura a óleo; a artista não faz pintura a óleo, pinta à sua maneira. Ouvimos também Paula Rego dizer frequentemente nas suas entrevistas que “fazer arte seria repugnante”.

Ela é radicalmente oposta aos pintores, escolas que exerceram influencia sobre a sua pintura, nem poderia pintar à maneira dos mestres porque é uma artista mutante.

“A artista mudou de estilo por diversas vezes, passando de um naturalismo com características naives, nos anos de 1950, às ferozes semiabstratas pinturas-colagens de 1960, e das improvisações figurativas semelhantes a banda desenhada, dos anos de 1980, às grandiosas pinturas de figura.”

É uma artista realmente diferente dos mestres, que tendem para uma arte repugnante. É diferente porque pinta a vida, a condição feminina, com tamanha verdade, tamanha singularidade como nenhum outro pintor.

Paula Rego passava os verões com os avós paternos na quinta da Ericeira, estes verões levantam questões importantes para a reflexão da sua pintura; demonstram igualmente como fatores políticos, sociais podem afetar o campo das artes; desde criança Paula Rego sabia que ia seguir a carreira nas artes, Inês Pedrosa diz que era tão bem educada, que só através da pintura poderia gritar livremente.

O timbre da sua pintura está essencialmente fundado em duas fontes: histórias que imaginava, histórias que ouvia. “Os adultos contavam-lhe histórias e eram sobretudo as mulheres as grandes narradoras desses seus primeiros anos: a mãe, uma avó, uma tia, a empregada.” (Pedrosa, p. 257)

Segundo Marco Livingstone há um sentimento de trauma em muitas das obras de Paula Rego.

A análise e interpretação da pintura S/, Título, N°5 mostra a insenção de traumas, medos etc; é importante dizer que associação das pinturas da artista a traumas emerge de preconceitos, da ausência de homens.

Alguns autores, não recusam a série de problemas familiares pelos quais a artista passou, recusam a série aborto, série pela qual Paula Rego fez-se participante do problema de várias mulheres.

O preconceito foi inspirado pelo espírito da artista depois da morte do avô paterno, do pai, da parada cardíaca do marido Victor Wlling. “O Vic era como se fosse o meu pensamento e a pessoa que falava por mim. Ele era a minha palavra. Ele dizia o que eu não conseguia dizer. Ele muitas vezes interpretava e explicava os quadros que eu tinha feito. Quando eu pensei que ele talvez fosse morrer, eu pensei que ficava sem voz. Bom, é possível fazer quadros sem voz, claro.”

Se Paula Rego fosse realmente capaz de pintar um quadro sem voz reconheceria um sentimento de trauma nas suas pinturas.

Na série aborto dispomos de diferentes vozes, diremos ouvidas somente em 2007 no segundo referendo pela despenalização da Interrupção Voluntária da Gravidez.

A pintura sem título N° 5, é uma crítica ao referendo de 1998, tal como os temas dos feminismos é constituída pela experiência da mulher, pelo aborto ilegal, tema que percorre todas a série; nessa pintura salta à vista a postura da mulher, o olhar intrigante, a roupa, que revela não apenas quem é, mulher da classe média provavelmente, mas quem são as que abortam, mulheres de todas as classes; Paula Rego quer dizer à propósito do referendo, todas as mulheres abortam; nessa pintura, centraliza a mulher, a situa num contexto da casa, o único elemento que serve aos propósitos narrativos é a cama, lugar de dominação masculina. A seguir tentemos um esboço ligeiro das histórias das pinturas sem título.

De acordo com Dalila Rodrigues, Paula Rego pinta com o propósito de encenar narrativas, contar histórias.

Dentro das suas histórias tudo é verificável, não só o rol dos objetos, mas os contextos, os atores; há uma preferência pelos contextos domésticos, pelas mulheres.

As pinturas sem título foram feitas para revelar diferentes histórias femininas, espaços, tempos narrativos; não se duvida, em princípio, que não possam se relacionar com as histórias de julgamento de mulheres por prática de aborto em Portugal, com a tomada de posição das feministas face as vozes femininas abafadas pelo medo.

A relação entre a pintura de Paula Rego e o movimento feminista português se processa na fuga da artista como contadora de histórias, na fuga das mulheres feministas aos deveres de filhas, esposas, mães, no uso da experiência não como corretivo, mas como ponto de partida.

Paula Rego não faz uso ilustrativo das experiências das mulheres, mas interpretativo. Dalila Rodrigues diz que tem tendência para confrontar o espectador com interpretações não convencionais, temas isentos de um entendimento consensual; nessa direção, diz Inês Pedrosa: “Paula não é ilustrativa, não; é indagativa, e nunca pára no acerto aparente de uma resposta.

A divergência entre a perspectiva de Paula Rego e a perspectiva feminista pode ser atribuída a percepções diferentes da profundidade da série, a sabotagem das histórias, ao caráter intuitivo da pintura em vez de intelectual. Mas se as pinturas S/ Título não possuem um caráter intelectual, ao menos são susceptíveis de serem objeto de análise teórica no entender de Marco Livingstone.

O que vai dito na pintura S/Título N°5 é que Paula Rego assume o ponto de vista das feministas portuguesas.

O que vai dito na imagem utilizadas por outras feministas não é mais do que uma consistência do significado, do tema aborto.

Em virtude dessa que suscitou o tema do trabalho, convém designar a pintura de Paula Rego senão como voz de outras mulheres, o emprego da expressão *outras mulheres*, leva a pretender integrar as mulheres da América Latina e do Caribe, ao menos como voz das mulheres Portuguesas.

Paula Rego insistiu no alcance, na força das sua pinturas S/ Título para promover uma transformação na sociedade portuguesa, mas até 2001 Portugal ainda julgava mulheres em tribunais por prática de aborto.

Desde o referendo de 1998 sua perspectiva esteve integrada as perspectivas feministas, não teve de ajustar contas com a sociedade portuguesa por isso, sempre pintou a verdade. É aqui que sua pintura é útil.

À medida que as mulheres portuguesas foram sendo confrontadas com a verdade, outra visão do tema aborto começou a confirmar-se.

Apesar de reconhecerem várias vozes na pintura de Paula Rego, elas estão prontas a ignorar a voz das feministas.

Considerar Paula Rego feminista ou a sua pintura como manifesto feminista significa para algumas mulheres, para Marco Livingstone, uma tragédia; por isso o autor propõem outro nome para definir Paula Rego “humanista”, mais concretamente, artista em favor dos homens também.

Continua a existir preconceito, desconhecimento do feminismo tal como dos percursos artísticos femininos.

Paula Rego mostrou que tem laços com a memória. Vítor Serrão sublinha que todas as mulheres artistas tem laços com a memória, diremos que os homens, Marco Livingstone não tem, fala ( p. 244) com demasiada simplicidade que os homens devem aliviar o sofrimento das mulheres; trágico é esperar que isso aconteça.

Ultrapassando a visão humanista do autor, a ideia que Paula Rego é feminista resulta do pensamento de Vítor Serrão: “A artista mulher só será feminista se tiver em conta a forma como a sua identidade como mulher afeta a sua forma de gerar arte e, bem assim o seu próprio percurso criador.”

Nessa linha recortemos de uma citação a identidade da artista “sempre e visceralmente portuguesa”, voltemos a tese de José Fernandes Figueiroa “Portugal não é país para uma mulher.”

Em fins de conclusão a leitura feminista da pintura S/ Título Nº 5 não põem problemas a pintura de Paula Rego, ao contrário, diremos que encoraja as mulheres a encarar a verdade que há nela, diz-nos Rosa Leonor que há na história: “A sociedade falocrática, temerosa do seu poder interior, a privou a séculos da sua voz.”

Por isso é preciso preservar ao mesmo tempo a voz de Paula Rego como a voz das mulheres que se relacionam com a pintura, pois essas não foram encorajadas a falar a verdade, dizem-na, tal como a artista, através do que fazem, das lutas: “Somos muitas que abortam. Todos querem nos ignorar.” “Eh, mulheres feministas, libertárias. Eh, mulheres feministas, revolucionárias.

### Em terceiro lugar, a visão sobre a sexualidade na performance Graal<sup>102</sup> (Ver Foto 12)

A performance Graal é uma condensação de textos, excertos, citações sobre a sexualidade feminina e pretende chamar atenção, primeiro, para uma liberdade falsa, relativa da sexualidade, por último, para duas partes ocultas das mulheres: a vulva e o clítoris.

Escolhi como título da performance Graal. Graal é o símbolo antigo do feminino. Dan Brown, diz-nos em O Código da Vinci que graal simboliza a deusa perdida.

---

<sup>102</sup> PEDRO, Rosa Leonor. *Mulheres & Deusas*. Editora Ariana, 1º Edição: Novembro de 2008; FERREIRA, Adriano. CARVALHO, Alice. VENÂNCIO, Graciano. RAMOS, João. *Igualdade Radical para a mulher*. Almedina. Coimbra, 1970; SCHELKY, Helmut. Tradução CARDOSO, Maria da Graça Pereira. *Sociologia da Sexualidade: sobre as relações entre os sexos, a moral e a sociedade*. Lisboa, LBL Enciclopédia.

“Quando apareceu o cristianismo, as antigas religiões pagãs não desapareceram do dia para noite. As lendas da busca dos cavaleiros do graal perdido eram histórias que explicavam as andanças para recuperar a divindade feminina. Os cavaleiros que diziam partir em busca do cálice, falavam em chave para proteger-se de uma igreja que tinha subjulgado as mulheres, proibindo a deusa, queimando os crentes, censurando o culto a divindade feminina.”

Deste modo santo graal representa a divindade feminina suprimida, diabolizada pela igreja romana que também condenou o livro depois da sua publicação.

À partida, uma parte da performance, é consagrada a uma crítica a igreja que é a causa do nosso atraso e da mudança do paradigma da mulher inteira, sagrada, senhora do seu ser, do seu corpo para a mulher perdida, incompleta, amarrada ao sonho do casamento, dividida em santa e prostituta ou esposa e concubina.

É importante vincar um fato, estive perto de me tornar ministra da palavra, mas como, a mim, as coisas não se passavam como a igreja dizia, distanciei-me dos estudos litúrgicos; admiti que não estava aquém, além da representação da virgem Maria e que existia uma série de mitos, por conseguinte, fiz uma reflexão sobre a mulher que conduziu-me ao feminismo e a uma pesquisa sistemática e pessoal e erótica.

A crítica da performance se debruça tanto sobre a era patriarcal como sobre os mitos difundidos, por exemplo, o tabu da masturbação feminina e o mito de que masturbar-se é um ato sujo, proibido e de mulher que não tem parceiro e, um ato desnecessário.

O postulado de base é que o domínio, o conhecimento do corpo e da feminilidade por dentro e por fora são necessários.

O objetivo da performance é acordar a deusa dentro da mulher que está atrás da pia, da porta, da carteira e mostrá-la ao mundo, acordar o homem para a personificação da mãe, no lugar da personificação do animal. A mulher não é uma cadela sem realidade efetiva na vida pública, privada.

Certamente o caminho que o espectador irá obrigar-me a fazer no simples ato de puxar a trela ligada a colera que está no meu pescoço, opõem-se ao postulado da performance que é fazer um caminho sem medo dentro de si mesmo.

Na performance utilizarei a metáfora da cadela para reclamar a consciência do insulto sexual e o manifesto para reclamar que as pessoas ouçam a voz antiga de todas as mulheres: a sexualidade é sagrada.

Levo a peito essa performance porque penso que cabe uma consciência da alienação, do clausuramento das ideias, introduzidos na performance através do avental e da trela que aprisiona tanto o corpo como a mente.

A leitura do Manifesto *Nous Sommes En Marche*, Ver. Maio, 68, a nível da metáfora, é a roupa que será lavada na frente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A trela significa a ligação do manifesto com a vida pública.

Apesar da sexualidade feminina está mais liberada e ter mais espaço nas produções científicas, ainda é baixa por ser compreendida como um assunto inadequado, pessoal, a respeito disto a autora Guacira Lopes explica que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, logo ela é construída e aprendida.

**Foto 12: Performance Graal realizada na frente da Faculdade de Letras.**

**Fotógrafa: Ana Paula Springer, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

A partir destes trabalhos posso mostrar as transformações nas quais estava implicada. Se a performatividade, a sexualidade serviram para traçar o percurso<sup>103</sup>, o tema feminino recorrente no percurso serviu para todas as relações.

### 1.3. Feminismos e Artes

A relação entre feminismos e artes será explicada em termos de exemplos, mas não me limitarei nestes; eles interessam para mostrar as mulheres artistas, feministas ou não<sup>104</sup>, as artes presentes no percurso feminista que estão relacionadas com a pesquisa<sup>105</sup>, me limitarei nesta questão que confrontei-me: “As mulheres são artísticas ou estéticas por natureza?”<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup> Antes, ao longo de 2012-2013 olhávamos com preocupação para a sexualidade.

<sup>104</sup> Culturalista, Materialista.

<sup>105</sup> Teatro, Performance.

<sup>106</sup> Linda Nochlin citada por Luciana Gruppelli Loponte (2005).

...Ninguém mais duvida que as mulheres estejam em quase todas as profissões, mesmo que discordemos da afirmação de que já tenham conseguido muito do que reivindicaram.”: “Como explicar que à entrada maciça das mulheres na esfera pública, sobretudo nos últimos 30 anos, que à decorrente feminização da cultura, que à profunda transformação nas relações de gênero, não corresponda uma crescente valorização do feminismo...“Como explicar que as feministas continuem sendo associadas a um estereótipo que vem de longa data, e não apenas dos anos 1970, definindo-as como "machas, feias e mal-amadas, sexualmente rejeitadas pelos homens?” Não se pode simplesmente ignorar um movimento social, político e intelectual que teve um profundo impacto na sociedade brasileira e no mundo, de modo geral.<sup>107</sup>(Luzinete Simões, 2005)

Muitos autores falam das mulheres estéticas, Françoise Borin em *Uma Pausa para a imagem*; Eric A. Nicholson em *As Mulheres e o teatro 1500-1800: Imagens e representações*; Anne Higonnet em *Mulheres e imagens: Aparências, lazer, subsistência*.

Parece-me que há, segundo Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (1991, p. 14) uma única resposta possível.

...Parece que é inerente à história das mulheres ficarem sempre nesse plano da figura, porque a mulher nunca existe sem a sua imagem... São símbolos... Musas das belas artes, ilustrações, personagens de romance e gravuras de moda, reflexo ou espelho do outro citando os filósofos. E é a partir dessas imagens que elas se mudam também a si próprias, porque sabem que se trata de uma armadilha: não existe feminismo sem a sua caricatura, sem que sejam denunciados os seus excessos de expressão ou de comportamento, masculinidade, grosseria furor...

Os dois autores prosseguem apontando esta como motivo, por que a histórias das mulheres, quer se distanciar de uma necessária história das representações.

Gisela Bock compartilha (1989, p. 10-161) com os autores isto e a ideia de que as mulheres se mudam.

As mulheres tem de fato uma história e ela é diferente da dos homens...A sua diferença da história dos homens , foi, por vezes, entendida como tendo todas as mulheres a mesma história...A historiografia das mulheres demonstra, cada vez mais,

---

<sup>107</sup> MINELLA, Luzinete Simões. *A contribuição Estudos Feministas Para o Debate Sobre o Gênero e Feminismo*. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N.E.): 223-234, setembro-dezembro/2004

que as histórias das mulheres não é idêntica para todas as mulheres e que nem todas as mulheres tem a mesma história. (Bock, 1989)

Disto pode concluir que tornam-se artísticas, antes, mulheres.

Atenção: sem mulheres podemos dar exemplos de artes, mas sem mulheres não podemos dar exemplos de feminismos e artes.

A importância que tem os exemplos deverá agora ser bastante clara<sup>108</sup>.

♦ Maris Bustamante artística mexicana apresentou em 1982 a performance *Caliente, caliente!* que desconstruía Freud<sup>109</sup>, fundou o grupo feminista Polvo de Gallina Negra que criou uma receita para para botar olho grande em estupradores.<sup>110</sup>

♦ Clare Coss, Sondra Segal e Roberta Sklar fundaram em Nova York, no início da década de 1970, o grupo *Women's Experimental Theatre*, que em dez anos, produziu diversas peças e *performances* e representou o pensamento e as práticas relacionadas ao feminismo culturalista.<sup>111</sup>

♦ Tlacuilas y Retrateras grupo mexicano que dedicou-se a atividades similares às das Gorilla Girls nos Estados Unidos.<sup>112</sup>

♦ *Monstrous Regiment* companhia de teatro feminista materialista *Monstrous* formada na Inglaterra em 1975.<sup>113</sup>

♦ *Huitaca* colectivo de teatro popular feminista criado em 1993 por mulheres da cidade da Bolívia em Bogotá.

♦ Feministas americanas que teatralizaram em 1968 no Cemitério Nacional de Arlington o “enterro da feminilidade tradicional” com uma parada de archotes ou coroando como “Miss

<sup>108</sup> Do contexto mexicano, americano, britânico, português.

<sup>109</sup> A expressão é nossa.

<sup>110</sup> Edward J. McCaughan (2003, p. 92)

<sup>111</sup> Luana Tavano Garcia (p.5)

<sup>112</sup> Luana Tavano Garcia (p.5)

<sup>113</sup> A companhia realizou variadas performances e encenou diversas peças, entre elas *Vinegar Tom* (1978) e *Origin of the Species* (1984). A primeira, escrita por Caryl Churchill, apresenta a história de algumas mulheres condenadas por bruxaria em Essex, Inglaterra, no século XIII. O texto dramático contém uma estrutura brechtiana de narrativa e tem sete letras de músicas com caráter contemporâneo, inscritas para contrastar com o andamento das cenas. (Garcia, p.6)

América” um carneiro, ou ainda deitando soutiens, cintas e pestanas postiças num caixote de lixo de liberdade.<sup>114</sup>

Alguns exemplos à parte:

- ♦ Atriz portuguesa<sup>115</sup> Dolores Azoa que trabalhou no Teatro D. Afonso, Teatro Baquet e Teatro do Príncipe Real, todos na cidade do porto.
- ♦ Atriz portuguesa Cecília Rosa de Aguiar que desempenhou papéis principais no Teatro do Bairro Alto em Setúbal.
- ♦ Atriz portuguesa Maria de Lurdes Albergaria que teve uma forte atividade no Teatro Experimental de Cascais.
- ♦ Atriz portuguesa fadista Maria Albertina que estreou no Teatro Maria Vitória na peça História do Fado, no dia 16 de Julho de 1930.
- ♦ Atriz portuguesa Laura Alves que foi a primeira figura da companhia do Teatro Monumental.
- ♦ Atriz portuguesa Júlia de Assunção que atuou na maioria dos teatros portugueses e brasileiros.
- ♦ A atriz Mercedes Blasco que alcançou grande êxito em Portugal e Espanha, principalmente no gênero da ópera.
- ♦ A atriz portuguesa Mirita Casimiro que obteve um destaque enorme no Teatro Experimental de Cascais, ao ponto deste lhe dedicar o edifício em sua homenagem.
- ♦ Atriz portuguesa Amélia Rey que teve uma atividade ininterrupta, desenvolvida no Nacional, Teatro Politeama, Teatro da Trindade, Teatro do Ginário, Teatro Avenida, Teatro de São Luís e no Teatro Capitólio.
- ♦ A atriz portuguesa Delfina Cruz que trabalhou na companhia Rosas&Brasão.
- ♦ A atriz portuguesa Rosa Damasceno que estreou ainda criança no drama Mães dos Pobres, de Ernesto Biester.

---

<sup>114</sup> Yasmine Ergas (1991, p. 583)

<sup>115</sup> Luciano Reis (2005, p. 9, 10, 12, 14, 16, , 19, 20, 23, 44)

♦ A atriz portuguesa Amália Rodrigues que recebeu a Legião de Honra do Presidente Mitterrand.

Para os que não estão familiarizados com estes exemplos e com questões políticas, sociais, culturais<sup>116</sup>, é mesmo difícil outra resposta; mas daí um subcapítulo Feminismos e Artes: Os feminismos e as artes oferecem ao olhar de artistas, críticos, filósofos, teóricos e ao público a possibilidade de questionamento das normas sociais e morais vigentes. (Talita Trizoli, 2008, p. 1503)<sup>117</sup>

Há quem recei nesse questionamento cada vez mais fortes das mulheres, que estas venham a exagerar e, se tornar mulheres; acerca disto Stéphane Michaud cita Balzac: “A mulher forte não deve ser mais que um símbolo, ela apavora quando é vista em realidade.”

Historicamente, posso dizer que a mulher foi vítima duma invisibilidade, duma hipervisibilidade, da idolatria e duma característica especificamente feminina, a estética, corrijam-me, a imagem que devem guardar bem.

É certo que ainda hoje são vítimas desta dupla questão “As mulheres são artísticas ou estéticas?”

É certo uma mudança de paradigma “mulheres são artísticas, homens são estéticas”, mas é verdade que os homens sempre tem uma imagem deles superior à que eles tem das mulheres, importa advertir isto, quase sempre os homens (artistas, críticos, filósofos, teóricos, cidadãos, público em geral) disseram “As mulheres são estéticas.”

“As mulheres não foram prejudicadas só no campo da ciência, foram também nas artes. Durante séculos, a nossa vida de escravas domésticas não nos deixou tempo para pintar, escrever ou aprender a tocar um instrumento musical. E, mesmo que nos tivesse sobrado tempo, como se dizia que os homens eram melhores do que as mulheres, toda a gente pensava que só eles tinham capacidade de realização no plano artístico. Em 1888, o grande pintor Pierre Auguste Renoir disse “qualquer mulher artista é simplesmente ridícula.” (Parker, 2000, p. 89)

---

<sup>116</sup> No passado eram consideradas dos homens.

<sup>117</sup> É preciso acrescentar representações vigentes.

De acordo com isso, com Artuhr Schopenhauer (2009, p. 12), Rosseau já dizia: “Les femmes, en général, n'aiment aucun art, ne se connaissent à aucun, et n'ont aucun génie” As mulheres em geral não amam nenhuma arte, não entendem de nenhuma ou não tem nenhum gênio.

As mulheres foram concedidos direito de ser o que quisessem, mas estas pagam um preço para serem, o que estas falam para colocar a mulher e o homem noutra nível é deturpado.

Já repararm que pelo fato das mulheres terem dito “Homens tem instintos animalescos, só gostam de beber e de jogar! As mulheres não precisam dessas coisas para nada; por isso são melhores do que os homens.”<sup>118</sup> lemos que houve uma corrente de pensamento feminista no século XIX, nos anos 70 e 80, que defendeu que as mulheres não eram de fato iguais aos homens, eram melhores do que os homens?

E que pelo fato de outro movimento feminista responder “Não! As mulheres gostam tanto de sexo como os homens e o nosso comportamento tem de ser julgado pelos mesmos padrões. A proibição das bebidas alcólicas na América não alterou em nada a maneira de os homens tratarem as mulheres. As coisas só mudarão quando pudermos votar!” escutamos que as mulheres feministas só brigam entre si?

No que diz respeito as mulheres amarem alguma arte, entenderem de uma, serem melhores, há um problema nisso?

Não parece que não e, que o problema é o pensamento hierarquizante que não deve mexer no domínio do homem, na figura da mulher?

No que diz respeito as correntes feministas, há um caos teórico? No que diz respeito as feministas, são mulheres artísticas ou estéticas? Feministas brigam entre si para afirmar seu pensamento?

Para sabermos bem claramente tudo isto, é nas discussões e políticas feministas na cidade de Coimbra que vou entrar, antes, vou entrar na cidade, dar um ligeiro panorama dos movimentos que existem, sejam feministas ou não.

---

<sup>118</sup> (Parker, p.52)

## **CAPITULO II - OS FEMINISMOS ALÉM DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: MOVIMENTO FEMINISTA NÚCLEO DE COIMBRA DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES**

Neste capítulo procuro ilustrar o panorama político, social, artístico da cidade de Coimbra e dar conta dos movimentos sociais, culturais e políticos que existem na cidade; no âmbito dos movimentos políticos destaco o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres, nitidamente feminista.

No subcapítulo *Princípios e Valores da Marcha Mundial das Mulheres* evidencio a natureza, os princípios, os valores deste movimento relacionando com o que notei no European Camp Of Young Feminists, nos referenciais teóricos.

No sub-capítulo *Diálogos e práticas*, indico o momento do encontro com o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres; para esclarecer os diálogos, indico os temas, os objetivos, os desafios do encontro; no caso das práticas, indico dois manifestos, uma curta performance, apresentada na cidade de Braga, frutos do encontro, o teatro do oprimido apresentado na cidade de Coimbra, fruto do último manifesto<sup>119</sup>.

Aqui intercalo com as práticas o debate feito na comparação da Teoria da Performatividade de Judith Butler com a Teoria Feminista de Simone de Beauvoir e a Política Feminista Contemporânea.

Penso que está foto dar um panorama político da cidade de Coimbra. (Ver Foto 13)

---

<sup>119</sup> Definido no European Camp Of Young Feminists para 2014.

**Foto 13: Manifesto Que se lixe a troika. Fotografia: Érica Sousa. Setembro de 2012.**



**Fonte: Arquivo Pessoal, 2012.**

Aqui, quer a Austeridade, quer o governo de troika de Passos Coelho, que congelou o salário mínimo, destruiu os postos de trabalho, endividou as famílias, as empresas, os estados, caracteriza o panorama político da cidade, do país.

Aqui a análise do governo é coincidente com os cartazes erguidos, frases específicas: Governo Para a Rua; Fora FMI, Mais Emprego, Salário, Educação; A Renúncia e a Libertação, Querer é poder; Austeridade.<sup>120</sup>

Também é coincidente com a canção que escutei<sup>121</sup>:

Grânola, Vila Morena  
Terra da fraternidade  
O povo é quem mais ordena  
Dentro de ti, ó cidade

O povo é quem mais ordena  
O povo é quem mais ordena  
Terra da fraternidade  
Grânola, Vila Morena

<sup>120</sup> Política injusta para pagar dívida pública.

<sup>121</sup> Grânola, Vila Morena de José Afonso.

Em cada esquina um amigo  
 Em cada rosto igualdade  
 Grânola, Vila Morena  
 Terra da fraternidade

Terra da fraternidade  
 Grânola, Vila Morena  
 Em cada rosto igualdade  
 O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira  
 Que já não sabia a idade  
 Jurei ter por companheira  
 Grânola, a tua vontade

Grânola a tua vontade  
 Jurei ter por companheira  
 À sombra duma azinheira  
 Que já não sabia a idade.

Penso que o jornal Ruptura dá um panorama social das cidades portuguesas:

Vistas socialmente como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os familiares dependentes, a maioria das mulheres portuguesas continua a ser onerada com a dupla jornada de trabalho.

Também aqui a austeridade piorou brutalmente as condições de vida das famílias trabalhadoras.

Um exemplo gritante (chocante) é o de que meio milhão de crianças perderam, em três anos, o direito ao abono de família (números de 2009 a 2012, o que põe a responsabilidade no atual governo, mas também no último governo Sócrates, o mesmo que abriu a porta à troika). O estudo da CGTP já citado declara que o risco da pobreza no país se agravou, “particularmente para família com crianças”.

Mas não são só as mães com filhos pequenos que sofrem cortes de toda espécie - em salário e em apoios sociais - no seu rendimento. Doutra maneira sofrem as mães de filhos adultos, já que, devido ao aumento do desemprego na juventude, “cerca de 60%

dos jovens portugueses entre os 18 e aos 34 anos vive em casa dos pais, sendo Portugal o 5º país com a percentagem mais elevada da UE”.<sup>122</sup>

Em contraste:

... As maiores fortunas dispararam e hoje Portugal tem 870 multimilionários, que detêm um património global de 75 mil milhões de euros. No que toca a super-ricos o país ocupa mesmo uma invejável 12ª posição nos 30 países europeus com as maiores fortunas.<sup>123</sup>

Na verdade, julgo que compreender um panorama local exige um panorama nacional. Daí que considero o Manifesto Nacional *Que se lixe a troika*<sup>124</sup>. Daí que penso que o Manifesto 1% Para a Cultura (Ver Foto 14), o espetáculo *Occupy Teatro Sem Cortes* que é um Manifesto Anti-troika, Anti-Sistema e Anti-Precarização<sup>125</sup> (Ver Anexo 6) são um ponto de partida para um panorama artístico.

**Foto 14: Manifesto 1% Para a Cultura. Fotografa: Desconhecido, 2013**



**Fonte: Rede Social, 2013.**

<sup>122</sup> A.P.P. Ofensiva contra as famílias trabalhadoras risco de pobreza. Jornal Ruptura. Março de 2014. Nº135, p. 10.

<sup>123</sup> AMARAL, Ana Paula. Que saída “limpa” ou “cautelar” para um país sufocado pela tirania da dívida e da austeridade. Março de 2014. Nº 135, p. 8.

<sup>124</sup> Dá-nos a conhecer o espírito dos portugueses.

<sup>125</sup> Segundo o encenador Ricardo Correia..

Se nos detivermos no Manifesto 1% Para a Cultura podemos perceber aqui, que Coimbra está numa situação de catastrophe cultural por toda a austeridade.

Se nos detivermos no Manifesto *Occupy Teatro Sem Cortes* podemos perceber que Coimbra é uma cidade dividida.

Nós criamos um espetáculo de Teatro. E para que é que serve isso, hoje? E para que serve sair à rua? De que nos serve manifestar? E votar? O que muda? Aparentemente nada. Os direitos continuam a perder-se, os apoios continuar a cortar-se e o país, esse continua a caminhar em direção a um abismo interminável...O teatrinho da Revolução está a começar com estes Guerrilheiros... Não queremos ficar por aqui, nesta sala. Nós queremos sair e ocupar mais casas, mais salas, sub-palcos de Teatros Nacionais e as entradas de salões paroquias.

Coimbra tem muitos movimentos. Por exemplo:

- ♦ Social: Ação para a Justiça e Paz - AJP que é uma associação voltada para a Construção de Paz, Associação de Mulheres Contra a Violência - AMCV que é uma organização não governamental que apoia as mulheres e crianças sujeitas a situação de violência doméstica, violação e abuso sexual.

- ♦ Cultural: Núcleo de Coimbra do Manifesto em Defesa da Cultura; Teatro do Estudante da Universidade de Coimbra – TEUC; Círculo de Iniciação Teatral da Universidade de Coimbra - CITAC.

- ♦ Político: Movimento Alternativa Socialista - MAS que é um movimento de esquerda; Clube Safo - Associação em Defesa dos Direitos das Lésbicas que é um grupo de mulheres que tem como objetivo a promoção e a defesa dos direitos das lésbicas; União de Mulheres Alternativa e Resposta - UMAR que é uma associação que vive intensamente as grandes causas da luta das mulheres, que se reclama de um feminismo que impulsiona a consciência ativa das mulheres; Não te prives - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais que é um grupo heterogêneo composto por mulheres e por homens que combate a discriminação baseada na sexualidade e no gênero; Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres, Plataforma Coimbra Contra a Opressão.

Aqui vou me deter no Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres que é um movimento feminista; esclarecer que a Marcha Mundial das Mulheres está em várias partes do mundo, do país; são manifestações desenvolvidas desde a campanha realizada na América Latina “2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista, que começou no dia da mulher e foi até dia 17 de Março de 2000, que teve grande adesão, formação de núcleos por suas características.

Uma das características da MMM é ter abertura para aprender com novas experiências: se um país desenvolve uma forma de atuação outros passam a fazer semelhante dentro de sua realidade e especificidade. Um exemplo é a Batucada Feminista. Iniciada no

Brasil, hoje outros países utilizam essa linguagem em manifestações, como é o caso do Peru, Filipinas e Quebec. A identidade da MMM é constituída por influências mútuas e troca de exemplos.<sup>126</sup>

Nesta linha quero dar também um exemplo: European Camp Of Young Feminists (Ver Anexo 7)

Neste European Camp participaram mulheres de vários países europeus. Algumas militantes feministas da Marcha Mundial das Mulheres de Portugal, da França, da Catalunha, da Áustria. Outras mulheres, que achavam que eram feministas, em razão disto, foram ao acampamento.

Este foi um encontro de mulheres eivado de oportunidades, pode dizer-se ainda de boas surpresas:

Quero dizer, a propósito, das boas surpresas, que duvidei em princípio de uma libertação das mulheres sem a participação dos homens, via a libertação pelo parâmetro da visão marxista<sup>127</sup>, até porque não tinha pensado em empoderamento, sororidade; mas no final do encontro comecei a ver pelo parâmetro da visão radical libertária.

Atentem-se as palavras *Principio* e *Começamos*. Na primeira, penso no encontro com o feminino, particularmente, no Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres. Na última

---

<sup>126</sup> Marcha Mundial das Mulheres. Cadernos Marcha Mundial das Mulheres. Disponível em <http://www.marchamundialdasmulheres.org>

<sup>127</sup> Tenho que lembrá-los onde me encontrava no percurso.

penso no encontro com os feminismos, no debate entre a teórica Judith Butler e Simone de Beauvoir e feministas radicais.

Atentem-se bem ao feminino, aqui não tenho como pensar nele sem mencionar o exemplo do Quebeque:<sup>128</sup> Associações voluntárias de mulheres do Quebeque.

De acordo com Cohen (1991, p. 614) as mulheres do Quebeque eram ignoradas, pouco consideradas, porque pretendiam alargar a esfera privada feminina a múltiplos domínios do social e do político, em outras palavras, queriam a profissão feminina.

A origem da marcha está vinculada as mulheres do Quebeque. Por isso esse exemplo, se revela particularmente, importante aqui.

Temos de procurar identificar as razões históricas pelas quais numerosos movimentos de mulheres se identificaram no século XX, com esta representação de si próprias, sem preconceitos, sobre o que poderia aliená-las ou emancipá-las. Nesta perspectiva, o significado social da profissão feminina reveste-se de grande importância: ela tornar-se o espaço onde se constrói a identidade social e política das mulheres. (Cohen, p. 614)

Adiantando o que virá pela frente trago uma crítica da teórica contemporânea Judith Butler:

No feminismo, parece haver uma necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres, e não vou contestar essa necessidade. [...] Mas essa necessidade precisa ser reconciliada com uma outra. No instante em que se invoca a categoria mulheres como descrevendo a clientela pela qual o feminismo fala, começa invariavelmente um debate interno sobre o conteúdo descritivo do termo. [...] Mas cada vez que essa especificidade é articulada, há resistência e formação de facções dentro da própria clientela supostamente unificada pela articulação de seu elemento comum. [...].<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> Cidade do Canadá, onde 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, em 1995, pedindo, simbolicamente, “Pão e Rosas”.

<sup>129</sup> Judith Butler citada por Silvana Aparecida Mariano.

## 2.1. Princípios e Valores da Marcha Mundial das Mulheres

Ocorrem diversos questionamentos, fora do movimento feminista, sobre a melhor maneira de organizar uma luta e sobre a forma de organização da Marcha Mundial das Mulheres.

Quase nunca começamos por tentar compreender os princípios que estão na base da luta da marcha. Para oferecer uma compreensão aqui, procuro falar da experiência no European Camp Of Young Feminists com o Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres etc, dos princípios e valores da marcha, que vi a nível teórico, no final do Camp, a nível político, durante o Camp.

No Camp vi de imediato 5 princípios básicos da marcha: Auto-Organização, Auto-Gestão, Identificação, Irmandade, Auto-Determinação.

Vejamos algumas fotos do Camp que mostram estes princípios( Ver Foto 15)

**Foto 15: Workshop Franzine Feminista - Auto-organização. Fotografa: Érica Sousa, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

... A exclusão dos homens da maior parte das atividades tornou-se frequentemente um princípio organizativo fundamental, motivado, pelo mesmo em parte, pela necessidade de estabelecer e defender a autonomia das mulheres. (Ergas, p. 594)

No primeiro dia do acampamento foi indicada a necessidade de se deixar clara a organização, ( Ver Foto 16) de ser ter um workshop com o tema *Espaço das mulheres*. Neste a

pergunta *Por que um espaço só de mulheres?* foi substituída por *Com quem queremos dialogar?* Por esta questão foi radicalmente possível um diálogo, um encontro com as mulheres. (Ver Fotos 17, 18, 19)

**Foto 16: Louça do Almoço - Auto-gestão do espaço. Fotografa: Érica Sousa, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

**Foto 17: Símbolo Feminino - Identificação. Fotografa: Érica Sousa, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

**Foto 18: Feministas de vários países - Irmandade. Fotografa: Érica Sousa, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2012.**

As feministas desenvolveram códigos particulares que conseguiram reconhecimento internacional. Em toda a Europa Ocidental e América do Norte, por exemplo, o símbolo convencional do sexo feminino deixou de ser pertença exclusiva dos biólogos para se tornar símbolo da solidariedade e do poder das mulheres. Na Europa as feministas, substituíram nas suas manifestações o pundo erguido dos militantes de esquerda pelo símbolo de uma vulva desenhado com as mãos, outra maneira de afirmar a sua diferença de mulheres em relação à política masculina e também como forma de evidenciar a sua própria força. Simultaneamente o termo “irmandade feminina” adquiria um significado metafórico, indicando a força (e as raízes quase genéticas) da solidariedade feminista. (Ergas, p. 598)

**Foto 19: Manifesto na cidade de Braga - Auto- determinação. Fotografa: Érica Sousa, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

Este breve elenco de princípios ficaria incompleto sem um sentido contido neles, sem os valores que estão na Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade<sup>130</sup>:

Igualdade: Todos os seres humanos e todos os povos são iguais em todos os domínios e em todas as sociedades. Têm um acesso igual às riquezas, à terra, a um emprego digno, aos meios de produção, a um alojamento digno, à educação de qualidade, à formação profissional, à justiça, a uma alimentação saudável, nutritiva e suficiente, a serviços de saúde física e mental, à segurança na velhice, a um ambiente saudável, à propriedade, às funções representativas, políticas e tomadas de decisão, à energia, à água potável, ao ar puro, aos meios de transporte, às técnicas, à informação, aos meios de comunicação, ao lazer, à cultura, ao repouso, à tecnologia, às inovações científicas...

Liberdade: Todos os seres humanos vivem livres de qualquer forma de violência. Nenhum ser humano pertence a outro. Nenhuma pessoa pode ser transformada em escrava, forçada a casar, ser submetido a trabalhos forçados ou ser objecto de tráfico ou de exploração sexual...

Solidariedade: A solidariedade internacional é promovida entre pessoas e povos sem qualquer tipo de manipulação e influência...

Justiça: Todos os seres humanos, independentemente do seu país de origem, da sua nacionalidade e do seu local de residência, são considerados como cidadãos e cidadãs de pleno direito, gozando de direitos humanos (direitos sociais, económicos, políticos, civis, culturais, sexuais, reprodutivos, ambientais) de uma maneira igualitária e equitativa realmente democrática...

Paz: Todos os seres humanos vivem num mundo de paz. A paz resulta, nomeadamente, da igualdade entre os sexos, da igualdade social, económica, política, jurídica e cultural no respeito dos direitos, da erradicação da pobreza que assegura a todas e a todos uma vida digna, livre de violência, onde cada uma e cada um dispõe de um trabalho e de recursos suficientes para se alimentar, para se alojar, para se vestir, para se instruir, ser protegido na velhice, ter acesso aos cuidados... A tolerância, o diálogo, o respeito pela diversidade são os garantes da paz...

---

<sup>130</sup> Disponível em <http://mulheresemmarcha.blogspot.com.br/>

Para as mulheres da marcha, estes valores continuam a ser ignorados na atualidade, no mundo todo.

Em razão disto tomam de empréstimo o Preâmbulo da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade:

Nós mulheres, marchamos há muito tempo para denunciar e exigir o fim da opressão que vivemos por sermos mulheres, para dizer que a dominação, a exploração, o egoísmo e a procura desenfreada do lucro que levam às injustiças, às guerras, às conquistas e as violências devem terminar.

Chegado a este ponto, não resisto para mostrar as utopias feministas, os temas das marchas<sup>131</sup>.

Há uma utopia fundamental constituinte do feminismo que me disponho a documentar: Nós rejeitamos este mundo! Propomos construir um outro mundo onde a exploração, a opressão, a intolerância e a exclusão não existem mais; onde a integridade, a diversidade, os direitos e as liberdades de todas e de todos são respeitados.

Vale esclarecer o que são utopias e utopias feministas.

Segundo Giulio Carlo Argan e Maurizio Fagiolo (1992, p. 157) o termo derivado do grego, significa “não lugar” (mas na introdução de Thomas More a *De primo republicae stau*, de que nova *Insula Utopia* de 1516, é também uma alusão ao conceito de “eu-utopia”, (“bom lugar”). A categoria é aprofundada pelos filósofos (que, nesta perspectiva, retomam o pensamento de Platão) sobretudo para o problema da relação ideal entre cidadão e estado; com o renascimento, passa aos arquitetos; no século XIX é discutida pelos teóricos da sociedade e no nosso século pelos urbanistas... No campo filosófico e literário, temos: *Utopia* (More), *A cidade do Sol* (Campanella), *Cristianopolis* (J. V. Andrease), *Nova Atlântida* (Bacon), *Oceana* (J. Harrington) e outros.

No capítulo *As correntes socialistas* do livro *As grandes correntes do pensamento político*, France Farago fala dos utopistas.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> A correspondência não é total, mas ela existe, pelo menos se encarada como desafios a marcha.

<sup>132</sup> (2007, p. 100)

Quanto as utopistas?

É necessário remarcar que não resisto para mostrar as utopias das utopiastas, o que são e quais são.

Segundo o Dicionários da Crítica Feminista (2005, p. 191) O termo utopia feminista aponta para uma ligação entre os elementos utópicos e o feminismo. Autores como Sonya Andermahr, Terry Lovell e Carol Wolkowitz afirmam que a teoria utópica influenciou o feminismo sob várias formas....Verificam, ainda, a existência de elementos utópicos no movimento das mulheres na era pós-1960 e, particularmente, nas comunidades radicais e lésbicas.

As grandes utopias que fazem as mulheres continuarem em marcha são<sup>133</sup>: Defender o existir e a vivência; Juntar vários movimentos; Juntar feministas do sul da europa; Pressionar a institucionalização; Criar modelos de vida que nos respeitem, respeitem nosso modo de ser e a nossa alegria; Acabar com a troika, o FMI, o Banco Central; Arte como alternativa, mesmo que não seja o modelo global.

Tomarei distância em relação as utopias, aos princípios e valores feministas para falar dos temas, dos diálogos e práticas da marcha.<sup>134</sup>

Tentarei falar, simultaneamente, do debate entre a Teoria da Performatividade de Judith Butler e a Teoria de Simone de Beauvoir e a Política Feminista Contemporânea.

## **2.2.Diálogos e Práticas**

O encontro é a forma mais utilizada para reunir as mulheres da marcha mundial, para partilhar questões, preocupações, inquietações.

Na construção desse subcapítulo, quero falar de dois momentos do encontro European Camp Of Young Feminists<sup>135</sup>, um em que aconteceu os diálogos, os debates, outro em que

---

<sup>133</sup> Colocadas, anotadas no final do Encontro Feminista Anti-Austeritário definido no Camp.

<sup>134</sup> Os dados foram obtidos a partir da observação, da participação nos encontros da marcha. Para o debate teórico fez-se o uso de fontes escritas.

aconteceu as performances. Também quero falar no que as militantes feministas e as teóricas feministas discordam. Para isto utilizarei curtas passagens, citações.

No senso comum o movimento feminista é guetizado e na verdade ele está em diálogo com várias mulheres, causas, ações.

O Camp que aconteceu em Vieira do Minho possibilitou discutir em âmbito internacional temas como Aborto; Prostituição; Austeridade e o Impacto da crise na economia, na educação, nos direitos civis; Lesbianismo; Auto-defesa com mulheres novas no feminismo e, trocar preocupações como a desigualdade salarial em Portugal e a ouvidaria cidadã fechada (não abre para um grupo de feminista para não abrir para outros); a política galaneis na Espanha que não tem uma lei do aborto; a dificuldade de mobilizar as pessoas na Áustria porque a situação econômica está boa (as pessoas se acomodam), o racismo na Austria (o país é super racista); o abaixo assinado na Suíça para não reembolsar o aborto; a atitude geral que ridiculariza o feminismo; os cortes nos serviços públicos; o financiamento em instituições religiosas; menos serviços públicos para imigrantes; as taxas judiciais e burocracias; a ausência de inseminação para mulheres solteiras e lésbicas; o controle das notícias; o medo de apoiar sindicatos; os pluriempregos; o aumento do emprego temporário (menos direitos); a privatização do serviço de saúde em Portugal; a lei de arrendamento em Portugal (mudou em benefício do proprietário, depois que Coimbra se tornou patrimônio pela Unesco, querem tirar as pessoas para construir edifícios de lucros para o turismo); a construção de um aeroporto na França (do mesmo modo o patrimônio é usado na França para expulsar as pessoas, querem limpar uma cidade no sul para construir o aeroporto, parte do bioma já foi destruído, a marcha faz alianças com outros movimentos para pressionar o governo).

Por estas preocupações vi que o objetivo do Camp não estava somente na formação de jovens feministas, era algo muito mais amplo que envolvia a nossa vida.

Também vi que é necessário levar o movimento feminista para lá da análise do sujeito, até o seu encontro com outros movimentos, isto é necessário para desfazermos alguns equívocos, de que a Marcha Mundial das Mulheres é um movimento guetizado; é necessário para dizer que cada movimento tem as suas estratégias de luta e, logo no título do seu texto, Guacira Cesár de Oliveira nos dirá desafios.

---

<sup>135</sup> Tais momentos constituem períodos de tempo um pouco braves, apesar da marcha revelar encontro mais profundo no percurso.

O desafio de transformar o mundo enquanto nos transformamos a nós mesmas implica, além de desenvolver estratégias políticas para o fortalecimento do próprio movimento, em também ter estratégias para estar frente e junto a outros movimentos sociais. Porque esta articulação pode construir uma arena política vigorosa. Mas, para isso, é preciso muita disposição, afinal, sabemos de longas datas como é penosa a batalha contra as hierarquias que se estabelecem entre as lutas dentro dos espaços dos movimentos sociais. Um dos desafios do feminismo, por isto mesmo, é fortalecer os seus princípios para não se diluir. É preservar a sua autonomia política e ser capaz de se movimentar no contexto da crise com o sentido e pelos caminhos que a análise feminista conduz. (Oliveria, p.69)

Nesta linha há atualmente feminismos, desafios, no que diz respeito aos desafios, um que diluiu um princípio básico do feminismo, *Gender Trouble*<sup>136</sup>, da teórica Judith Butler.

De acordo com Marta Lamas (2000, p. 16) Butler sacudiu o debate feminista com a proposta de considerar o gênero ato performativo, isso lhe trouxe uma gama de admiradores.

Não faz parte deste trabalho valorizar esta proposta, estou com aquelas que criticam o seu rompimento com o movimento feminista, estou com a Marcha Mundial das Mulheres (Ver Foto 20) com Simone de Beauvoir:

O interesse de Simone de Beauvoir está, em particular, no seu pensamento e na ação que esse pensamento sustentou ou sustenta: ação criadora, capaz de propor novos mundos; combativa, pelas suas ideias; rebelde, por ousar romper com os ciclos de mesmidade da história e da cultura... O interesse está ainda nos desafios que propõe. Simone dá que pensar: como mulher, no seu enigma de condição, como pensadora da condição da mulher; como existencialista, filósofa e feminista. (Pimentel, 2010, p.11)

---

<sup>136</sup> Segundo Marta Lamas teoria publicada no início dos anos 90.

**Foto 20: O exato momento do encontro. Fotografa: Érica Sousa, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

Pela organização da Marcha Mundial das Mulheres não dar para abandonar a categoria mulher. Isso não é tão fácil, não temos outra luta, além disso, nos diz Inês Pedrosa (2001, p. 145) o mal muda menos de lugar, e menos depressa do que se julga.

Diz-nos mais ainda que a sua geração já acredita que o Livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir não faz falta. Curiosamente a autora nasceu em Coimbra em 1962.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira pergunta-nos se Simone de Beauvoir é uma filósofa para o século XXI? E ela mesma nos fornece a resposta, ela é uma filosofema que provoca-nos, perturba-nos, obriga-nos a tomar posições, diz-nos no início do segundo volume da sua obra: *On ne naît pas femme: on le devient* - As mulheres não nascem femininas, a feminilidade é algo que dolorosamente aprendem.

A frase dita no Camp *A sociedade está muito feminilizada* chamou-me a atenção para a obra de Simone de Beauvoir, para o fato de verificar a feminilidade e possuir um existencialismo radical e para o fato de Butler verificar várias feminilidades e masculinidades e/ou práticas paradoxais e possuir um construtivismo radical.

Segundo Isabel Capelo Gil (2010, p. 150) a filosofia existencialista de Beauvoir é uma filosofia da incorporação, da imobilidade e uma filosofia ambulatória e influente enquanto diagnóstico e manifesto de ação, a filosofia de Butler é uma filosofia da mobilidade e beauvoriana; a autora destaca esta como estratégia de empoderamento.

A filosofia que considero aqui é a da Simone de Beauvoir. Por isso quero saber por que a sua filosofia existencialista é tudo isto e se ela é tudo isto e se é uma filósofa para o século XXI?

A sua filosofia existencialista é uma filosofia da incorporação porque...

De acordo com Maria Luísa Ribeiro (2010, p. 44) por toda a sua obra ela conseguiu fazer com que as mulheres entrassem na própria história e por isso mesmo que entrassem na história.

E não é uma filosofia da incorporação porque...

... A obra de Simone de Beauvoir constitui para a posteridade um manifesto de desvelação. Se no que à filosofia diz respeito, este ímpeto se apresenta como um dar a conhecer dos contrastes, dos paradoxos, das contradições, das ambiguidades essenciais à existência, certo é, também, que inspira um empenhamento no tornar visível da participação das mulheres para a história da cultura. (Gil, 2010, p. 20)

À questão da incorporação a própria Isabel Capelo disse na Introdução do livro *Simone de Beauvoir: olhares sobre a mulher e o feminino*, que é uma filosofia da revelação e contraditória.

De fato, estou apresentando aqui o contraste é e não é.

A sua filosofia é uma filosofia da imobilidade porque...

Simone mudou o mundo sem se mudar a ela, o que é um feito quase impossível: construiu sobre os escombros do seu amor solitário uma imagem de mulher autônoma que se colou ao corpo, às atitudes e ao comportamento das mulheres da sua geração. E nós, as que viemos depois, herdamos o amor que ela lançou no ar do tempo e não conseguiu agarrar. (Pedrosa, 2001, p. 150)

E porque...

“O passado é visto como uma prisão, da qual precisamos nos libertar para podermos enxergar o novo e construir um mundo mais digno. Mas para nos libertarmos, não é

suficiente esquecer, aliás, não se esquece facilmente, mas se pode fazer um "acerto de contas" e colocar as coisas em seu devido lugar.<sup>137</sup>

E não é uma filosofia da imobilidade porque nos diz Inês Pedrosa (2001, p. 150) Simone mudou o mundo, mudou mais o mundo do que a literatura ou a filosofia, não mudou tanto.

Isto que não mudou tanto é uma verdade. Também é uma verdade que é inegável a sua contribuição. Por aqui se percebe “Há apenas uma realidade: é no seio do mundo que pensamos o mundo”.

Também é verdade que é no seio do mundo que as mulheres formam-se e lutam. (Ver Fotos 21, 22), (Ver Anexo 8)

**Foto 21: Manifesto em Braga, Portugal. Fotógrafa: Érica Sousa, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

---

<sup>137</sup> Encontrei esta citação no texto de Margareth Rago *Adeus ao Feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil*.

**Foto 22: Manifesto Feminista Anti-Austeridade em Coimbra, Portugal. Fotografa: Érica Sousa, 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Também é verdade que a luta que antes era mais difícil, hoje é mais frequente; isto que acabo de lembrar, permite agora, passar a razão porque esta filosofia é diagnóstica, ambulatória e manifesto de ação, às práticas da marcha<sup>138</sup> (Ver Fotos 23, 24),

**Foto 23: Performance Feminista. Fotografa: Agnes Aguiar, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

---

<sup>138</sup> A performance S/ Título diz respeito ao Camp, ao Manifesto realizado em Braga. O teatro do oprimido diz respeito ao Manifesto Anti- Austeridade realizado em Coimbra.

A filosofia de Beauvoir é diagnóstica porque diz:

Foram os Homens que fizeram a Grécia, o Império Romano e todas as nações, que também descobriram a Terra e inventaram os instrumentos que permitiram explorá-las, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, os contos e as narrativas reflectem os mitos criados pelo orgulho e desejo dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra o seu destino. A superioridade masculina é esmagadora. Perseu, Hércules, David, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Napoleão – quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso dos que os livros que relatam vidas de mulheres ilustres; e, na sua maioria, banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si, mas para companheira de Adão, e de uma costela dele; na Bíblia, há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis: Rute não fez outra coisa senão encontrar um marido; Ester obteve a graça dos judeus ajoelhando-se diante de Assuero, e ainda assim não passava de um instrumento dócil nas mãos de Mardoqueu; Judite teve mais ousadia, mas também obedecia aos sacerdotes, e a sua proeza tem um vago, sabor equívoco, sem se poder compará-la ao triunfo puro e brilhante do jovem David. As Deusas da mitologia são frívolas ou caprichosas e treme diante de Júpiter; enquanto Prometeu rouba, sobermente, o fogo do céu, Pandora abre a caixa das desgraças. (Beauvoir, 2008, p. 35-36)<sup>139</sup>

E ambulatória porque...

Ninguém sofre uma opressão tão prolongada ao longo da história como a mulher. Mutiladas em países da África com a supressão do clitóris, censuradas em países islâmicos onde são proibidas de exhibir o rosto, subjugadas como escravas e prostitutas em regiões da Ásia, deploradas como filha única por famílias chinesas, são as mulheres que carregam o maior peso da pobreza... (CHRISTO, 2001)<sup>140</sup>

E manifesto de ação porque tem um cunho evidentemente divergente da Teoria da Performatividade de Butler, convergente com a política da Marcha Mundial das Mulheres.

<sup>139</sup> BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo 2. Trad. Sérgio Milliet. Bertrand, 2008.

<sup>140</sup> Christo citado por Cláudia Bragança Pedro, Olegna de Souza Guedes no texto As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres, p. 4.

**Foto 24: Teatro do oprimido no Manifesto Anti-Austeridade. Fotografa: Érica Sousa, 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Para avançar, cabe lembrar, desde já: as palavras de Judith Butler quando se refere a sua teoria:

...Minha teoria às vezes se divide entre compreender a performatividade como lingüística e olhá-la como teatral. Cheguei à conclusão de que os dois estão invariavelmente relacionados, quiasmicamente, e que uma reconsideração do ato do discurso como uma instância de poder invariavelmente chama a atenção para suas dimensões teatral e lingüística. (BUTLER, 1999, p. xxv).<sup>141</sup> p. 168

Segundo Carlos Bento (p. 161) Butler desenvolveu sua teoria a partir de uma diversidade de conceitos, da teoria da performatividade de Austin, da Teoria Queer de Jacques Derrida.

Segundo Richard Miskolci esta última surgiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, fora dos departamentos de Sociologia e Antropologia, surgiu no encontro entre uma corrente dos Estudos Culturais norte-americanos com a corrente do pós-estruturalismo francês que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação<sup>142</sup>; porque surgiu fora, tendia para a análise de obras artísticas e midiáticas.

<sup>141</sup> Citada por Carlos Henrique Bento no texto *O gênero atuante: a performance de gênero em The Passion of New Eve e Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*, p. 168.

<sup>142</sup> Em *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*.

Para Adriana Vidal de Oliveira, a teoria de Butler tem na sua base algumas críticas ao termo mulher e a utilização do sexo e do gênero como pontos centrais do feminismo e a heterossexualidade.

Para Guacira Cesar de Oliveira o termo mulher é um grande desafio para o movimento feminista.<sup>143</sup>

Ora, a teoria de Simone de Beauvoir se baseia nesse sujeito mulher. A teoria de Judith Butler se baseia no sujeito humano.

A grande polêmica entre as duas teóricas é está.

A segunda polêmica está entre a teoria feminista e a teoria marxista.<sup>144</sup>

### **2.3.Os recursos da Performance Feminista**

Neste subcapítulo não pretendo analisar pormenorizadamente os recursos da performance, tão-somente pretendo levantar alguns recursos usados, sem a necessidade de explicá-los em profundidade, pensados no workshop Teatro do Oprimido, como a faixa, os cartazes, as frases de ordem, as músicas, o corpo. (Ver Fotos 25, 26, 27)

**Foto 25: Faixa. Fotógrafa: Érica Sousa, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

---

<sup>143</sup> Em Desafios do(s) feminismo(s) na perspectiva da transformação social.

<sup>144</sup> Desenvolvemos uma síntese reflexiva no subcapítulo Algumas contribuições.

**Foto 26: Cartazes. Fotógrafa: Érica Sousa, 2013.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

No que diz respeito as faixas, são um recurso, uma práxi do movimento feminista, por isso reaparecem várias vezes.

No que diz respeito aos cartazes são um recurso que tornam visíveis a linguagem política do governo e das feministas.

Segundo Yasmine Ergas (1991, p. 598) com o decorrer dos anos apareceu na Europa uma fraseologia carregada de conotações políticas, em concomitância com as análises feministas da condição da mulher; termos chave como “patriarcado” que acabaram por conotar concepções globais; vínculo entre vários movimentos que foram solidificados por esta criação da linguagem política, de fragmentos linguísticos.

No que diz respeito as frases de ordem, são frases conhecidas, porque são cantadas, estão relacionadas a acontecimentos; são frases sobre uma variedade de assuntos.

No que diz respeito ao corpo, penso como Yasmine Ergas, ao mesmo tempo que questiona o primado da feminilidade, afirma a categoria de identificação política, o símbolo da mulher.

Pensei bastante tempo depois, que se utilizou, é claro, inconscientemente, as tendências que Eleonora Fabião aponta no texto *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*: acumulações, exageros, simplificação de materiais, desinteresse em performar personagens fictícias, interesse em explorar características próprias, ampliação da presença e da participação.

Acredito que tendemos aqui, mais para a ampliação da presença que para a ampliação da participação.

No que diz respeito a estruturação da performance, se utilizou somente ideias que surgiram no workshop Teatro do oprimido de Augusto Boal; a utilização de ideias, da performance, foi consciente, política.

Tudo isto teve a ver com uma afirmação do teatro de Bertold Brecht que, de acordo com Geraldo Brito Lopes, influenciou a formação de Augusto Boal.

### **CAPÍTULO III – OS FEMINISMOS DENTRO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

Quando pergunto *Onde estão os feminismos na formação acadêmica na Universidade Federal do Pará?*, penso em que áreas encontramos os Estudos Feministas ou em que disciplinas, pesquisas, revistas encontramos temas dos feminismos, em que espaços encontramos discussões feministas; não pergunto onde estão as feministas, ainda, penso onde estão as mulheres e o que estas entendem por feminismos.

Mulheres e Feministas são analisadas separadamente aqui<sup>145</sup>. Embora mulheres e feminismos não possam ser vistos separadamente.

A análise desta maneira serve para lembrar que as feministas são, quase, sempre mulheres, mas há mulheres que nem sempre são feministas; é bom pensar assim para lembrar o problema teórico.

A análise aqui também serve para comparar a diferença da formação feminista na universidade, mesmo sendo uma formação lacunar, da formação na região metropolitana de Belém, na Marcha Mundial das Mulheres do Pará; serve para verificar as possibilidades que as mulheres tiveram ou tem hoje.

Por esta análise, qual é a primeira pergunta?

#### **3.1. Onde estão o feminino e os feminismos na formação acadêmica na UFPA?**

Os espaços onde as mulheres estão hoje na Universidade Federal do Pará, são muitos: Revista Gênero na Amazônia, Observatório da Lei Maria da Penha, Grupo Nós Mulheres da Faculdade de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Ciências das Artes, Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero etc.

Os espaços onde os feminismos estão não são tantos assim, mesmo porque não há Grupo de Estudos Feministas.

---

<sup>145</sup> Tive a ajuda para esta análise da Prof<sup>a</sup>. Maria Luzia Miranda, das militantes feministas da MMM - PA.

Este é o problema aqui: encontrar os feminismos na formação acadêmica na Universidade Federal do Pará.

Tornou-se fundamental, neste problema, considerar a formação de uma pessoa, pelo percurso, possibilidades que queremos ver. (Ver Quadro 3 Entrevista com a docente) (Ver Apêndice 1)

### Quadro 3: Entrevista com a docente Maria Luzia Miranda

Problemática	Dimensões Contexto Institucional
Feminismos	<p>Onde é que está o feminismo? Primeiro, há feminismo e feminismos, há feministas e não feministas mesmo estudando questões de gênero.</p> <p>O Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulheres e relações de Gênero - GEPEM, tem feministas e não feministas, mas estão integrado os temas; são feministas mesmo os que não são.</p> <p>O termo tem problema na universidade, é pesado, com base nas representações sobre as figuras das feministas.</p> <p>Posso estudar feminismos, mas não quero ser feminista.</p> <p>O que é a luta da feminista, do movimento feminista? É uma luta contra o sistema sexista, homofóbico.</p> <p>Existe um diferencial entre o movimento feminista e o movimento de mulheres.</p> <p>Fiz pesquisas sobre o movimento de mulheres do campo e da cidade.</p> <p>O GEPEM... Não posso dizer que é um grupo feminista. Há pesquisadoras e pessoas que não incorporam o termo.</p> <p>Não há conflito no grupo. Há o silêncio. É melhor porque absorvem. Mas não posso dizer que o GEPEM é feminista.</p> <p>O fato de ser Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero é uma questão política. O primeiro veio das mulheres, segue a mesma</p>

	<p>linha dos estudos de gênero.</p> <p>Scott diz que gênero são relações de poder, não são relações sociais.</p> <p>A Teoria Feminista é construída pelas relações de poder entre homens e mulheres, abarca tudo, na Antropologia abarca o gênero, na Sociologia o patriarcado.</p> <p>Um livro sobre o patriarcado contemporâneo é o Contrato Sexual.</p> <p>Ele inclui uma perspectiva do patriarcado que não é mais clássica.</p> <p>O feminismo acadêmico está marcando posição de avaliar áreas dos conhecimentos, de mostrar o processo de representação e preconceito.</p> <p>Pelo preconceito mata-se as mulheres.</p>
Feminino	<p>Os feminismos refletem na formação; as áreas estudadas não avaliam o que os teóricos estão falando de uma forma discriminatória, quem tem uma formação feminista identifica, questiona até Aristóteles, a teoria democrática, pega os autores, desmontam áreas, assim não vai havendo a repetição do sexismo, da homofobia.</p> <p>O principal momento da minha vida acadêmica foi o momento de identificação, da desconstrução, de aprendizado.</p> <p>Era dona de casa e a construção da minha vida era tradicional, estudei num colégio de freira, era da geração que era para mulher casar e ter filhos.</p> <p>Quando eu percebi que queria estudar tinha 32 anos, tinha 4 filhos... foi em 1932.</p> <p>Eu me inscrevi em Ciências Sociais, passei em 29º lugar.</p> <p>Os nossos amigos eram intelectuais, eram da Sociologia, a crítica que faziam a sociedade era linda, criou uma consciência crítica em mim.</p> <p>Eu disse vou estudar. E as crianças, o marido?</p>

	<p>E começou uma mudança de vida. Acabou a história dos três M, meus filhos, meu marido, minha casa.</p> <p>Era outras vidas que estava conhecendo.</p> <p>Aos 42 anos comecei a escrever para uma coluna de crítica do cinema, Panorama, fiz um concurso interno, não havia concurso ainda, fui chamada, percebi as diferenças de gênero, começou a ficar claro.</p> <p>Depois fiquei apaixonada pela ciência política.</p> <p>Muito importante estas descobertas, me levaram a ver que eu era feminista, não sabia o conceito.</p> <p>Em 1978 eu me tornei professora.</p> <p>Depois entrei para movimentos; acompanhei a prisão de dois padres Camio e Gouriou.</p> <p>Eu fui dividindo as coisas, vida de casal, família; sexualidade não saía da minha boca porque fui de um colégio de freira.</p> <p>Em 1983 estudava muito, apresentava palestras nas associações de mulheres.</p>
Estudos e Pesquisas	<p>GPEM tem 20 anos, nesses 20 anos ele se inovou em temáticas, ele possui cinco linhas de pesquisas, bolsistas institucionais e voluntários, tem projetos, tem uma base feminista porque os estudantes questionam as hierarquias sexistas que podem ser de homens e mulheres.</p> <p>Não gosto de machismo, uso sexismo.</p>
<b>Problemática</b>	<b>Dimensões do Contexto Político</b>
Feminismos	<p>Há momentos e momentos da importância dos temas.</p> <p>No momento atual há o tema da violência doméstica, da saúde da mulher, que é um tema integrante, integra a saúde reprodutiva; a violência obstétrica.</p> <p>O tema do aleitamento em oposição a indústria do leite e ao</p>

	<p>capitalismo.</p> <p>O tema das mulheres trabalhadoras e das lutas, por exemplo, pelo tempo de descanso, pelos espaços para creche.</p> <p>E do direito ao corpo.</p> <p>E Mulher na Política que fica submerso, mas nas eleições emerge.</p>
Feminino	<p>Há muitos grupos de mulheres no Estado. A maioria com fortes tendências doutrinárias, alguns grupos de mulheres contra a legalização do aborto. Não dizem, saem na tangente.</p> <p>Feministas... Tem a Nilde, parceira do GEPEM, ela conhece muitas feministas que se agregam em movimentos.</p> <p>Fora desse contexto, participei da Comissão Pastoral da Terra.</p>
Estudos e Pesquisas	<p>O GEPEM tem vários estudos voltados aos direitos humanos e a mulher.</p>

**Fonte: Dados da Entrevista, 2014.**

### **3.2.A Marcha Mundial das Mulheres e a experiência das militantes**

Segundo a Marcha Mundial das Mulheres do Pará, o primeiro Comitê da Marcha foi formado em 2005, por mulheres estudantes, bancárias, educadoras, sindicalistas.<sup>146</sup>, a primeira participação do comitê numa ação nacional (Ver Foto 27) ocorreu em 2010.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Hoje tem mulheres assentadas, produtoras rurais, pescadoras, donas de casa e mulheres de associações populares.

<sup>147</sup> Cerca 63 mulheres participaram da 3ª Ação Nacional em São Paulo.

**Foto 27: Caminhada de Campinas à São Paulo.**



**Fonte: Blog MMM-PA**

Evidente que de 2010 até hoje aconteceram muitos debates, formações. Penso que sem conhecermos estas últimas, não podemos fazer comparações com a formação feminista na Universidade Federal do Pará nem separar mulheres feministas, de mulheres não feministas.

Em razão disto e como o sub-capítulo indica, mostrarei as experiências de duas militantes feministas na Marcha Mundial das Mulheres do Pará, focando, antes disto, a visão que tinham e tem dos feminismos.<sup>148</sup>( Ver Apêndice 2)

Eis a experiência da primeira Militante Feminista: (Ver Quadro 4)

**Quadro 4: Experiências da Militante Feminista Lorena Vogado Abrahão**

<b>Problemática</b>	<b>Dimensões 1</b>
<b>Percursos Escolar e Profissional</b>	Graduada em licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará. Estudei o Ensino Fundamental e Médio em colégios particulares, onde meu ativismo social se restringia à atividades assistencialistas e grêmios estudantis. Desde então já costumava ler sobre assuntos mais abrangentes que os da grade curricular do colégio, mas meu ciclo social não proporcionava aproximação com os movimentos sociais. Sempre gostei de estudar e participar de tarefas extras-curriculares. Após o segundo ano na universidade

<sup>148</sup> São as duas primeiras à esquerda da foto.

	<p>inicie atividades em projeto de extensão universitária em comunidades quilombolas, assentadas e ribeirinhas, quando após um ano tornou-se atividade profissional. Ainda na universidade estagiei em semi-internato para crianças entre 5-12 anos, vítimas de violência doméstica. Ainda antes do último ano na universidade, iniciei atividade laboral no Sindicato dos Bancários do Pará, onde hoje exerço a função de assessoria política da presidência. Minhas pós são em cursos de aperfeiçoamentos que passam pelos temas: Sindicalismo e Sociedade no Brasil; Educação Popular, e Gestão em Políticas Públicas em Gênero e Raça.</p>
<p><b>Percurso Feminista</b></p>	<p>Conheci a Marcha Mundial das Mulheres através de militantes da MMM que também eram do Programa de Vivência Estudantil Camponesa – PROCAMPO. Meu irmão (militante do ME) sempre falava da Marcha e achava que “eu era a cara MMM”. Então comecei a ser chamada para as reuniões (cheguei a me dar várias desculpas para não ir) até quando me permitir ir na primeira, acredito que lá pelo final de 2009. Desde então passei pelo processo de descoberta do que é ser mulher e entendi que só através de organização social é que conseguiremos transformar a sociedade e a vida das mulheres (vice-versa).</p>
<p><b>Experiência de Militância Feminista</b></p>	<p>Considero-me militante assídua da MMM, o que não significa participar de todas as reuniões e/ou atividades, mas na maioria sim, sem me distanciar da organicidade, pois, hoje a MMM tem grande agenda na sociedade. Através da minha atividade profissional no Sindicato dos Bancários também consigo levar pautas do movimento feminista para a categoria e sociedade através das atividades políticas. Como a minha militância iniciou-se ainda na universidade, foi inevitável não levá-la para o ambiente acadêmico, onde defendi o TCC com a temática da Transversalidade na educação como instrumento de transformação. Não tenho dúvida de que o feminismo mudou o percurso da minha vida, pois, além de tudo, permitiu que eu</p>

	soubesse dos não limites e limites das minhas “vontades” individuais perante o coletivo. Então tornou-se indissociável a transversalidade da temática também na minha vida pessoal, social e profissional.
<b>Problemática</b>	<b>Dimensões 2</b>
<b>Percurso Escolar e Profissional</b>	<p>Desde criança, quando tirava uma prateleira do guarda-roupa para servir de quadro para dar aula (para as “babás” vinda do interior), quis ser professora, mas havia dificuldade em definir em qual área. No ensino médio achava que seria bióloga, mas não passei no vestibular. No cursinho vi que o caminho era outro, o de Letras, quando então fui aprovada. Hoje entendo que foi uma ótima escolha, foi neste curso que encontrei o que realmente sempre quis – ser professora de educação social (ainda uma luta na academia).</p> <p>No percurso escolar eu achava linda qualquer notícia sobre o feminismo, mas não imaginava que eu me tornaria uma. Obs.: há indícios familiares que eu desde criança tinha muita tendência ao feminismo.</p>
<b>Percurso Feminista</b>	<p>Considero que era um nível razoável de politização. Nível que foi significativamente ampliado após a entrada na Marcha Mundial das Mulheres. Participamos de muitos momentos de formação, essa é uma constância na MMM, além dos outros espaços que passei a acompanhar após esta inserção no movimento social.</p>
<b>Experiência de Militância Feminista</b>	<p>Para transformar o mundo e a vida das mulheres, é preciso muita organicidade no movimento e isso se dá através das nossas constantes reuniões onde planejamos as ações a curto e médio prazo (também há o nosso planejamento anual). Como somos um movimento presente em mais de 100 países, temos momentos nacionais e mundiais, além de momentos de lutas com outros movimentos de mulheres e com muitas manifestações de rua. Este é o método que exercemos para pautar a sociedade poderes públicos.</p>

	<p>Diria que não é questão de ser fácil ou difícil ser feminista. Ser feminista é lhe dar sim com desafios diários de reação e provocação, mas o que nos move (a libertação das mulheres) é muito mais importante do que qualquer um desses embates.</p> <p>A Marcha Mundial das Mulheres traduz a minha esperança em viver em um lugar mais justo e fraterno, onde todos e todas tenham igualdade de direitos e oportunidades.</p> <p>Considero todos os temas de fundamental importância, mas pela qualificação do debate acabamos nos aprofundando de formas diferenciadas em cada tema. No meu caso, as temáticas que mais acompanho são mulher, divisão sexual do trabalho, mercantilização e violência contra a mulher. Minha relação com a temática da prostituição não é pela questão de não gostar, mas pelo fato de compreendê-la como o exemplo mais concreto da mercantilização da vida e do corpo das mulheres.</p> <p>A minha experiência na marcha Mundial das Mulheres no Pará se dá de forma orgânica desde o final de 2009 e isso se estende para ações conjuntas com outros movimentos e temáticas.</p>
--	--

**Fonte: Dados da Entrevista**

Eis a Experiência da segunda militante: (Ver Quadro 5)

**Quadro 5: Experiências da Militante Feminista Liliani Nascimento**

<b>Problemática</b>	<b>Dimensões 1</b>
<b>Percurso Escolar e Profissional</b>	<p>O meu nível de escolaridade é superior incompleto. Cursando direito na Universidade Federal do Pará. Eu acho que o direito a longo prazo tem uma perspectiva de satisfazer como pessoa.</p> <p>A graduação é difícil. Eu acho que a universidade tem conceitos conservadores ao modo da sociedade, mas em outras áreas tem avanços, como Direitos Humanos. O meu nível de satisfação com curso é médio.</p> <p>Eu sempre fui estudante, fiz estágios em Projetos de Extensão como Programa de Vivência Estudantil Camponesa que durou 4 anos, mas fui estagiária durante 3 anos.</p>
<b>Percurso Feminista</b>	<p>Eu conheci a marcha em 2008, comecei a participar em 2009, ano que fui para o Encontro de Mulheres Estudantes da UNE. Entrei na marcha em 2010. Tive resistência para entrar, na minha cabeça era briga. Não tinha acesso as pautas, fui absorvendo, participando das reuniões, acabei me envolvendo.</p>
<b>Experiência de Militância Feminista</b>	<p>Em 2010 aconteceu a 3º Ação Internacional da Marcha em São Paulo, foi 10 dias de caminhada, uma experiência diferente, tive acesso a debates que não tinha no Estado, a auto-organização, a auto-gestão.</p>
<b>Problemática</b>	<b>Dimensões 2</b>
<b>Percurso Escolar e Profissional</b>	<p>No ensino médio a escola sempre foi estática em relação ao processo ensino-aprendizado, os alunos não eram estimulados, mas tive uma participação ativa tanto no ensino fundamental como no médio.</p> <p>Na Universidade Federal do Pará comecei a ter acesso a marcha, tinha pessoas da marcha no projeto de extensão.</p>
<b>Percurso Feminista</b>	<p>Considero o meu nível de politização médio, já era filiada do PT,</p>

	<p>me organizava na juventude.</p> <p>Agora o nível de politização... estou aprendendo, não chegamos no nível alto porque as coisas vão mudando, vamos tendo percepções diferentes.</p> <p>O nível de formação na marcha é constante, a gente se forma periodicamente, todo ano tem formação, tem formações nacionais, em que vai duas meninas, formações estaduais, nós estudamos, fazemos debates.</p>
<p><b>Experiência de Militância Feminista</b></p>	<p>Aspirações em termos de ações... Acho que o modelo que a marcha tem faz com que as ações sejam pontuais e consigam atender as demandas locais.</p> <p>A nível nacional a marcha caminha por um bom processo. O feminismo com que mais me dou é radical, mas não consigo ser orientada por uma única linha de pensamento.</p> <p>O modelo de organização que a gente escolheu é auto-organização, para entender o processo de discriminação etc.</p> <p>Não posso chegar a uma conclusão com um homem, porque ele é reprodutor das opressões.</p> <p>Entre a gente as conclusões são mais verdadeiras.</p> <p>Penso que é difícil ser feminista radical porque além da gente ter que lutar contra o machismo, o patriarcalismo que oprime através da ideologia, temos que lutar contra o conceito de feminismos que a sociedade tem, deturpado, que queremos dominar o mundo, passamos por loucas.</p> <p>Eu sou Do DS, Democracia Social, tendência no PT, ele é anticapitalista, anti-feministas, criamos um grupo paralelo, nesse grupo meninas já fizeram ponderações, nota.</p> <p>Apesar deles terem uma formação, ainda pensam que exageramos.</p> <p>É um processo de desconstrução contínuo.</p> <p>Os temas dos feminismos de que mais gosto são mercantilização</p>

	<p>do corpo, está incluído o processo de prostituição; soberania alimentar que é um modelo de economia sustentável à das pessoas e não da natureza; aborto.</p> <p>Os temas de que menos gosto? Não sei.</p> <p>A experiência na marcha é satisfatória, consegui quebrar conceitos que aprendi durante a infância. O mundo não é uma caixa de pandora; tirei muito essa questão do remorso, do arrependimento, a marcha trabalhou muito isso em mim.</p> <p>A solidariedade entre as mulheres é muito forte e isso nos fortalece muito, conseguimos ter vínculos para que continuemos nos organizando.</p> <p>“A marcha é o caso de amor que mais dá certo.”</p>
--	--

A reflexão sobre os feminismos, o percurso feminista, comentados pela docente da Universidade Federal do Pará Maria Luzia, pelas militantes feministas Lorena Abrahão, Liliani Nascimento da Marcha Mundial das Mulheres do Pará, permite, aqui, mostrar uma diferença entre a formação feminista na universidade e a formação feminista além da universidade: enquanto numa formação, as mulheres, não negam o termo feminista, noutra, há uma negação.

É muito positivo considerar as experiências anteriores, prestar atenção as influências que independem da nossa vontade, que estão no nosso percurso, como os passos dados por alguém.

Como estou falando disto posso perguntar novamente se não surgem experiências novas, propostas suficientemente densas destas experiências.

### **3.3. Algumas contribuições: os primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará**

Os primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará foram dados exatamente no I Ciclo de Oficina de Teatro Manifesto, que reuniu no Sindicato dos Bancários da região metropolitana Belém cerca de 15 mulheres feministas, não feministas, quando tinha pleno domínio dos temas dos feminismos contemporâneos (Ver Anexo 9), outro modo de pensar e fazer teatro.

Este modo prende-se as metodologias, as contribuições do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres. Para vermos que prende-se, de fato, apresentarei fotos de oficinas, do teatro, que detem características de um manifesto, em cada marcha.<sup>149</sup> (Ver Fotos 28, 29, 30)

**Foto 28: Primeiras conversas no Camp. Fotografa: Érica Sousa, Viera do Minho, Portugal, 2013**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2013.**

---

<sup>149</sup> Atentem-se que as fotos foram tiradas em 2013 e 2014 de ações internacionais, por isso podem aparecer feministas da Marcha Mundial das Mulheres da França, feministas de outras marchas.

**Foto 29: Primeiras conversas I Ciclo de Oficina de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará. Fotografa: Romana Melo, 2014.**



**Fonte: MMM - PA, 2014.**

**Foto 30: Teatro do Oprimido do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres. Fotografa: Érica Sousa, Coimbra 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

**Foto 31: I Ciclo de Oficina de Teatro da Marcha Mundial das Mulheres do Pará.**

**Fotografa: Romana Melo, 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

**Foto 32: Batucada do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres.**

**Fotografa: Érica Sousa, 2014.**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

**Foto 33: Batucada no I Ciclo de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará. Fotofrafa: Lorena Abrahão**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Penso que este I Ciclo de Oficina de Teatro Manifesto me fez revisitar temas da disciplina *Temas dos Feminismos Contemporâneos* como Patriarcado, Feminino, temas do European Camp Of Young Feminists como Empoderamento, Sororidade. Também penso que através deste consegui dar os primeiros passos na Marcha Mundial das Mulheres do Pará, priorizar Bertold Brecht ao invés de Augusto Boal<sup>150</sup>.

O foco na Teoria de Bertold Brecht equivale a uma afirmação do marxismo, antes a afirmação de como o feminismo libertário pode determinar outro modo de se pensar e se fazer teatro.

Este modo coloca no centro do seu interesse pelas propostas possíveis, a pessoa das mulheres, capaz de orientar o teatro a partir de manifestos transformados em projetos politicamente inscritos.

Deste modo, está respondido o problema do trabalho.

---

<sup>150</sup> Elin Diamond faz uma crítica feminista da teoria de Bertold Brecht..

## CONCLUSÃO

Então, é possível concluir que:

Observei na Universidade de Coimbra uma consistente formação feminista, expressa pelo Programa de Mestrado e de Doutoramento em Estudos Feministas; um consistente estudo feminista, expresso pela Disciplina Transversal Temas dos Feminismos Contemporâneos, um debate de boa base feminista e de grande escala, expresso pelos encontros feministas.

Foi muito interessante verificar que os temas norteadores do percurso: feminino, feminismos e artes tem sido motivo para outro modo de se pensar e se fazer teatro, para crítica a teoria da filósofa Judith Butler.

E sim, por isso a Marcha Mundial das Mulheres junto a filósofa Simone de Beauvoir permitiu ver mais claramente o caráter artístico, político das mulheres.

Da mesma maneira, que não há disciplinas optativas e/ou os feminismos na formação acadêmica na Universidade Federal do Pará, há um corpo docente interessado nos espaços e nas formas de participação das mulheres, mas a formação para ficar na memória é a formação feminista realizada em Coimbra porque abriu uma porta para a cidade de Coimbra, Vieira do Minho, Braga e para a cidade de Belém, no Pará.

Neste sentido, há, como sempre, no encontro com as cidades, as mulheres, os feminismos, muito trabalho possível de ser feito.

Por isso acredito que a pergunta está respondida, considerando que o I Ciclo de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres do Pará tem vindo a mostrar isso ou porque os manifestos, no caso específico do Núcleo de Coimbra da Marcha Mundial das Mulheres, propõem um encontro com o teatro, que merece um estudo mais aprofundado, pois destaquei a formação feminista que se desenvolveu em Coimbra e deixei ainda pontos importantes. O primeiro deles seria necessidade de averiguar os conceitos, os códigos feministas que possuem um reconhecimento internacional. O segundo seria a necessidade de averiguar os manifestos, até que ponto é teatro ou é apenas um manifesto? O terceiro seria uma reflexão sobre a palavra manifesto ligada a um movimento feminista.

Tal investigação contribuiria para reconhecer um teatro marcado da identidade política. O passo seguinte aberto é aprofundar daqui em diante este estudo.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ARGAN, Giulio Carlo. FAGIOLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Trad. Gonçalves de Azevedo. 1º Edição. Lisboa: Estampa, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo 2: A experiência vivida*. Tradução Sérgio Millet. Quetzal Editores, 2008.

BEBIANO, Adriana. FERREIRA, Rosário. TAVARES, Teresa. *Estudos Feministas: ensaios interdisciplinares*. (Coleção Textos Pedagógicos e Didáticos, 18). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

BENTO, Carlos Henrique. O gênero atuante: a performance de gênero em *The Passion of New Eve* e *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)*. Belo Horizonte Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. 6a. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p.119-120.

BOCK, Gisela. História, História das Mulheres, Histórias dos Gêneros. Fazer e Desfazer História, Nº4. Nov.1989.

BUTLER, J. *Performative acts and gender constitution: na essay in phenomenology and feminist theory*. Londres e Nova Iorque, 2004.

CARR, Anne. A mulher na igreja. Tradução António J. Pinto Ribeiro. Editora Temas e Debates, 1997.

COHEN, Yolande. Do feminino ao feminismo. O exemplo do Quebeque. Georges Duby, Michelle Perrot. *História das mulheres Vol. 4: O século XX*, Afrontamento, p. 613-614.

CUNHA, T. & SANTOS, C.M., *Nos de outras teias solidariedade feminina*, EditoraMar da Palavra, 1 edição, Coimbra, 2005.

CUNHA, Teresa. SANTOS, Celina M. dos. Nós de Outras Teias: Solidariedade Feminista. 1º Edição: Mar da Palavra, 2005, p. 185-188.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher: O feminismo dos anos 1960-1980. Georges Duby, Michelle Perrot. *História das mulheres Vol. 4: O século XX*, Afrontamento, p. 583-599.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Revista Sala Preta, Abril de 2009, p. 235-246.

FARAGO, F., Filosofia, as grandes correntes do pensamento político, Porto Editora, Portugal, 2007.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. Simone de Beauvoir, Uma filósofa para o século XXI? Isabel Capeloa Gil e Manuela Cândido Pimentel. Simone de Beauvoir: Olhares sobre A Mulher e o Feminino. Veja, 1º Edição, 2010, p. 31-47.

FRAISE, Geneviève. *O Riso e a Historiadora*. Isabel Capeloa Gil e Manuela Cândido Pimentel. Simone de Beauvoir: Olhares sobre A Mulher e o Feminino. Veja, 1º Edição, 2010, p. 25-30.

GIL, I.C. & PIMENTEL, M. C., Simone de Beauvoir Olhares sobre a mulher e o feminino, Editora Nova Vega, 1 edição, 2010.

GIL, Isabel Capeloa. La Donna È Mobile ou da mobilidade como esteriótipo do feminino. Isabel Capeloa Gil e Manuela Cândido Pimentel. Simone de Beauvoir: Olhares sobre A Mulher e o Feminino. Veja, 1º Edição, 2010, p. 139-150.

GIL, Isabel Capeloa. PIMENTEL, Manuel Cândido. *Simone de Beauvoir: olhares sobre a mulher e o feminino*. GANITO, Carla. Mulheres Móveis: O telemóvel como tecnologia de género. Lisboa: Portugalíia Editora. 1º Edição. Vega, 2010, p. 249-258.

HIGONNET, Anne. “Mulheres e Imagens: aparências, lazer e subsistência.” Genevieve Fraisse, Michelle Perrot. *História das mulheres Vol. 4: O século XIX*, Afrontamento, p. 297-324.

HIGONNET, Anne. “Mulheres e Imagens: aparências, lazer e subsistência.” *Hist. Ensino, Londrina*, v. 6, out. 2000, p. 141-161.

LAMAS, Marta. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. *Revista Proposta*. No 84/85 Março/Agosto de 2000, p. 12-25.

LOPES, Geraldo Britto. A Influência do Teatro de Brecht na Formação do Teatro do Oprimido. *Anais do Simpósio da International Brecht Society*, vol.1, 2013.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. *Dicionário da Crítica Feminista*. Edição Afrontamento, N°957 Coleção Dicionários/1.

Marcha Mundial das Mulheres. *Cadernos Marcha Mundial das Mulheres – número 1*. São Paulo, Junho de 2008.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

MCCAUGGHAN, Edward J. Navegando pelo labirinto do silêncio: artistas feministas no México. *Estudos Feministas, Florianópolis*, jan-jun/2003, p. 89-112.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias, Porto Alegre*, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

PARKER, Victória. *Os Direitos das Mulheres*. Trad. Maria Inês Barroso. 1º Edição. Gradiva Público. Fevereiro de 2000.

PEDRO, Cláudia Bragança. GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. *Anais do I Simpósio sobre*

Estudos de Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

PEDRO, R.L., *Mulheres & deusas*. Editora Ariana, 1 edição, Novembro de 2008.

PEDROSA, Inês. *Vinte Mulheres para o século XX*. 2ª Edição. Fevereiro de 2001.

PENA, Cristiana. A Revolução das Feministas Portuguesas 1972 — 1975: DO “Processo das Três Marias” À Formação do MLM — Movimento de Libertação das Mulheres. Universidade Aberta. Fevereiro de 2008.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. *Cadernos AEL*, n. 3/4, 1995/1996.

REIS, L., *Divas do teatro português*, Editora Sete Caminhos, 1 edição, Lisboa, 2005.

REIS, Luciano. *Divas do Teatro Português*. 1ª Edição. Lisboa, 2005.

SCHOPENHAUER, A., A arte de lidar com as mulheres pensamentos masculinos do século XIX, Editora Padrões Culturais, 1 edição, Lisboa, 2009.

TRIZOLI, Talita. *O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações*, 2008.

VAQUINHAS, Irene. As mulheres no mundo contemporâneo: *história comparada*. (Coleção Estudos; 60), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Novembro de 2006.

ZAIDÍMAN, Claude. *Institucionalização dos Estudos Feministas na França*. Estudos Feministas, 1994.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Trabalho escrito O Feminino e o Masculino no contexto acadêmico.

Este trabalho contrasta o ponto de vista empírico *Performance de Gênero* realizada na Universidade de Coimbra e o ponto de vista teórico, isto é, várias perspectivas da *Teoria da Performance de Gênero*, de Judith Butler; ele é concebido como uma indagação *O travestismo é uma performance?*

A esta pergunta Judith Butler respondeu no seu trabalho que o travestismo não é uma performance, mas sim a heterossexualidade.

Carlos Bento se posiciona contra e a favor de Butler, o travestismo é uma performance, uma espetacularização da heterossexualidade impossível de ser repetida, enquanto que a heterossexualidade é repetida constantemente.

Guacira Lopes vem juntar-se a Butler, a heterossexualidade tem um caráter performativo, um poder continuado e repetitivo de produzir aquilo que nomeia, é repetida e reiterada constantemente.

A hipótese deste trabalho é que nem o travestismo nem o masculino e o feminino são performances.

Por travestismo Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral entendem como adoção, por homem ou mulher, de trajes tradicionalmente associados com outro sexo, de um modo temporário ou contínuo.

Carlos Bento entende como adoção do comportamento do sexo oposto; esta noção supõe que há diversas razões, formas de travestimos; não cabe nesse trabalho falar delas, mas ratificar a opinião de Bento, são tomadas por iguais *homossexualidade*, dissociá-las da orientação sexual é quase impossível. Segundo Bento, as pessoas precisam associar ao feminino, ao masculino; ultrapassar esta visão dualista é o desafio deste conceito.

Por gênero Simone Beauvoir entende como construção social ou cultural, categoria problemática.

Bento diz que o gênero muda, penso que aí reside a problemática, ele constrói-se.

O termo se consolidou a partir do trabalho de Judith Butler, constrói-se e se transforma no feminino, no masculino.

É tão difícil separar feminino e masculino de macho e fêmea como reconhecer as diferenças de gênero, a dificuldade existe porque há uma hierarquização de papéis sociais.

Esta ideia é mencionada por Amílcar no artigo Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.

“Alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, aos quais o homem e a mulher “devem recalcar para serem reconhecidos como homem e mulher”. O que se configura hoje como uma liberação para os gêneros, a emancipação do homem e da mulher, seria simplesmente liberar alguns aspectos masculinos da personalidade das mulheres (trabalho, produção científica, competição, esportes) e alguns (mas nunca todos) femininos da personalidade do homem (afeto, paternidade responsável, cuidados da casa, beleza). (Amílcar Torrão, p. 14-15)

Transparece nessa citação o elo entre gênero e sexo. Judith Butler diz na sua teoria da performance de gênero que o corpo também é uma performance.

Carlos Bento diz que o corpo não é uma performance, mas o lugar da performance, a performance é a experiência, o momento, o gesto.

Corpo e gênero não podem ser separados. Este trabalho contraria a afirmação de Judith, o corpo não é fixo; subestimei o conceito de travestismo, no entender de Bento, ousado: “...O/A travesti ousa assumir um gênero diferente do socialmente prescrito para o seu sexo biológico, veste-se com roupas do gênero oposto, e chega ao ponto de interferir no próprio corpo, por meio de cirurgias, implantes e terapia hormonal.”

O que complica a noção de ousado é que o travestismo, que interfere inclusive no corpo, continua dentro das categorias tradicionais de gênero, até a teoria de Judith continua operando dentro de categorias.

Teoria, segundo o Dicionário de Crítica Feminista, pouco definida:

“É difícil estabelecer com precisão o que poderia vir a ser a teoria queer, para Lauretis criação conceitual vazia das editoras, para Elspeth Probyn estimulante, mas problemática por causa do uso que faz da palavra, Probyn ver como verbo e não adjetivo para que se aplique a todas as praticas sexuais.”

Segundo Guacira este termo é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais que se coloca contra a normalização, no Dicionário de Crítica Feministas data o final de década de 1980.

Inicialmente teve uma dimensão discriminatória, mas atualmente tem diferentes sentidos, que não está só no campo dos gays e das lésbicas, mas chega em outros campos.

Judith, por exemplo conceitua gênero, corpo, como campo da performance. Bento conceitua só o gênero como performance; experiência, momento, nunca é o mesmo por causa dessa qualidade efêmera; o corpo é o lugar da performance.

Marta Lamas, se posiciona contra e a favor de Bento, contra porque entende o corpo não como o território, mas como processo que articula sexo, desejo, prática sexual, se posiciona a favor porque o gênero é transformável, alterável e reformável, não pela vontade, mas historicamente, culturalmente e psiquicamente.

Ela difere de Judith pelo elo entre o corpo e o psíquico, entende a diferença sexual não como anatomia, mas como subjetividade inconsciente. Vou voltar a esta questão depois.

Marta tem um ponto de vista bastante interessante sobre o desafio do feminismo que resume-se em deixar de pensar só a experiência como gênero vice-versa e passar a pensar esta também como *diferença sexual*.

Por experiência, performance Bento entende como prática; era entendia como expressão teatral até os anos de 1960, happenings.

Segundo Bento, os limites da performance enquanto conceito teórico foram e continuam sendo ampliados.

“O conceito chegou a vários campos, além de expandir-se, cria produtos, um produto da performance no entender de Tiago Pellim é a língua, o seu pensamento ancora-se na obra de Austin que diz que sugere que dizer algo é fazer algo; ou que por dizermos, ou ao dizermos algo estamos fazendo algo. “Austin nos leva a pensar na língua como um produto da performance e não anterior à performance, de forma que, apesar de agirmos no mundo social com sentidos já dados, tais sentidos podem ser reconfigurados e transformados através de seu uso” (Tiago Pellim, p. 2)

Pellim acrescenta que as pessoas quando pensam performance correm para o uso do termo representação, repetição, quando pensam performatividade correm para o termo inovação.

É considerado um ponto de vista confuso considerando a performance hoje prática, não expressão. Pellim diz que a materialidade de uma performance, partiu de Reguera, existe por causa da linguagem, a qual atribui valor aos corpos.

Isto levar a pensar que a Performance de gênero atribui classificações, normas aos corpos, leva a problematizar as normas, ditar as formas de viver e de ser.

Por Performance de Gênero, Bento entende teoria que afirma que o gênero é construído, imposto e regulado por uma série de ritos sociais e linguísticos, repetidos constantemente. Esta repetição da norma, tomando suas palavras, gera o efeito de naturalização, que força os indivíduos a se enquadrar no padrão desejado, e determinando o apagamento das identidades tidas como desviantes.

Guacira Lopes, no seu texto, formula o seguinte: “Butler acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”.

Estas normas serão citadas mais adiante. Para Guacira possuem caráter performativo.

Uma grande parte dos teóricos concorda que o gênero é performance.

Segundo Guacira, a Teoria Queer no contexto português não tem grande expressão, por isso é interessante falar da teoria de Judith na Universidade de Coimbra.

O corpo foi escolhido para falar da teoria, isto é, a *Performance de Gênero* realizada na academia no dia 15, 21 de maio de 2013, pelos estudantes do curso de Estudos Artísticos Leandro Marinho, Érica Sousa, constitui-se assim o pontapé deste trabalho.

Para resumir a performance pode-se dizer o seguinte:

A Performance de Gênero foi organizada em três partes. A primeira parte forneceu um eixo para pensarmos o conceito de travestismo e de gênero. Ela começou as 10 da manhã com os alunos saindo do banheiro, entrando no quarto. As imagens captam a hora que entram no quarto, que vestem-se. Nesta fase pode-se verificar que a função não é nem vestir-se como mulher e homem nem performar, mas agir, vestir-se, normalmente para ir a universidade; pode-se verificar nesta fase que o olhar é praticamente interior, considerando apenas o olhar do fotógrafo. A segunda parte foca a troca de olhares entre pessoas que não se conhecem no percurso até a Universidade. A terceira parte constitui a chegada a universidade, a entrada na sala de aula; o olhar se dar em duas vias, como na segunda fase, a diferença é que a troca de olhares acontece entre pessoas que se conhecem, mais ou menos, frontalmente, também perifericamente, ela terminou as 13h horários.

Pensando nas dimensões de espacialidade a performance aconteceu em casa, na rua, na sala do edifício de matemática da universidade de Coimbra.

O assunto da performance foi fundamental para que se tomasse consciência das normas, ele gira em torno da roupa que em sentido corrente é uma máscara decorativa do corpo que pode tanto esconder ou não há a sexualidade.

O título *Performance de Gênero* constitui uma ironia ao assunto *gênero*, avisa que não devemos levar as coisas ao pé da letra, não era uma performance do gênero, era uma performance da expectativa do corpo, o espectador eram os performes.

Este devia fazer um esforço para pensar o corpo como espaço de questionamentos das teorias, categorias, como espaço do eu.

A prática sempre esteve em competição com a teoria, na Universidade de Coimbra, os estudantes aprendem a segunda, como resultado acabam por aceitá-la, a arte performativa não é um exercício teórico e nem inimiga dos teóricos, Antoin Artaud que deu origem a performance, é um grande teórico, formulou uma teoria do teatro da crueldade. Podemos falar de teoria boa e má. A teoria de Judith é má, o gênero não pode ser performance, academia não precisa desta teoria, precisa de uma teoria que diga frontalmente aos seus alunos que eles são livres, que eles possam cada vez mais dizer eu; o gênero não é uma performance; esta noção foi extraída da observação da “performance de gênero”, lembra a pintura de René Magritte *Isto não é um cachimbo (Ceci n’est pas une Pipe)*, que exige que o espectador, quem diz que é cachimbo (performance), toma o cachimbo, (sexo biológico) por tese, isto é performance, não veja o objeto nem a opção, mas a imagem dele; na tentativa de exigir isto, o trabalho focou a estética, o resultado dela, em Magritte causou grande polêmica, na performance também, mas causou mais pelo contexto.

A performance convidou a uma leitura não dualista do corpo, principalmente no terceiro espaço, o título da performance é flutuante, questionador.

A Universidade de Coimbra segue uma única direção *heterossexualidade*; talha normas relativas ao sexo biológico, feminino, associado a sapato de salto, meia calça, saia, blusa, gravata, terno, capa; masculino associado ao sapato baixo, calça, camisa, colete, terno, gravata, capa.

Não se pode tomar o traje acadêmico deslocado de um contexto histórico.

Segundo Elísio Estanque a academia tem uma tradição festiva, ritualística. A primeira está associada à boémia que decorre da informalidade do cotidiano. A segunda está associada vida universitária que decorre da formalidade.

“Com mais de 700 anos de história, a Universidade de Coimbra (UC) foi, à semelhança de outras universidades europeias, uma instituição fundamental na formação das elites políticas, culturais e intelectuais do país. Para além dos conhecimentos transmitidos e da importância formal dos títulos académicos, a frequência da mais antiga e prestigiada universidade do país era, por si só, um garante de prerrogativas distintivas e de um elevado *status*. O peso da história juntamente com a estreita imbricação da universidade na cidade e a projecção desta como cidade universitária contribuíram para construir ao longo do tempo uma identidade particular, fortemente devedora da presença estudantil e do saber académico.”

Há um movimento de cima para baixo, identidades fixas, masculino, feminino; traje académico feminino, masculino, o estudante não escolhe o traje académico, está escolhido.

Marta Lamas diz que as nossas escolhas são pouco autónomas, que cedemos frequentemente aos incentivos.

A Universidade Coimbra incentiva a hierarquia, na pesquisa bibliográfica constatou-se que há hierarquia até na praxe académica, prática de construção da “identidade particular”, está construção se dar na relação entre praxe e ativismo, a praxe é aplicada aos novatos, ela é incentivada pela universidade por funcionar como um rito de passagem ou transição entre as etapas da vida académica.

Os praxistas exibem o traje académico, os títulos, os tutores, entendidos por Elísio com classificações, códigos de conduta.

O desafio da teoria de Judith está em eliminar as classificações, questionar as restrições e em engendrar novas relações, o elo entre o psíquico e o corpo.

Marta Lamas diz que pode-se levar em conta tanto o gênero (social, cultural) como a realidade psíquica; os dois não podem ser confundidos, o primeiro é uma invenção humana, cultural, o segundo a nível da diferença sexual tem a ver com o confronto entre o objetivo e o subjetivo.

Fernando Pessoa diz que somos mais nós na liberdade, isto é, subjetivo.

Tendo em conta isto, à resposta a pergunta se o travestismo, feminino, masculino são performances, pertence precisamente ao sujeito, claro que alguém precisa responder, na maioria das vezes os teóricos respondem.

O Orlando diz que o travestimos é originador de um terceiro espaço de possibilidade que se constrói por via de uma escolha que é escapar a rigidez das condutas sociais.

Penso que o travestismo apesar de ousado, de expandir as fronteiras do gênero, a hipótese deste trabalho é mais ousada, ela não abre caminho para o surgimento de um terceiro

espaço, mas para o surgimento de um quarto espaço que pretende questionar as hierarquias, teorias baseadas no gênero, a políticas de identidade que Guacira Lopes diz que é capaz de ser cúmplice do sistema. Devido essa desconfiança, Marta diz que teóricos queer sugeriram uma teoria e uma política pós-identitária que escape de enquadramentos.

“Contrapõe-se, seguramente, à segregação e ao segredo experimentados pelos sujeitos ‘diferentes’, mas não propõe atividades para seu fortalecimento nem prescreve ações corretivas para aqueles que os hostilizam. Antes de pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos, quer discutir (e dismantelar) a lógica que construiu esse regime, a lógica que justifica a dissimulação, que mantém e fixa as posições de legitimidade e ilegitimidade. “Em vez de colocar o conhecimento (certo) como resposta ou solução, a teoria e a pedagogia *queer* (...) colocam o conhecimento como uma questão interminável”. Vistos sob essa perspectiva, uma pedagogia e um currículo *queer* ‘falam’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos *queer*. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. Certamente, essas estratégias também acabam por contribuir na produção de um determinado ‘tipo’ de sujeito. Mas, neste caso, longe de pretender atingir, finalmente, um modelo ideal, esse sujeito – e essa pedagogia – assumem seu caráter intencionalmente inconcluso e incompleto. Efetivamente, os contornos de uma pedagogia ou de um currículo *queer* não são os usuais: faltam-lhes as proposições e os objetivos definidos, as indicações precisas do modo de agir, as sugestões sobre as formas adequadas para ‘conduzir’ os/as estudantes, a determinação do que ‘transmitir’. A teoria que lhes serve de referência é desconcertante e provocativa. (Guacira Lopes, p. 12)

Se pode-se falar em um tipo de sujeito, pode-se falar em um tipo de performance; é necessário dizer que o sujeito, não a sua vida enquanto homossexual, é alvo da teoria, da política pós-identitária que criticam a teoria queer, à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais.

Essa teoria pós-identitária não oferece uma resposta definitiva, gênero não é performance, mas oferece uma abordagem desconstrutivista das lógicas binárias, uma crítica dos comportamentos que surgem das normas.

Como se pode constatar no trabalho, a *Performance de Gênero* deixou impensado a questão da sexualidade, limitou-se ao gênero.

“...O gênero se preocupa com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites, aos quais a história deve libertar. Entender o gênero para Scott significa também reconhecer que homem e mulher são “ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes, pois que, quando parecem fixadas, elas recebem, apesar de tudo, definições alternativas, negadas ou reprimidas. O gênero expõe, ainda, o dilema da diferença, a construção de desigualdades binárias, de diferenças pretensamente naturais, significa “lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais”. Uma diferença que deve se impor também na conceituação de gênero, na medida em que muitas vezes os termos mulher e homem são utilizados enquanto categorias homogêneas e sem história, ou sem relação entre si. Como resultado, a categoria ‘mulheres’ assumiu uma existência como entidade social separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria ‘homens. Linda Nicholson propõe que, ao pensarmos no sentido do conceito mulher (e homem, acrescento), devemos entendê-lo como uma palavra “cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características (...)” (Amílcar Torrão, 10-11)

Sendo assim conclui-se que a oposição é necessário, a heterossexualidade só existe em oposição a homossexualidade, uma das formas da sexualidade; conclui-se também que há um desconforto por não saber identificar o gênero da pessoa travestida, dependendo do contexto pode ser um desconforto grande ou não.

## ANEXO 2 - Cartilha Plataforma Anti-Praxe Acadêmica.

Somos um grupo de pessoas que se organiza autónoma e livremente, lutamos para que as relações entre as pessoas se estabeleçam em igualdade e no respeito pela liberdade e autonomia individuais.

Defendemos uma universidade sem preconceitos nem hierarquias - sem praxe! - politicamente interventiva, na qual cada um/a tenha voz política activa, crítica e reivindicativa imprescindível para a mobilização e insubordinação perante o actual panorama político e socioeconómico neoliberal.


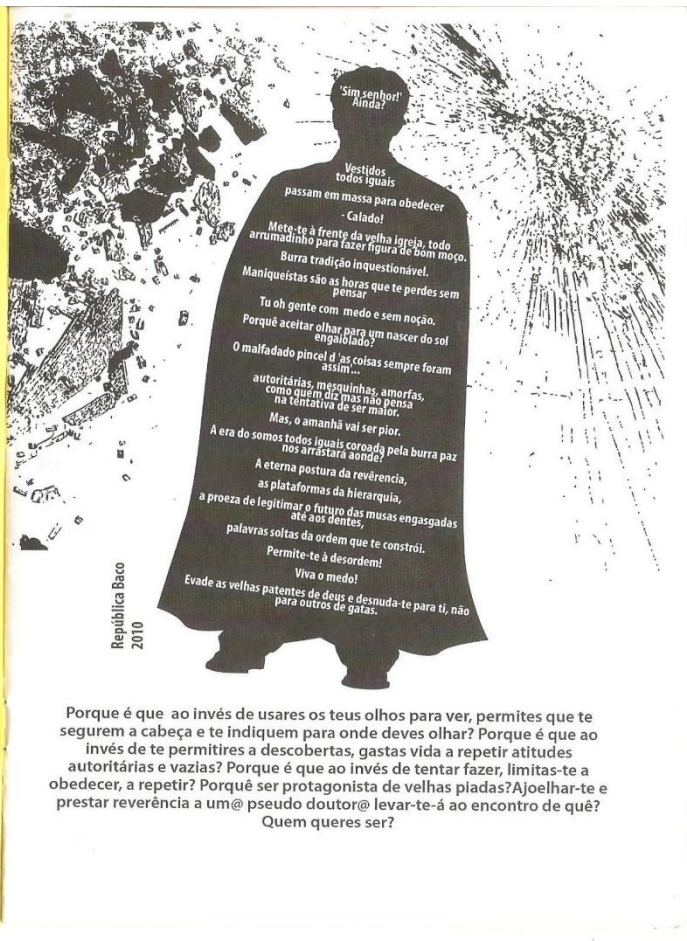
Lutamos pela não mercantilização do ensino e o livre acesso ao conhecimento, numa universidade que promova a co-educação e políticas universitárias construídas com a participação igualitária de todas e todos as e os intervenientes (estudantes, professoras/es e funcionários/os). Exigimos um ensino que compreenda o conhecimento enquanto desenvolvimento pessoal e intelectual, que promova a autonomia individual, a liberdade e o pensamento crítico.

Reivindicamos uma universidade que se insurja no combate a práticas que promovam qualquer forma de opressão, tal como o sexismo, o racismo ou o militarismo.

Por tudo isto, consideramos a praxe um instrumento de alienação que fomenta o acriticismo e a apatia no meio universitário, promovendo relações hierárquicas e valores conservadores que atentam contra a dignidade e os direitos humanos.

Com o argumento da necessidade de integração, a praxe é um obstáculo à tua autonomia individual, desenvolvimento pessoal e intelectual plenos, fundamentais para a tomada de consciência crítica e activismo político e social comprometido com o combate às injustiças e desigualdades sociopolíticas e económicas. A praxe impõe sociabilidades que, ao contrário de se estabelecerem através de relações espontâneas, verdadeiras e igualitárias, promovem formas de convívio baseadas no autoritarismo, no paternalismo e no consumismo. No entanto, existem espaços de convívio sem praxe, onde somos livres e iguais, e que mostram que as práticas praxistas são inúteis e obsoletas no desenvolvimento das relações entre as pessoas.

[HTTP://PLATAFORMAANTIPRAXEACADEMICA.BLOGSPOT.COM/](http://plataformaantipraxeademica.blogspot.com/)  
[p.antiprax@gmail.com](mailto:p.antiprax@gmail.com)

'Sim senhor! Ainda?'

Vestidos todos iguais  
passam em massa para obedecer  
- Caiado!

Mete-te à frente da velha igreja, todo  
arrumadinho para fazer figura de bom moço.  
Burra tradição inquestionável.  
Maniqueístas são as horas que te perdes sem  
pensar

Tu oh gente com medo e sem noção,  
Porquê aceitar olhar para um nascer do sol  
supralado?

O malfadado pincel d'as coisas sempre foram  
assim!

autoritárias, mesquinhas, amorfas,  
como quem diz mas não pensa  
na tentativa de ser maior.

Mas, o amanhã vai ser pior.  
A era do somos todos iguais coroada pela burra paz  
nos arrastará aonde?

A eterna postura da reverência,  
as plataformas da hierarquia,  
a proeza de legitimar o futuro das musas engasgadas  
até aos dentes,  
palavras soltas da ordem que te constrói.  
Permite-te à desordem!  
Viva o medo!

Evade as velhas patentes de dous e desnuda-te para ti, não  
para outros de gatas.

República Baco  
2010

Porque é que ao invés de usares os teus olhos para ver, permites que te  
segurem a cabeça e te indiquem para onde deves olhar? Porque é que ao  
invés de te permitires a descobertas, gastas vida a repetir atitudes  
autoritárias e vazias? Porque é que ao invés de tentar fazer, limitas-te a  
obedecer, a repetir? Porquê ser protagonista de velhas piadas? Ajoelhar-te e  
prestar reverência a um @ pseudo doutor@ levar-te-á ao encontro de quê?  
Quem queres ser?

### ANEXO 3 - Carta Aberta

No contexto das eleições para a Associação Académica de Coimbra, a Plataforma Universidade Contra a Austeridade, na altura como Lista R – Reset À AAC, fez uma ampla campanha de combate às opressões e foi notório e inegável o impacto das denúncias de casos de discriminação através de um álbum de fotografias tornado público no facebook da Lista R.

É de salientar que a campanha, amplamente divulgada nas redes sociais, não foi apenas contra a xenofobia, como alguns meios de comunicação fizeram transparecer, denunciando também casos muito concretos de machismo, racismo e homofobia. E não foram somente as fotografias com testemunhos as ferramentas utilizadas para abordar o tema da discriminação, organizámos também várias atividades e acções sobre as mais variadas formas de opressão (uma experiencia social sobre violência no namoro feita numa cantina universitária, o "Beijaço" também nas cantinas, uma série de vídeos sobre assédio sexual e ainda uma declamação por dois estudantes negr@s de um poema para assinalar o Dia da Consciência Negra).

No entanto, foi realmente a nossa recolha de testemunhos que gerou mais atenção, tendo em conta as várias pessoas a quererem participar, ajudar e apoiar, demonstrando a pertinência e a necessidade deste debate dentro e fora da UC. Recebemos denúncias de colegas que estudavam noutras cidades, outros que já tinham regressado aos seus países e também de não estudantes. Por um lado mostra que não é um problema exclusivo da UC, da cidade ou mesmo da comunidade estudantil, por outro demonstra uma carência de espaços e até mesmo entidades onde as pessoas que sofrem este tipo de violências se sintam confortáveis e seguras para as expôr e denunciar.

Algumas das denúncias publicadas foram levadas aos órgãos competentes da UC que se comprometeram a agir, garantindo a resolução dos casos, sem que os alunos tivessem que recorrer a outras vias. No entanto, esses não foram resolvidos e outros semelhantes continuaram a acontecer, envolvendo mesmo docentes da universidade. Isto demonstra a ineficiência dos mecanismos, que apenas silenciam o problema. Disseram ainda publicamente que as frases divulgadas nos cartazes estavam "descontextualizadas". Perguntamos em que contexto estas frases seriam aceitáveis.

Deste modo, sentimos a necessidade de alargar a campanha, extrapolando-a para além da campanha eleitoral e tornando-a transversal a toda a comunidade, para que o debate não se centre no número de casos ou na ausência de queixas formais. Há que envolver um número maior de estudantes e de outros sectores da sociedade para o tornar público, dando voz às pessoas que, na maior parte das vezes, mantêm estes problemas invisíveis e continuam a ser vítimas em silêncio.

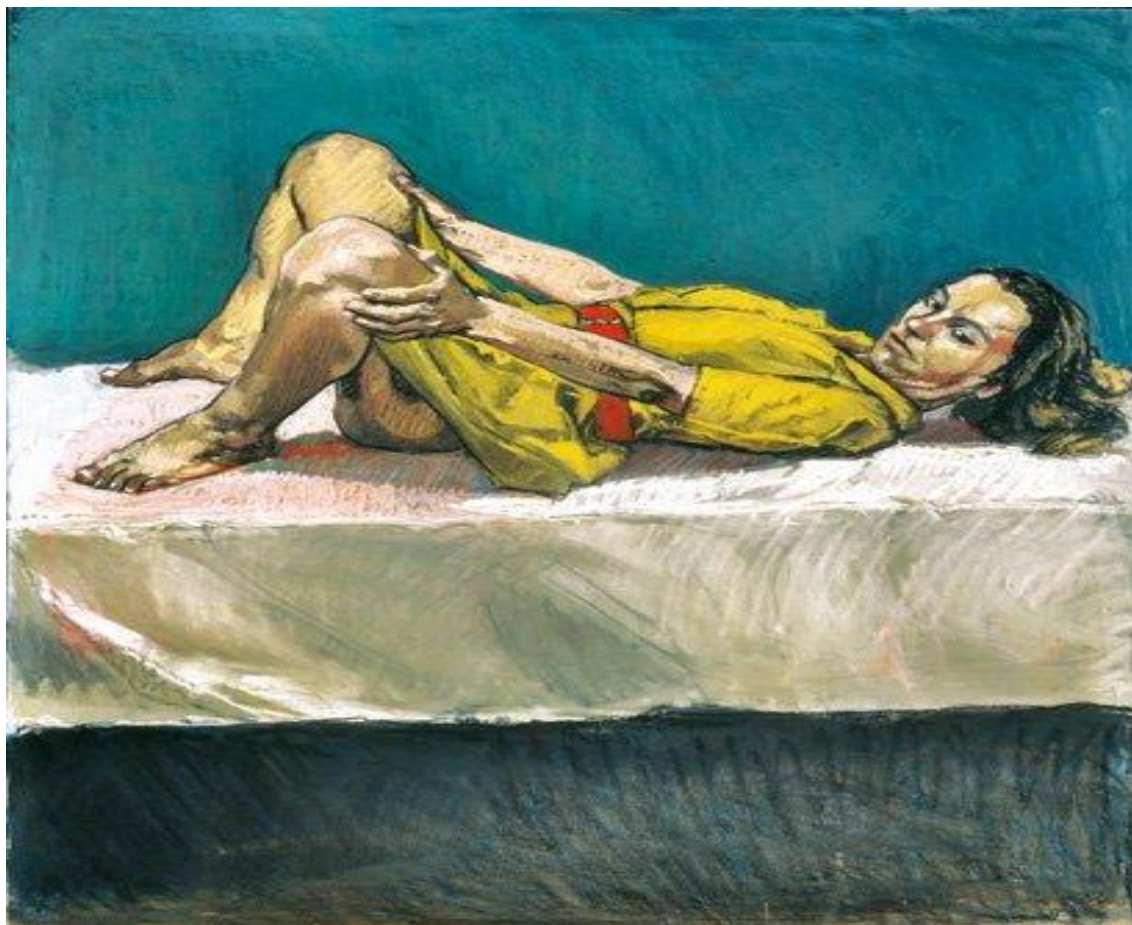
Queremos convidar todos os grupos e organizações a participar connosco em novas ações, particularmente as associações de estudantes estrangeiros, as Repúblicas e outros colectivos, nomeadamente feministas, bem como toda a comunidade estudantil. O nosso ponto de partida será a realização, no dia 4 de Fevereiro, de uma reunião aberta para construir estratégias para o futuro.

Queremos também uma resposta dos órgãos competentes que seja mais eficiente e comprometida seriamente com a resolução e prevenção deste e de outros tipos de discriminação.

Assim, os/as abaixo-assinados/as pedem um posicionamento público da Universidade de Coimbra, repudiando todos os casos ocorridos, comprometendo-se com uma forte campanha de consciencialização contra todas as formas de discriminações; que potencie e melhore os órgãos existentes a que as vítimas possam aceder. Exigimos ainda um inquérito institucional para averiguar ocorrência destas situações, feito em parceria com os estudantes, professores e investigadores que queiram participar na sua elaboração, recolha e tratamento.

Por uma Universidade livre de todas as formas de discriminação!

ANEXO 4 - Paula Rego, S/, Título, N°5, 1998, Pastel sobre papel montado em alumínio, 160 x120 cm.



ANEXO 5 - A pintura de Paula Rego como voz de outras mulheres.



## ANEXO 6 - Nota do Encenador Ricardo Correia.

# OCCUPY

## TEATRO SEM CORTES



EU VOU PROJETER A CARA DE TODOS OS LÍDERES EUROPEUS, LÍDERES DEMOCRATICAMENTE ELEITOS, POR TODOS OS POVOS DA EUROPA, E DISPARAR UM TIRO NA TESTA, ISTO SE JÁ TIVER A SEGURANÇA SUFICIENTE EM NÃO ACERTAR EM NENHUM ESPECTADOR. OU ENTÃO TRANSFORMAR A MINHA MÃO EM FORMA DE ARMA E FAZER PUM. VAMOS VER SE ALGUÉM ME CENSURA.

Excerto da peça *O nascimento da minha violência* de Marco Canale

### NOTA DO ENCENADOR

Este espetáculo é um Manifesto Anti-troika, Anti-Sistema, e a Anti-Precarização que nos querem habituar pela força.

Este espetáculo significa voltar a redefinir hoje a necessidade e a função da nossa Arte, do ofício teatral, face aos acontecimentos políticos globais. É voltar a testar-nos, a colocar-nos em desequilíbrio, em crise.

Nós criámos um espetáculo de Teatro.

E para que é que serve isso, hoje? E para que serve sair à rua? De que nos serve Manifestar? E votar? O que muda? Aparentemente nada. Os direitos continuam a perder-se, os salários e os apoios continuam a cortar-se e o País, esse continua a caminhar em direção a um abismo interminável. E todos os dias pensamos "até aqui tudo bem!" E todos os dias nos vemos ao espelho, apáticos, a reprimir uma raiva incontrolável face à impunidade dos líderes que nos governam e que deixámos que nos trouxessem até aqui.

Por isso mesmo Occupy – Teatro Sem Cortes é um espetáculo construído em forma de protesto, contra a austeridade que nos destrói todos os dias, contra o que nos corrói, contra a imagem de falsos heróis que disparam tiros sobre a cabeça dos líderes e banqueiros Europeus.

Neste espetáculo convidamos as pessoas a Ocupar a Casa da Esquina, durante uma hora do seu tempo, tal como numa reunião clandestina. Sim é ficção. Sim é Teatro. Sim fingimos que estamos indignados. Mas na verdade isso para nós é o mais fácil porque na verdade até estamos mesmo indignados com isto tudo.

Nesta reunião fingimos que falamos diretamente com as pessoas, mas até nos sentamos de verdade à volta de uma mesa para fingir que debatemos o estado do mundo e o nascimento da nossa frustração, em relação à Vida e a esta Arte que fazemos e que já não provoca, não é clandestina, nem censurável.

Adoro fingir. E por isso fingimos que somos uma espécie de Guerrilheiros do Teatro Sem Cortes que têm como armas de revolução: balaclavas, uma câmara de filmar, um punhado de soldadinhos com

cravos na espingarda, um par romântico tirado de uma peça de Shakespeare, e as vozes dos autores que ainda acreditam no poder transformador do Teatro. Eles são a Helena Tornero (Espanha), o Anders Lustgarden (Inglaterra), o Marco Canale (Espanha), o Cristian Soto (Chile) e a Lena Kitsopolou (Grécia).

Estas peças são as nossas armas, que disparam em várias direções, e foram escritas para o Teatro sem Cortes em resposta a diversas temáticas tais como: a crise europeia, o estado do capitalismo global, e o movimento Occupy.

Quando saímos da nossa reunião clandestina e brincamos aos teatrinhos, vestimos máscaras para passar pelos casinos de Las Vegas e jogar a sorte do nosso país nas slotmachines, fazemos transações financeiras na City londrina livres de impostos, manifestamo-nos na Puerta del Sol em Madrid depois da hora permitida pelo Governo Espanhol, colocamos câmaras de vigiar e punimos em Santiago do Chile em todas as casas e ruas, e viajamos até à Grécia, Atenas, para comprar o que o Capitalismo nos prometeu: uma família feliz num supermercado qualquer onde os preços são baixos o ano inteiro.

O teatrinho da Revolução está a começar com estes Guerrilheiros. Não queremos ficar por aqui, nesta sala. Nós queremos sair e ir ocupar mais casas, mais salas, sub-palcos de Teatros Nacionais e as entradas de salões paroquiais. A nossa missão é reconhecer o que é preciso ser feito e fazê-lo, é pensarmos o nosso ofício mais como acção e participação. É, neste século pós-tudo, fragmentado, líquido e sem vínculos; juntar quem faz e quem vê, e não deixar que privatizem a nossa Arte que ainda é um bem Comum.

Estes Guerrilheiros, fingem que foram feitos para resistir. E este espetáculo é o que nós temos mais próximo da realidade como espaço de resistência, de diálogo e de clandestinidade.

Para mim é também voltar a Casa depois de ter andado lá fora, é regressar, criar raízes e matar inimigos a fingir que é a sério.

**Ricardo Correia**

### FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

**Textos** Anders Lustgarden, Cristian Soto, Helena Tornero, Lena Kitopoulou e Marco Canale

**Encenação, dramaturgia e espaço cénico** Ricardo Correia

**Actores** Adiana Silva, Miguel Lança e Ricardo Correia

**Figurinos, adereços e espaço cénico** Filipa Alves

**Som** João Gaspar e Ricardo Correia

**Direção técnica** Alexandre

Mastro

**Produção** Casa da Esquina

**Administração Casa da Esquina**

Carla Martins

**Agradecimentos** Cláudia

Carvalho, Teatrão, Ana Bigote

Vieira, Ilya Semionov, Patrícia

Almeida, alunas do 3º ano da

ESEC, alunos do 10T do CST,

Ana Rosa Assunção, A Escola da

Noite, Sr. Inácio

### TEXTOS

**O nascimento da minha violência** de Marco Canale (Espanha)

**O homem gordo** de Anders Lustgarden (Reino Unido)

**O prepo** de Lena Kitopoulou (Grécia)

**Atentado terrorista** de Cristian Soto (Chile)

**Ontem** de Helena Tornero (Espanha)



### CONTACTOS / RESERVAS

**CASA DA ESQUINA**

Rua Aires de Campos nº 6, 3000-014 Coimbra

Tel. +351 239 041 397

Tlm. +351 929 090 628

geral@casadaesquina.pt

www.casadaesquina.pt

## ANEXO 7 - Informações do European Camp Of Young Feminists.

Acampamento europeu de jovens feministas  
Campement européen de jeunes féministes



# European Camp of Young Feminists

YES, we will camp! Join us!  
Junta-te! Viens avec nous!

4 -12 of August  
Vieira do Minho  
(Portugal)



info:  
feministcamp2013@gmail.com  
feministcamp@blogspot.pt  
[www.indiegogo.com/projects/european\\_young\\_feminists\\_camp](http://www.indiegogo.com/projects/european_young_feminists_camp)

## ANEXO 8 - A dívida dos governos é com as mulheres, não com os bancos.



### **A dívida dos governos é com as mulheres, não com os bancos** **Marchamos por uma vida digna e sustentável**

Nestes tempos sombrios de austeridade, constatamos com indignação o agravamento das condições de vida das mulheres no nosso continente, especialmente no sul da Europa. Em muitos países europeus a crise económica foi usada para concentrar a riqueza e o poder em poucas mãos, explorando ao máximo a força de trabalho, limitando práticas democráticas, reprimindo os movimentos sociais e de cidadania e aumentando o ódio e a divisão entre diferentes sectores da população.

A Europa do capital está saqueando as nossas vidas e direitos, está levando as nossas sociedades a um estado de emergência em que somos nós as mulheres as principais afectadas tanto pelos cortes como pelas políticas conservadoras dos governos liberais que pretendem impor valores baseados no "regresso ao lar" e no modelo de família nuclear contra o que as feministas tanto têm lutado. Nós mulheres, sofremos de maneira diferente os efeitos das crises económicas e sociais porque nos encontramos diferentemente posicionadas nas hierarquias do poder económico, político, social, cultural e simbólico. A divisão sexual do trabalho expressa a hierarquização de tarefas ou de pessoas, assim como ideias ou representações sociais acerca das divisões técnicas do processo produtivo e as relações sociais que nele intervêm e que distribuem as e os trabalhadoras/es por diferentes actividades.

Reclamamos uma vida digna que coloque as pessoas no centro da vida, que ponha em destaque os cuidados perante uma economia que não é algo abstracto nem decisões longínquas, mas que determina e afecta o dia a dia da vida das pessoas. Vida que está em risco perante as políticas de austeridade impulsionadas a partir dos mercados financeiros que empurram os estados para resgatar a banca quando o dever dos governos é resgatar as pessoas.

#### **Marchamos pelo direito das mulheres à soberania económica**

As mulheres não podem ter soberania económica no sistema capitalista. As medidas de austeridade impostas põem em causa a autonomia económica das mulheres, aumentando os seus níveis de desemprego e da sua duração, a precariedade laboral, a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a diferenciação de género nas reformas e outras pensões. As mulheres que eram os rostos maioritários da pobreza serão com estas medidas mais pobres e por isso também mais vulneráveis na violência de género.

Os cortes no investimento do dinheiro público, como por exemplo nos serviços e equipamentos de apoio a menores e a pessoas de terceira idade, ou a mercantilização do acesso a habitação própria constituem um claro impacto da crise que dificultam em grande medida a autonomia das mulheres. Por outro lado, os cortes nos gastos sociais do estado pressupõem sempre um incremento de trabalho doméstico e de cuidados não remunerados (em geral a cargo das mulheres), desta forma, as empresas dispõem sempre de uma força de trabalho disponível em qualquer altura que se contrata em períodos de expansão e se despede em períodos de crise. O risco de agravamento da desigualdade nos usos do tempo de homens e mulheres na família é grande. Acentua-se a ideia, culturalmente já assumida, de que as mulheres pertencem à esfera da reprodução e desvincula-se o homem da responsabilização material e afectiva nestas questões do cuidado de casa, dos filhos/as, das pessoas idosas da família. Vê-se tudo isto acentuado pelo pensamento neo-conservador e austero, que procura impôr valores ao "regresso das mulheres ao lar" bem como as políticas "familiaristas" e assistencialistas de submissão dos direitos individuais ao modelo familiar único e exclusivo, dificultando verdadeiros caminhos emancipatórios das mulheres.

## ANEXO 9 - Temas do I Ciclo de Teatro Manifesto da Marcha Mundial das Mulheres

## AS MULHERES DOS HOMENS

“O que será que nossos homens esperam de nós e que nós nem sabemos ou sabemos e fingimos que não vemos? O meu interesse na resposta começa no meu interesse em que a mulher se foque primeiro nela própria, começa no meu amor confesso pelas mulheres, no meu amor universal e pessoal por cada mulher.”

Achei esta pergunta (via internet) interessante por parte de uma mulher, que tem como quase todas as mulheres o foco da sua vida e interesse pessoal no homem, no parceiro, no marido, no amante ou ainda nos filhos. Não há nada de errado nisso, à partida. O que é fato é que a pergunta é muito elucidativa porque nos mostra como, por outro lado, a mulher pode anular-se e esquecer-se de si própria uma vida inteira...

Embora nada me preocupe pessoalmente nesse ponto e não haja na minha vida nenhum homem, marido, filho ou amante à espera de alguma coisa que eu não saiba ou finja não saber, quero responder a essa questão. A questão colocada assim é muito pertinente e demasiado importante para não aproveitar para puxar à brasa à minha sardinha...e por isso expresso a minha opinião...

O que é que a mulher ignora e desconhece dela mesma ou finge não saber e pensam que os homens esperam?

## “...A REVOLUCIONÁRIO DO SEXO”

Ela quer tirar a “indústria do sexo” da obscuridade...e faz um part-time em Londres, como operadora de chamadas eróticas ela mesmo chamando à unidade de todos os trabalhadores sexuais do mundo...enquanto posa para pintores e estuda antropologia na Universidade.

*In Grande Reportagem*

“Lamento, que esta seja a bandeira de uma antropóloga portuguesa...” Não digo por preconceito, nem porque esteja contra a prostituição como consequência de miséria e ignorância, como consequência de uma divisão secular da mulher, mas estou sim contra as suas causas mais profundas porque sei que a mulher não tem que vender o seu corpo nem o seu sexo, mas encontrar-se a si na sua totalidade e reivindicar uma sociedade justa onde ela esteja em plena paridade com o homem e tenha um lugar que nunca teve em nenhuma democracia e em que não será obrigada a vender o que de mais precisos e belo tem... Uma sociedade onde a mulher se dê por amor e não por dinheiro... Uma sociedade livre onde a mulher pode fazer o que quiser com o seu corpo e com o seu sexo, mas dentro de um espírito diferente... A liberdade da mulher não é lutar pela afirmação da escravização ao sexo a que o homem que a compra ou vende a votou!”

### O ESPAÇO DO SILÊNCIO

“Ensinavam-me e eu aprendia:

“O homo faber; o homo sapiens; o homem é um animal racional; os homens descobriram o fogo-; os homens da pré-história; o homem é um animal religioso; os patriarcas; deus é pai; os faraós; o homem é um animal social; os filósofos gregos; os imperadores romanos; as eternas aspirações do homem; os guerreiros; os cavaleiros; os soldados; os marinheiros; os descobridores; os aventureiros; o homem da renascença; o homem tem sede de conhecimento; os físicos; os matemáticos; os homens lutam pela sua liberdade; os homens fazem o progresso técnico; os homens do governo; a declaração dos direitos do homem; os homens da imprensa; os homens lutam pelo poder; a exploração do homem pelo homem; milhões de homens morrem na guerra; os homens de boa vontade; a arte é uma necessidade do homem; o homem face à natureza...”

Um dia perguntei: Onde estão as mulheres?”

## O PRÍNCIPE E O SAPO

“Achou-a linda e deu-lhe um beijo. Ela acordou e sua vida começou a ser contada sob um novo ponto de vista. O quotidiano imutável nos envenena. É preciso um beijo para despertar para a vida. O verdadeiro príncipe é aquele que nos acorda e nos faz mudar o rumo da nossa história.” Martha Medeiros

Toda a vida nos foi contada a história invertida do Príncipe que havia de chegar e com um beijo acodar as mulheres para um amor eterno. Mentira, o príncipe veio e amarrou-as ao seu castelo. Como quem diz às suas possessões. A história foi deturpada de propósito ao longo dos séculos e faz parte de uma outra história que era a iniciação e sagrada, que é interior e íntima e se refere a integração dos dois lados do ser, feminino e masculino, os dois lados de cada pessoa e que cada sexo representa exteriormente.

Esta história tem um sentido esotérico, mas não é essa versão romântica ou comercial de que é o homem quem vem salvar a mulher, a “bela adormecida”, prisioneira na sua torre, e a acorda para a vida. Na verdade a história é bem outra e a bela da adormecida é a alma humana ou a anima, o lado feminino da humanidade que a mulher encarna por excelência e que foi suprimida da história, ocultada pela igreja dogmática e misógina e ignorada pela cultura patriarcal, como que banindo a mulher da história e das religiões, e psicologicamente recalcado e esquecido na psique humana.

Na alquimia ou na psicologia Yunguiana, percebemos que a consumação da obra (ou a realização do ser) se faz na união dos dois pólos opostos complementares dentro do próprio indivíduo, não apenas no símbolo que o evoca a sim através da relação erótica de dois seres, simbolizando na forma do casamento-união de fato. A atração dos exo é a busca de complementaridade de dois em um e não é restrita a sexos opostos, mas também a energias complementares que tanto se pode expressar entre mulher-mulher como homem-homem.

O chamado amor não é mais do que essa energia e força mortiz inicial que procura a consumação de dois em Um, independentemente do gênero e que busca essa união ou fusão tanto dentro como fora.

Assim a Anima deve despertar dentro do ser, tanto na mulher como no homem. Não devemos esquecer que se chegou ao ponto de se afirmar que a mulher não tinha alma.

Cabe, no entanto à mulher, como iniciadora, o papel de espelhar ou acordar a alma no homem e não o contrário, como nos foi contado nas histórias de encantar... O mito foi pervertido para minimizar a mulher que continua a enganar-se a si mesma e a diminuir-se,

assim como as outras mulheres, na expectativa de que seja o homem, o príncipe que a venha despertar. Mas cabe-lhe a ela acordar em si mesma para o seu potencial de mediadora das forças.

Diferentemente do homem, que pode sofrer alguma fragmentação da personalidade, em termos psicológicos, a mulher é fragmentada ao nível do seu ser quando é dividida, para o domínio patriarcal de exercer, em duas mulheres (santa e prostituta), sofrendo uma cisão interna desde criança. Anulada enquanto indivíduo, dirigida que é exclusivamente para a reprodução e serviço do macho, começa por ser obediente ao pai e a servir os irmãos e depois, naturalmente, já bem amestrada, ao marido ou aos chefes! Ou então, se não se submeter às suas leis, é condenada a prostituta mesmo que não seja e trabalhe apenas nos diferentes ramos a que poderá ter acesso, hoje em dia os mais variados; mas nunca, por mais que ela tenha feito para se valorizar, nem um curso superior, nada lhe dará a “dignidade” que o casamento lhe confere nas sociedades falocráticas.

Independentemente de todos os movimentos feministas, as mulheres não conseguiram reestruturar o seu ser e integrar todas as suas faces de Eva, submissa, porque há uma Lilith, a renegada e a diabólica, que sempre lhe falta, pois a sua opção nunca poderá ir além de santa (mãe de família e esposa) ou prostituta... Quer ela seja livre, independente e escritora ou política...

Era assim que era vista pelos homens há 50 anos e foi assim que continuou a ser considerada, ainda que inconscientemente e apesar das aparentes mudanças, revoluções sociais e políticas que nada mudaram no fundo da psique. E nada mudou efetivamente nesse sentido, apesar das leis e dos discursos das próprias mulheres (de) formadas nas suas universidades que apenas pensam (como eles) a sua “liberdade”, fazem discurso machista sem enxergarem a si mesmas ao nível da sua dualidade ou não-identidade profunda.

Travessia para Avalon, Jean Shinoda Bolen

Rosa Leonor Pedro

## APÊNDICE 1

<b>FORMULÁRIO DE ENTREVISTA PARA A DOCENTE</b>					
Local da Entrevista: Data da Entrevista: Perfil: Duração: Idade: Observação:					
<b>Problemática</b>	<b>Dimensões Institucional</b>	<b>Contexto</b>	<b>Dimensões Político</b>	<b>Contexto</b>	<b>Entrevistada</b>
Feminismo	O que pensa em relação ao Feminismo e onde pensa que ele está?		Tem ideia de quais são os temas mais importantes do Feminismo?		
Feminino	Como o Feminismo reflete na formação acadêmica? Etapas da vida acadêmica e possibilidades que teve aqui?		Tem ideia de quantos grupos feministas há em Belém? Etapas da vida acadêmica e possibilidades que teve fora?		
Estudos e Pesquisas	Etapas do GEPEM				

## APÊNDICE 2

<b>FORMULÁRIO DE ENTREVISTA PARA AS MILITANTES FEMINISTAS</b>		
<p>Estou a contatá-la no sentido de oferecer uma entrevista sobre a sua experiência na Marcha Mundial das Mulheres no contexto de uma investigação para um Trabalho de Conclusão de Curso, para qual, interessa saber, além da sua experiência na marcha, um pouco sobre as formações, ações, em termos dos feminismos na cidade de Belém.</p>		
<p>Perfil: Idade: Data:</p>		
<b>Problemática</b>	Dimensões 1	Dimensões 2
<p><b>Percurso Escolar e Profissional</b></p>	<p>Nível de Escolaridade Apreciação sobre o percurso escolar Nível de satisfação. Profissões desempenhadas</p>	<p>Que formação pensava ter ou gostaria? No percurso escolar o que pensava em relação aos feminismos?</p>
<p><b>Percurso Feminista</b></p>	<p>Entrada na Marcha Mundial das Mulheres (quando, porquê)</p>	<p>Como caracteriza o nível de politização até a entrada na Marcha Mundial das Mulheres? Que nível pensa ter agora? Como caracteriza o nível de formação na marcha (constante, ascendente, descendente)?</p>

<b>Experiência de Militância Feminista</b>	Marcha Mundial das Mulheres de Belém no Pará	Que aspirações é que você tem em relação a marcha, em termos de ações? Em relação ao feminismo com que mais se dá, pensa que é difícil ser feminista? Qual a sua opinião em relação a marcha? Quais os temas que gosta mais e menos? Como descreveria a sua experiência de militância na Marcha Mundial das Mulheres de Belém?
--	--	--

